



Manuela Cristina de Souza

***A “Roda da vida no ambiente escolar:
uma vivência intergeracional de Educação Musical.***

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

- Manuela Cristina de Souza -

***A “Roda da Vida” no ambiente escolar:
uma vivência intergeracional de Educação Musical.***

São Carlos - SP

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Nível : Mestrado

Área de concentração: Processos de Ensino e de Aprendizagem

Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Processos Educativos

A “Roda da Vida” no ambiente escolar:
uma vivência intergeracional de Educação Musical.

Autora: Manuela Cristina de Souza

Orientadora: Profa. Dra. Ilza Zenker Leme Joly

Este trabalho é parte dos requisitos do
Programa de Pós Graduação em Educação,
do Centro de Ciências Humanas
da Universidade Federal de São Carlos,
para obtenção do título de Mestre em Educação.

São Carlos - SP

2012

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S729rv

Souza, Manuela Cristina de.

A "Roda da Vida" no ambiente escolar : uma vivência intergeracional de Educação Musical / Manuela Cristina de Souza. -- São Carlos : UFSCar, 2012.

93 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2012.

1. Educação. 2. Práticas sociais e processos educativos.
3. Educação musical intergeracional. 4. Cultura e memória.
I. Título.

CDD: 370 (20^a)

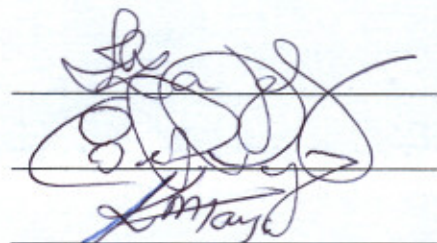
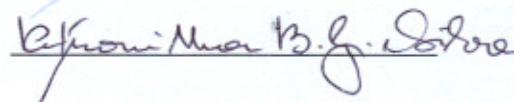
BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ilza Zenker Leme Joly

Profª Drª Enny José Pereira Parejo

Profª Drª Keila de Mello Targas

Profª Drª Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'Ilza Zenker Leme Joly', written over three horizontal lines.A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva', written over three horizontal lines.

Okolofé Olorun!

*À rainha e mãe das águas,
por me permitir olhar para mim mesma...*

Agoye Iemanjá!

A todos nossos ancestrais,
*por sua presença espiritual, sua herança cultural
e pelo que hoje somos...*

A minha família,
*por compreender meu vôo do ninho
e me apoiar com muito amor na caminhada da vida...*

Ao Chico, meu amor e companheiro,
*por sua presença transformadora em minha alma
e por acompanhar meus humores com respeito e afeto...*

A Nana e Lara, filhas preciosas,
*por nascer em mim um amor incondicional
e por me ensinarem novamente o que é ser criança...*

Que a paz de Oxalá esteja com todos...

Exeue Babá!

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer **às educandas e aos educandos da Universidade Aberta da Terceira Idade** por me ajudarem a compreender o envelhecimento como processo que vivenciamos a cada dia de nossas vidas, e agradecer com um carinho especial às **mulheres do Grupo de Roda**, que para mim se tornaram não apenas colaboradoras nesta dissertação, mas pessoas que merecem todo meu respeito e admiração por seu compartilhar nas Rodas.

A disposição e entrega de cada uma ao participar das ações e reflexões neste trabalho, com toda sua humanidade, seus afetos e conflitos, foi o que incentivou cotidianamente minha dedicação e envolvimento com a pesquisa... Obrigada por *encantarem nossas Rodas*, e como já disse antes: *quando eu crescer quero ser assim!*

Agradeço também a todas e todos educadoras/es e pesquisadoras/es que participam da **Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos – PPGE/UFSCar**, em especial aos colegas com quem convivi durante as disciplinas do programa, pelo compartilhar dialogado de visões de mundo e pela coragem em se assumirem militando por um mundo mais justo e humanizado...

Carinhosamente, agradeço à **Ilza**, professora querida que me acolheu nesta inserção no campo da pesquisa científica, por suas contribuições e incentivos como educadora musical e pelo apoio maternal como orientadora desta dissertação.

Às demais professoras da Banca, **Petronilha, Enny, e Keila**, agradeço pelas sugestões preciosas nos exames, pela oportunidade de encontro e pela proximidade de diálogo nas voltas que o mundo dá.

Muito obrigada a vocês todas, pela paciência e carinho com que se dedicaram à leitura do trabalho, pelo amadurecimento das reflexões, e por aceitarem a entrar na *Roda da Vida*...

Com encanto e com afeto, agradeço com meu canto a todas as flores e todos os olhares trocados e experimentados na musicalidade da **“Roda da Vida”**, que com suas cores e sabores me fazem acreditar na possibilidade de uma vida mais bela:

Aos mestres da cultura popular de nosso país, por sua força e resistência ao transmitir nossos saberes e tradições de geração em geração...

A todas e todos gestoras/es e educadoras/es da Fundação Educacional São Carlos e da Secretaria Municipal de Educação, pelo incentivo e apoio na realização deste projeto, por dialogarem com minhas *invenções artísticas* no ambiente de trabalho, e por cotidianamente poder me formar como educadora musical ao lado de vocês...

A toda a comunidade escolar por onde nossa Roda girou: **crianças e seus familiares, professora/es e funcionárias/os das escolas**, e em especial ao **Centro Municipal de Educação Infantil Cônego Manoel Tobias**, por se entregarem à cantoria e soltarem seus corpos nas rodas e por me fazerem conhecer melhor a *Tia Manu*...

À coordenação e às bolsistas do PROEXT Cultura SP, pela participação nas rodas do projeto em ambiente escolar, cuja realização ampliou potencialmente a qualidade deste trabalho de intervenção.

Como diria Lia de Itamaracá: *“essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós”!!!*

Agradeço ainda, com amor e gratidão, às pessoas que durante os últimos anos de minha vida fazem parte de minha casa, por sua presença em minhas experiências sensíveis e emotivas, e para que possamos nos encontrar mais vezes nas rodas encantadas da vida:

A meu **pai** e minha **mãe**, por ser parte deles no mundo e por se dedicarem a minha *criação*...

A minha **irmã**, meu **irmão**, minha **madrinha** e todos meus **familiares**, por acompanharem meus passos e confiarem em *meu jeito de amar*...

A **Emojê** e ao **Ylê Omolokô**, por me apresentarem *Ajojê*, pelos conhecimentos espirituais e pela abertura de um novo *olhar* em minha vida...

Ao *peçoal* do **Rochedo**, mestres e batuqueiros rochas, pelo respeito na caminhada coletiva e por tecerem o grupo com fios de ouro...

Aos **amigos e amigas** nesta caminhada cíclica, arquitetos e educadores, urbanistas e artistas, pelas ricas interações e reflexões, e em especial a **Bi e Pati**, pelo apoio e ajuda *em cima da bucha*...

Às minhas princesas **Nana** e **Lara**, que a cada momento *adoçam* minha vida com seu jeitinho amoroso e travesso, por me fazerem cantar de novo e pelos cabelos brancos...

Ao **Chico**, homem que amo e admiro, por ser meu amigo e companheiro nos percursos cotidianos, e por sua força e confiança ao me *acolher* no lar, em seus braços e em sua vida...

Amo muito todos vocês!!!

Resumo

SOUZA, Manuela Cristina de. **A “Roda da Vida” no ambiente escolar: uma vivência intergeracional de educação musical.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2012.

Esta dissertação de mestrado trata da investigação de um processo de educação musical entre idosas e crianças, e traça uma reflexão sobre algumas das mudanças culturais das últimas décadas, a partir da convivência dialogada com um grupo de mulheres em processo de envelhecimento, numa instituição educacional em cidade do interior do estado de São Paulo. As práticas sociais investigadas trabalham com a memória musical coletiva como instrumento de reflexão, sensibilização e valorização da identidade, e buscam desenvolver uma metodologia de interação entre gerações que respeite o imaginário cultural das agentes culturais envolvidas pela pesquisa. Este trabalho aborda a música como linguagem expressiva dos valores e costumes do povo brasileiro, e aponta a Educação Musical como um processo de construção social potencialmente humanizador, que deve se dar por meio da práxis educacional crítica e criativa. Entende também que os processos educativos não se dão somente nas instituições formais de ensino, mas essencialmente nas relações culturais e artísticas do imaginário popular, pela transmissão oral de valores entre diferentes gerações. Num processo metodológico de olhar e compartilhar conhecimentos sobre a “Roda da Vida”, a questão de pesquisa é compreender os processos educativos desencadeados por vivências intergeracionais e refletir sobre as diferentes percepções e visões de mundo deste grupo de mulheres colaboradoras, por meio da sistematização e análise de rodas de conversa e de registros textuais e audiovisuais. O processo de análise dialogada dos registros e a organização dos resultados encontrados, procuram apontar alternativas metodológicas de diálogo entre pesquisa e intervenção, e esperam contribuir com outros estudos que abordem relações interculturais no ambiente escolar.

Palavras-chave: Processos Educativos, Educação Musical Intergeracional, Cultura e Memória.

Abstract

SOUZA, Manuela Cristina de. *The "Circle of Life" in a scholar environment: an intergeneration experience of Musical Education*. Master's Thesis. Education Graduate Programme of Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2012.

This Master's thesis deals with the scientific investigation of a process of musical education among the elderly and children, and aims to draw a reflection on some of the cultural changes of recent decades, from acquaintanceship dialogued with a group of women in the aging process, in a educational institution located in a country town in the state of Sao Paulo. The social practices investigated work with the collective musical memory as an instrument for reflection, awareness and appreciation of identity, and seek to develop a method of interaction among generations that respects the cultural imaginary of cultural agents involved in the research. This intervention makes use of music as expressive language of values and habits of the Brazilian people, and highlights the Musical Education as a process of social construction potentially humanizing, which must occur through critical and creative educational praxis. It believes that the Brazilian educational processes not only occur in the formal institutions of education, but firstly on cultural and artistic relations of the popular imagination, the oral transmission of values, among different generations. In a process of looking and collectively share knowledge on the "Roda da Vida" (Circle of Life), this research aims to understand the educational processes initiated by intergenerational experiences and reflect about different perceptions and world views of this group of collaborators women through systematization and analysis the circle of conversation and textual and audiovisual records. The process of dialogic analysis of content and organization of results, looking for alternative solutions methodological dialog among research and intervention, and hope to contribute with other studies of intercultural relations at school.

Keywords: Educational Process, Intergenerational Musical Education, Culture and Memory.

LISTA DE DIAGRAMAS E QUADROS

DIAGRAMA 1 – CAMINHO METODOLÓGICO	50
DIAGRAMA 2 – REDEMOINHO DO RIO	81

QUADRO1 - ARTICULAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	54
QUADRO 2 MODELO DE VIVÊNCIAS COM O GRUPO DE RODA	66
QUADRO 3 - EXEMPLO DE VIVÊNCIA INTERNA	70
QUADRO 4 - EXEMPLO DE VISITA DO GRUPO DE RODA AO CEMEI	71
QUADRO 5 - EXEMPLO DE REFLEXÃO COLETIVA E PLANEJAMENTO DO GRUPO ...	73
QUADRO 6 - ATIVIDADES DE ENCERRAMENTO DO SEMESTRE	74

SUMÁRIO

0. APRESENTAÇÃO	1
0.1 – TRAJETÓRIA PESSOAL: experiências educacionais e reflexões iniciais	3
0.2 – PROJETO “RODA DA VIDA”: breve histórico das intervenções	6
0.3 – PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS: intenções de estudo e diálogo com a Linha de Pesquisa	8
0.4 – O PROJETO DE PESQUISA: questão central, objetivos e procedimentos	10
RECORTE TEMÁTICO E AMBIENTE DE PESQUISA	12
1. CONTEXTUALIZAÇÃO:	
as vivências na “Roda da Vida” e a inserção no campo de estudos	13
1.1 – APRESENTAÇÃO DA PRÁTICA SOCIAL: o Grupo de Roda	17
1.2 – REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS DO PROJETO “RODA DA VIDA”: porque tudo que criamos vem de algo que conhecemos	18
1.3 – CAMINHADA COLETIVA NAS RODAS: compartilhando experiências intergeracionais	20
1.4 – INSERÇÃO DA PESQUISA: o Grupo de Roda e a Roda de Conversa	24
2. REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1 – EDUCAÇÃO E CULTURA: diálogos necessários	29
2.2 – EDUCAÇÃO E MEMÓRIA: sobre o envelhecer na contemporaneidade	33
2.3 – EDUCAÇÃO MUSICAL INTERGERACIONAL: um conceito em construção	37
3. UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO:	
as vivências intergeracionais em Roda no ambiente escolar	42
3.1 – METODOLOGIA: percorrendo o caminho da pesquisa nas Rodas e fortalecendo relações de confiança	45
3.2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: a intervenção como contexto para a realização da pesquisa	50

4. RESULTADOS E ANÁLISE:

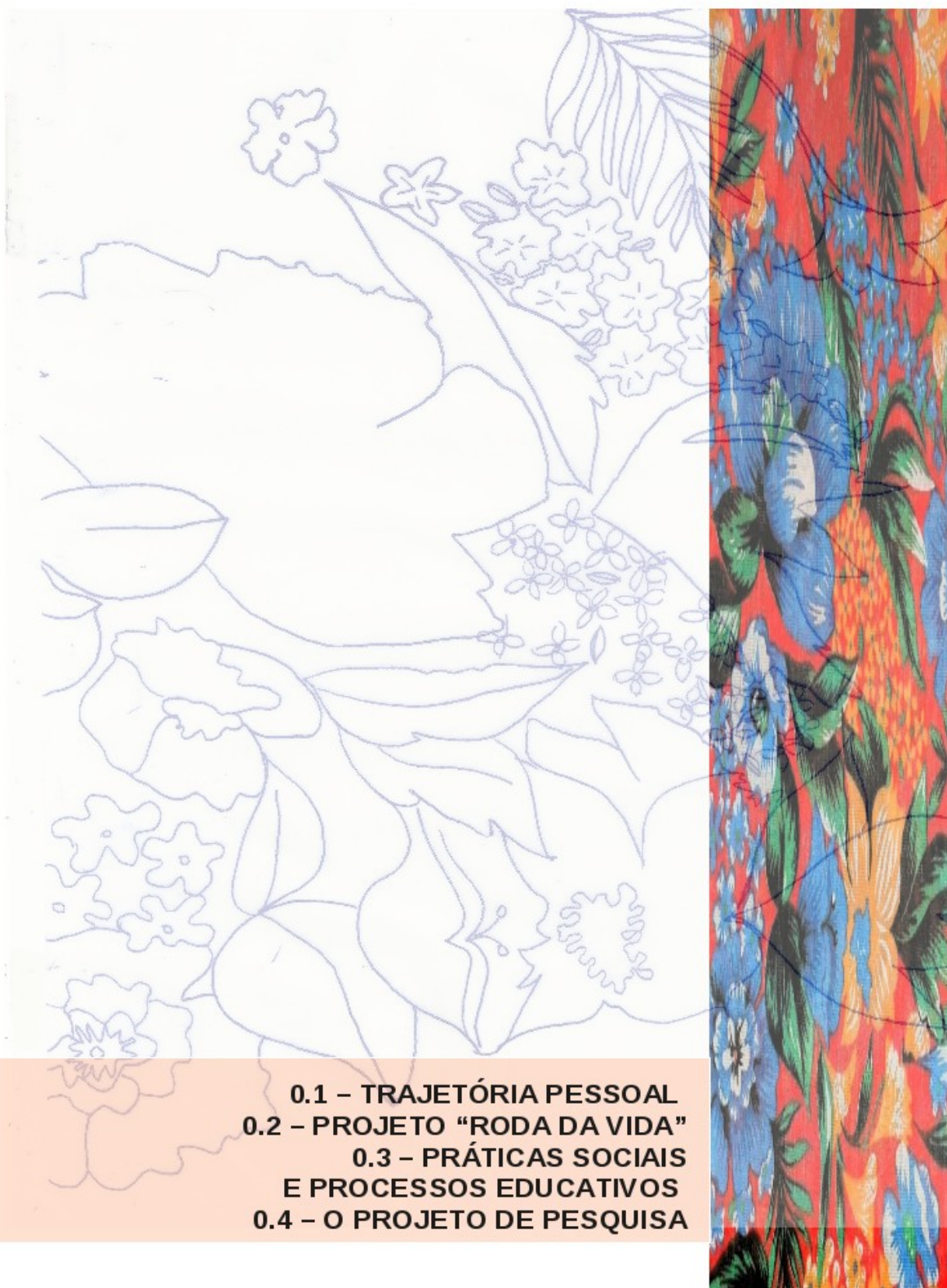
que processos educativos se deram a conhecer?	56
4.1 – VISÕES DE MUNDO E INTENCIONALIDADE NO GRUPO DE MULHERES	58
EDUCAÇÃO MUSICAL	59
COLETIVIDADE	60
ENVELHECIMENTO	61
4.2 – PROCESSO EDUCATIVOS SOBRE APLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA	63
4.3 – PROCESSOS EDUCATIVOS NA “RODA DA VIDA”	67
RODAS DE CONVERSA	68
VIVÊNCIAS INTERNAS	69
VISITA DO GRUPO DE RODA	71
REFLEXÃO COLETIVA E PLANEJAMENTO DO GRUPO	72
APRESENTAÇÕES E VIVÊNCIAS EXTERNAS	74
4.4 – PROCESSOS EDUCATIVOS VARIADOS NO GRUPO DE RODA	75
RELAÇÕES INTERNAS DO GRUPO	76
RELAÇÕES ENTRE O GRUPO E AS CRIANÇAS NO AMBIENTE ESCOLAR	79
O GRUPO DE RODA EM SITUAÇÃO DE APRESENTAÇÕES	80
4.5 – PROCESSOS EDUCATIVOS VIVENCIADOS PELA EDUCADORA E PESQUISADORA	81
INTERAÇÃO ENTRE GERAÇÕES	83

5. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

projetando novos horizontes	86
--	-----------

REFERÊNCIAS

ÁLBUM DE FOTOS



- 0.1 - TRAJETÓRIA PESSOAL
- 0.2 - PROJETO "RODA DA VIDA"
- 0.3 - PRÁTICAS SOCIAIS
E PROCESSOS EDUCATIVOS
- 0.4 - O PROJETO DE PESQUISA

0. Apresentação

0. APRESENTAÇÃO



*"(...) não sei que apelo tradicional,
que coincidência de raça e de corpo ou mesmo que piedade carinhosa me leva,
sei mas é que em vão reconheço a precariedade
muitas vezes primaríssima dos cantos de minha gente.
Eles me comovem mais que nada
e mesmo neste momento só por falar neles e os sentir revoando em torno de mim
sinto próxima a lágrima e é a competição dos preconceitos que a afugenta ou vence
e não sinto nada mais que um vago desprazer de mim mesmo."
(Mário de Andrade¹)*

Esta Dissertação de Mestrado procura compreender que processos educativos se realizam em vivências de música e dança em roda, por meio da análise de um processo de educação intergeracional². A investigação se dá no contexto do projeto **“Roda da Vida – (en)cantando a cultura popular brasileira”**, que desde 2008 é um trabalho de aproximação da geração de mulheres em processo de envelhecimento ao cotidiano de escolas municipais, e que se propõe a desenvolver coletivamente uma prática pedagógica intergeracional junto ao sistema formal de educação pública, realizando vivências em roda que instigam a troca simbólica e afetiva pela convivência artística com a diversidade da cultura popular.

1 Em: OS COCOS - preparação, ilustração e notas de Oneyda Alvarenga. Belo Horizonte / MG. Ed. Itatiaia, 2002.

2 O conceito de intergeracionalidade será explorado de forma dialogada ao longo da Dissertação, e portanto a partir da experiência vivenciada entre um grupo de mulheres em universidade de terceira idade, e crianças de escolas de educação infantil.

O trabalho de pesquisa apresenta algumas visões acerca do processo de envelhecimento e suas implicações na sociedade brasileira contemporânea, e procura refletir sobre algumas das mudanças culturais que nas últimas décadas dizem respeito a estas interações entre gerações.

A Prática Social investigada utiliza-se da Música como linguagem dinâmica e expressiva dos valores e costumes do povo brasileiro, e aponta a Educação Musical como um processo de construção social potencialmente humanizador, que deve se dar através da práxis³ educacional crítica e criativa.

0.1 TRAJETÓRIA PESSOAL: experiências educacionais e reflexões iniciais

Quando comecei a atuar profissionalmente na cidade de São Carlos - SP, após a formação universitária como arquiteta e urbanista⁴, passei a refletir mais intensamente sobre os aspectos e valores culturais que definiam minha postura política enquanto pensadora de espaços urbanos socialmente periféricos, em como estes projetos e intervenções se propunham a humanizar a “realidade” das pessoas que habitavam estes lugares, e em quanto efetivamente teriam condições de fazê-lo nos determinados contextos e relações sociais e históricos.

Vinha de Ribeirão Preto – SP com uma formação em escolas particulares, apoiada em valores familiares que sempre priorizaram e trabalharam uma vida inteira por uma educação de qualidade, complementada por um intenso e também familiar processo de aprendizado artístico e expressivo: estudei música por 10 anos⁵, até concluir o curso técnico em piano erudito.

Ao me inserir na universidade pública em 1997, ainda bastante jovem, tive contato com educadores que não só me instigaram a descobrir uma ampla realidade cultural e artística (neste momento, ainda “distante” da restrita visão de mundo que eu conhecia), mas que também despertaram meu olhar e sensibilidade para a contemporaneidade e sua conseqüente segregação social e urbana. Durante a graduação, estas questões e relações humanas me instigavam

3 Este conceito de prática educativa baseia-se no constante diálogo entre ação e reflexão, tendo Paulo Freire como referência pedagógica. Tal perspectiva educacional considera a diversidade cultural nos ambientes escolares, cujo espírito dialógico procura promover ações emancipatórias onde se valorize a vida e a justiça, contribuindo para tornar as relações sociais mais humanizadas.

4Curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da EESC/USP - Escola de Engenharia de São Carlos, da Universidade de São Paulo – 1997 a 2001.

5 Neste processo educacional, minha madrinha foi minha professora e estava consolidando uma escola de música, onde sempre nos incentivou à realização de atividades musicais coletivas e onde pude iniciar minha atuação como educadora musical.

profundamente, bem mais do que os estudos e cálculos referentes ao projeto arquitetônico, e neste sentido direcionei meus estudos para pensar (e posteriormente atuar) sobre os projetos de urbanização de favelas.

Naquele período de formação e iniciação profissional, buscava compreender como se estrutura a relação entre o espaço urbano e a organização sociocultural que o constrói. Tinha como objetivo

(...) lutar pela possibilidade de construção coletiva de uma sociedade que busca o bem comum, de concepção de uma cidade que proporcione iguais condições de habitabilidade a seus cidadãos, e de que estes se enxerguem como sujeitos ativos, e portanto responsáveis, na consolidação deste ambiente urbano. (SOUZA, Manuela de, 2001)

Apesar do interesse e satisfação alcançados nestes trabalhos, algumas inquietações ainda me incomodavam: até que ponto o desenho do espaço urbano, e a garantia das condições mínimas de infra-estrutura para habitar a cidade com dignidade, tinham o potencial de transformar o cotidiano das relações sociais e culturais em comunidades dominadas e massacradas pelo sistema capitalista? Acreditava que a participação ativa da população nos projetos de melhoria das favelas deveria reforçar o envolvimento político e dinamizar o aprendizado no processo de reivindicação dos direitos básicos do serviço público, mas que este processo de conscientização deveria ser lento e articulado com outras áreas de conhecimento e de atuação política.

Neste período de descobertas intensas perante a vida, tomei contato corporal e espiritual com manifestações artísticas da cultura popular afrobrasileira, compreendendo e me identificando com algumas das relações sociais e valores culturais decorrentes de sua resistência à condição de opressão, tais como os processos educativos que se realizam pelo enraizamento cultural, pela oralidade e pela vivência das tradições comunitárias e saberes ancestrais.

Num processo de aproximação com as raízes e os mestres destas práticas sociais da cultura popular, conheci a capoeira, o samba, a ciranda, o coco de roda, o maracatu, o candomblé...⁶ e nestas Rodas me envolvi intensamente com sua expressividade artística, procurando incorporar em

6 Não é objetivo deste estudo ampliar explicações acerca destas práticas sociais, mesmo porque acreditamos que só é possível conhecer ou descobrir tais manifestações culturais pela vivência cotidiana e envolvimento espiritual, porém consideramos importante esclarecer as referências culturais a que nos referimos: o samba de roda como momento de interação e entusiasmo nas rodas de capoeira angola (cujo sutil contato tive inicialmente em minha experiência universitária); as rodas de ciranda e coco que descobri em Pernambuco e procurei conhecer mais sistematicamente na Escola Prego Batido em São Paulo; o maracatu de baque virado que nasce e vive em Recife, mas que há alguns anos vem se disseminando por todo o país, cuja prática me alimenta e revigora a cada zoada; o candomblé que vivenciei no Ilê Omoloko em São Carlos, onde fui iniciada por mãe Emoje Lambo, e conheci uma nova maneira de sentir e de olhar o mundo a nossa volta...

minhas primeiras atuações como educadora musical os processos educativos relacionados às músicas e danças que se realizam em interação ao imaginário e à religiosidade populares. De maneira especial, vale destacar aqui meu envolvimento dinâmico e afetivo com o Grupo Rochedo de Ouro⁷, que desde 2002 atua na região de São Carlos e trabalha com a expressão artística da música e da dança do Maracatu de Baque Virado, participando dele intensamente nas diferentes fases de minha própria vida e *criando* minhas filhas nesta caminhada coletiva.

Na busca de suas raízes, meu companheiro e eu procuramos *beber na fonte* desta manifestação cultural e nos familiarizamos com uma das comunidades de origem do maracatu de baque virado em Pernambuco, a Nação Estrela Brilhante do Recife⁸. Além do envolvimento com integrantes da Nação Estrela, felizmente tivemos algumas oportunidades de conviver mais intensamente com Walter França (mestre da percussão), Mauricio Soares (dançarino da corte), Eder o Rocha (percussionista e educador), D. Marivalda (rainha da Nação), e outras tantas pessoas que nos acolheram em sua terra e que sempre nos ensinam muito sobre as tradições desta cultura, quando visitam *nossa terra* para promover vivências e trabalhar com o desenvolvimento do grupo em São Carlos.

Inserida nos contextos destas práticas sociais descobri que, apesar de toda a complexa situação habitacional e econômica em que vivem comunidades de “periferias” urbanas e sociais, as pessoas que participam destas manifestações artísticas populares se unem em torno de uma identidade coletiva, que se enraíza nas rodas da cultura afrobrasileira: as vivências culturais tecem um vínculo comunitário que, sustentado pela arte, fortalece sua sobrevivência, a partir de um amplo processo educativo que tece redes de apoio solidário e de reconhecimento cultural.

A partir de então, passei a compreender que a Educação pode e deve ser entendida como potencial instrumento de transformação e também de manutenção de valores sociais, colocando-se como um campo de atuação e luta social que busca suprir as necessidades humanas. Me senti determinada a me conhecer melhor como educadora e a buscar ampliar minha formação na arte de educar, procurando construir uma práxis reflexiva que pudesse estabelecer um diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes das Rodas da cultura popular.

7 Recentemente o grupo se formalizou na Associação Cultural Rochedo de Ouro.

8 Visitei a Nação em 2003 e em 2005 tive a oportunidade de participar dela dançando como catirina durante o carnaval.

0.2 PROJETO “RODA DA VIDA”: breve histórico das intervenções

Em 2005, ainda me aventurando nas primeiras experiências com a maternidade, fui chamada por concurso público para atuar como Educadora Musical na Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), um dos programas da Fundação Educacional São Carlos (FESC)⁹. Neste trabalho, no qual permaneço até hoje, venho amadurecendo não só minha atuação profissional como educadora, mas essencialmente minhas relações sociais como pessoa.

Nas reflexões em sala de aula e utilizando a Música como linguagem expressiva, vamos traçando coletivamente uma compreensão sobre algumas das mudanças culturais do último século, dialogando sobre as experiências vivenciadas por educandas e educandos do programa (a maioria mulheres e alguns homens).

Como Educadora Musical da Universidade Aberta da Terceira Idade, um dos programas da Fundação Educacional São Carlos, em 2008 tive a oportunidade de participar do curso de formação para educadores da rede municipal “**Música em Movimento**”, promovido pelo curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de São Carlos, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e a Escola Municipal de Governo -FESC. Além das atividades realizadas durante as aulas, o curso previa também a experimentação destas atividades em nossa própria prática educativa para a elaboração de um portfólio, donde propus a oficina “**(en)Cantando em Roda**” para o público da UATI-FESC.

Questionando com as educandas da oficina sobre os papéis sociais que exercemos ao longo da vida e a postura política que assumimos diante destas reflexões, realizamos neste período algumas vivências intergeracionais na escola de minhas próprias filhas, motivadas pelas atividades do curso e contando com a receptividade da direção e do corpo docente do CEMEI Cônego Manoel Tobias.



⁹ A UATI-FESC é vinculada ao poder público municipal, atende a pessoas acima de 40 anos e busca promover a melhoria da qualidade de vida deste público, através da promoção de atividades de formação permanente: educacionais, físicas e culturais.

Em 2009 essas vivências intergeracionais em roda foram ampliadas e formalizei o projeto **“Roda da Vida – (en)cantando a cultura popular brasileira”**.

Este trabalho foi implementado em parceria com o batuqueiro e educador Chico Simões (meu mestre e companheiro de vida), numa proposta-piloto desenvolvida junto a dois Centros Municipais de Educação Infantil¹⁰ - fruto da parceria institucional entre a Fundação Educacional São Carlos e a Secretaria Municipal de Educação.



Além de minha intervenção direta no desenvolvimento semanal das rodas, as atividades realizadas coletivamente junto a professoras e professores, crianças e familiares dos CEMEIs, contaram também com a participação de educandas e educandos dos *Grupos Artísticos de Música*¹¹.

Em 2010, as parcerias institucionais se consolidaram e o projeto “Roda da Vida” se ampliou¹² no diálogo com alunas e professoras do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de São Carlos, através da aprovação do projeto **“Música para todas as idades: memória e cultura na convivência entre gerações”**, coordenado pela Profa. Dra Ilza Zenker Leme Joly, junto ao PROEXT Cultura SP.

As atividades nas escolas passaram a ser realizadas por uma equipe de trabalho – Flávia, Mariane e Ananda (alunas bolsistas da UFSCar), além de Flávia e Ana (professoras da SME) – pessoas com quem tive o prazer de compartilhar experiências educacionais nas rodas realizadas nos CEMEIs, e que aos poucos se envolveram também com o grupo de mulheres da UATI.



10 CEMEI Cônego Manoel Tobias e CEMEI Dom Ruy Serra. (2009)

11 Os Grupos Artísticos de Música da UATI são formados por homens e mulheres matriculados nesse programa da FESC: grupos de Coral, Seresta, Samba e Roda.

12 Continuidade no CEMEI Cônego Manoel Tobias e implementação no CEMEI Marli de Fátima Alves. (2010)

Em 2011, apesar das intenções coletivas de continuidade, a equipe de trabalho foi reduzida



pela indisponibilidade de orçamento, porém a estrutura de atividades do projeto¹³ se propôs à formação de novos agentes culturais, ampliando a atuação do grupo de mulheres da UATI-FESC em diferentes ambientes escolares e aprofundando as vivências educacionais do projeto pelo diálogo com professores da rede municipal.

Neste sentido, amplia-se também minha preocupação e responsabilidade em refletir sobre a práxis coletiva no projeto “**Roda da Vida**”: seus conceitos e aspectos pedagógicos, seus vínculos afetivos e institucionais, seus diálogos culturais e políticos... Procurando conhecer melhor as origens e significados do que vem constituindo minha visão de mundo, a forma como esta visão interfere em minha atuação profissional, e a postura e responsabilidades que devo assumir enquanto educadora e mulher no contexto que habito, me senti inclinada a compartilhar com outros educadores algumas das experiências educacionais e afetivas que venho vivenciando nos procedimentos metodológicos nas Rodas.

0.3 PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS: intenções de estudo e diálogo com a Linha de Pesquisa.

Sensibilizada por estas experiências pessoais e coletivas relatadas, me senti motivada a desenvolver o projeto “A “*Roda da Vida*” no ambiente escolar: uma vivência intergeracional de Educação Musical”. É especialmente sobre o processo de educação intergeracional apresentado e suas repercussões atuais que se debruça este Projeto de Pesquisa, buscando não apenas aprofundamento teórico e amadurecimento metodológico, mas essencialmente diálogo junto a outros educadores e educadoras, sistematizando e propondo reflexões coletivas sobre as práticas sociais vivenciadas em Rodas.

13 Implementação no CEMEI Monsenhor Alcindo Siqueira com a participação da educadora Flávia Prazeres, e realização do curso de formação para professores “**(en)Cantando em Roda**”, ministrado por mim e oferecido pela Escola Municipal de Governo – FESC a educadores da rede municipal. (2011)

Com este propósito, participei de processos seletivos para ingressar no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) - Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (CECH-UFSCar) -, e desde 2010 venho me dedicando a estudar, dialogar e compreender alguns dos conceitos da Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos.

Ampliando minha visão de mundo junto ao grupo de pesquisadores e pesquisadoras da Linha de Pesquisa, estudamos referências de diferentes práticas sociais, de forma articulada: não com a ideia de classificar estas práticas, mas de mergulhar nas percepções destes estudos e do ambiente em que se inserem.

As reflexões neste grupo de pesquisa me permitiram compreender melhor minhas próprias concepções e projetos, num horizonte de pesquisa que parte do pressuposto de que todas as práticas são educativas, pois

(...) partiam do entendimento de que eu me construo enquanto pessoa no convívio com outras pessoas; e, cada um ao fazê-lo, contribui para a construção de “um” nós em que todos estão implicados. A partir desta compreensão, colocavam-se as seguintes questões: Como as pessoas se educam? Onde? Em que relações? Além da escola, em que outras práticas sociais nos educamos? De que maneira processos educativos integrantes destas práticas sociais podem contribuir para aqueles que ocorrem na escola? (OLIVEIRA et al., 2009, p.1)

Nestas reflexões, consideramos por Práticas Sociais aquelas decorrentes das relações entre os indivíduos, a partir de interesses comuns de produção e de compartilhar de conhecimentos e posturas. Tais relações constroem diferentes Processos Educativos, a partir destas interações que se dão de forma contextualizada e inseridas no tempo e no espaço.

Ao longo dos estudos, fomos buscando atribuir novos significados às investigações da Linha de Pesquisa, num processo educacional de colaboração coletiva na elaboração dos conceitos e na compreensão do referencial teórico adotado por este grupo.

Os estudos realizados durante o primeiro ano letivo, não apenas em termos de leituras, mas enquanto processo de questionamento e compreensão dos conceitos-chave abordados pelas pesquisas da Linha, embora tenham se dado de forma intensa diante da necessária temporalidade colocada pela instituição *acadêmica*, foram o *fundamento* para iniciar uma compreensão mais detalhada e aprofundada do Referencial Teórico.

Durante o segundo ano letivo me dediquei ao trabalho de aprofundamento reflexivo e de escrita, de coleta e análise dos dados, e o que se colocou como principal desafio foi a compreensão

das idéias e referências sobre as noções de práxis libertadora e experiência (FREIRE, BONDIA, FIORI), de compreensão da vida cotidiana e totalidade (DUSSEL, FREIRE), de relações interculturais (P. SILVA, A. BOSI, M. SOUZA), de processo de envelhecimento (BEAUVOIR, E. BOSI, MYNAIO), de educação musical e formação integral (JOLY, KATER, PAREJO), de relações intergeracionais (BRANDÃO, RIBAS) ... para que se efetivassem não apenas na atuação em campo desta pesquisa, mas essencialmente fortalecendo minha própria práxis, em busca de uma Educação onde educandos e educadores educam-se uns com os outros por uma sociedade mais humanizada.

0.4 O PROJETO DE PESQUISA: questão central, objetivos e procedimentos

No desenvolvimento dos estudos por mim realizados no decorrer dos anos 2010 e 2011, como resultado de um processo de investigação acadêmica, a questão de pesquisa se destaca de forma central é: que relações sociais podem se travar e que processos educativos podem se desencadear em vivências intergeracionais de Educação Musical?

Vale ressaltar que este estudo se dá a partir de uma práxis reflexiva de expressão corporal e musical – a “Roda da Vida” – que, inserida no ambiente escolar valoriza o imaginário artístico, a essência e a memória da cultura de seus sujeitos; no próximo capítulo, aprofundaremos o contexto, o histórico e as características das escolas onde estas intervenções se realizaram.

Levando em consideração as diferentes abordagens usadas para os mesmos termos (nas áreas da educação, da saúde, das ciências humanas, dos estatutos e leis, dos programas institucionais direcionados ao público idoso), esta dissertação de mestrado se propõe a elaborar um referencial teórico que permita conceituar signos e significados como *cultura popular*, *educação intergeracional*, *envelhecimento e memória*, através do aprofundamento das leituras e reflexões acerca das referências estudadas.

Procura ainda refletir sobre as transformações resultantes do diálogo entre uma prática institucional de educação musical e as manifestações culturais e artísticas em roda, direcionando o olhar para o processo de formação de valores sociais e educacionais junto a um grupo de mulheres em processo de envelhecimento.

Atendendo aos critérios de relevância científica e social, a pesquisa buscou suporte teórico por meio da leitura, estudo e interpretação de referenciais da Linha de Pesquisa, incitando reflexões sobre procedimentos metodológicos que se utilizam da música e da dança como linguagens expressivas.

Por outro lado, através da inserção desta educadora e pesquisadora em práticas sociais de diálogo intergeracional por meio de manifestações artísticas, buscamos compreender processos educativos onde a oralidade e a vivência de manifestações culturais contextualizadas se colocam como base de construção coletiva de conhecimentos sobre a vida, e onde a intersubjetividade é em si tema de reflexão e instrumento metodológico.

Elaborando um *olhar atento e sensível* aos processos educativos que se desvelam num projeto de intervenção integrada – a “Roda da Vida” – e que almejam uma educação mais humanizada entre seus participantes, durante o processo desta pesquisa de mestrado objetivamos, portanto: registrar, sistematizar e compreender procedimentos metodológicos de Pesquisa e de Educação Musical junto a mulheres colaboradoras, as educandas do Grupo de Roda da UATI.

Os procedimentos de pesquisa e as atividades pedagógicas da intervenção realizados por esta pesquisadora e educadora com o Grupo de Roda envolveram dinâmicas de movimento corporal, apreciação e expressão musical, através do canto e da sensibilização da memória para pesquisa de seu repertório musical, bem como visitas e apresentações em escolas municipais de educação infantil.

Durante o processo de pesquisa foram registradas e sistematizadas as vivências semanais realizadas pelo grupo nas aulas e as rodas de conversa nos intervalos entre as aulas, quando foram levantadas as percepções e sentimentos experimentados por cada uma.

Neste percurso metodológico, nos propomos a descrever e compreender os processos educativos que se revelam nas conversas entre estas mulheres, quando estimuladas a compartilhar suas memórias relacionadas às experiências da infância. Também esperamos compreender as relações intergeracionais entre elas e as crianças de escolas de educação infantil, ao compartilharem vivências na “Roda da Vida”.

RECORTE TEMÁTICO E AMBIENTE DE PESQUISA

Com a intenção de alimentar as relações construídas na primeira escola de educação infantil que acolheu as intervenções do Grupo de Roda da UATI, estabelecemos ao longo do primeiro semestre de 2011 novas relações com o CEMEI Cônego Manoel Tobias, fortalecendo o processo de participação e engajamento das mulheres do Grupo de Roda da UATI no projeto “Roda da Vida”, motivadas pela realização dos procedimentos metodológicos da pesquisa de mestrado com este grupo. Apesar das atividades formais do projeto de intervenção não estarem mais presentes no cotidiano deste CEMEI, este foi o ambiente escolhido para a realização dos procedimentos de pesquisa e registro das vivências intergeracionais com o grupo de mulheres: pelo histórico e receptividade de propostas neste contexto escolar, pela proximidade territorial entre os dois ambientes escolares (FESC E CEMEI), pelo envolvimento da comunidade escolar com o projeto e com as rodas.

É neste contexto que esta pesquisa foi realizada, voltando seu olhar para o percurso metodológico desenvolvido no projeto “Roda da Vida”, a partir das visões compartilhadas entre as mulheres colaboradoras. Ressaltamos que a possibilidade de transformar nossas experiências em conhecimento, em saberes, vem da disposição destas pessoas em compartilhar suas percepções e refletir sobre a vivência coletiva do Grupo de Roda. Considerando o tempo determinado pelo PPGE-UFSCar para a duração dos projetos de pesquisa no mestrado (dois anos), consideramos a necessidade deste recorte temático num amplo campo de pesquisa, pois as Rodas envolvem diferentes ambientes, sujeitos e papéis, e optamos por realizar os procedimentos de coleta e análise dos dados da pesquisa apenas com as mulheres colaboradoras neste Grupo, ainda que com grande interesse em conhecer também as percepções das outras pessoas envolvidas nas Rodas: demais educadores e funcionários das escolas envolvidas, as crianças e seus familiares...

Como resultado da realização da pesquisa nesta prática social esperamos construir coletivamente, com as pessoas diretamente envolvidas e de forma compartilhada junto à comunidade acadêmica, uma metodologia de pesquisa que trabalhe com aspectos da cultura popular inseridos nos contextos escolares, valorizando sua essência e seus significados.

E neste momento uma reflexão se reforça para esta educadora e pesquisadora: como articular os compromissos educacionais com os vínculos afetivos, as relações de convivência estabelecidas na Roda entre os diferentes papéis, e ainda conciliar o tempo das atividades pessoais e das práticas profissionais com o tempo da reflexão individual e da produção acadêmica?



- 1.1 – APRESENTAÇÃO DA PRÁTICA SOCIAL
- 1.2 – REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS DO PROJETO “RODA DA VIDA”
- 1.3 – CAMINHADA COLETIVA NAS RODAS
- 1.4 – INSERÇÃO DA PESQUISA

1. Contextualização

1. CONTEXTUALIZAÇÃO: as vivências na “Roda da Vida” e a inserção no campo de estudos



*“Que recanto do estranho
claro-escuro da mente
reinventa a profunda
armadilha do humano?
(...) De que vale saber
a textura da vida,
a duração dos dias?
Nem os pássaros sabem
de manhã, quando cantam,
porque cantam e porque
a manhã que os encanta
amanhece com o canto
sonoro do seu sopro.
Do que vale guardar
qualquer coisa no bolso,
se tudo o que vale
cabe na memória e só
onde um momento tem
o tamanho do eterno?”*

(Carlos Rodrigues Brandão)¹⁴

A partir das vivências e referências apresentadas no capítulo 0 desta Dissertação de Mestrado, se compreendemos a educação como ato dialógico e processo rigoroso, intuitivo, imaginativo, afetivo, verificamos que a produção do conhecimento está intimamente ligada às relações que estabelecemos com os outros, pela expressão e comunicação entre diferentes visões de mundo.

Nesse sentido, inspirada pela proposta de educação dialógica de Paulo Freire, o processo de inserção desta pesquisa acadêmica em uma prática social realizou-se por meio de reflexões e ações inseridas de forma respeitosa junto a um grupo de mulheres, numa instituição de formação permanente, em rodas de conversa realizadas durante o momento de intervalo entre as aulas de **Grupos Artísticos de Música da UATI¹⁵**.

14 ALGUMAS QUESTÕES - Em: Diário de Campo – a antropologia como alegoria. Ed. Brasiliense, 1982.

15 As colaboradoras nesta pesquisa são alunas que participam da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) e freqüentam as atividades dos Grupos Artísticos de Música – especificamente o Grupo de Samba e o Grupo de Roda, cujos encontros acontecem regularmente às quintas-feiras, sendo o primeiro das 14:00 às 15:30h. e o segundo das 16:00 às 17:30h.

Nas atividades pedagógicas destes grupos, tornou-se recorrente o debate sobre os ganhos e as perdas referentes ao processo de envelhecimento, sobre as mudanças de *fases* na vida e as diferenças de posturas entre gerações, transparecendo alguns dos atuais conflitos interpessoais no relacionamento entre crianças, adolescentes, jovens, e adultos de diferentes idades.

Com o aprofundamento de nossa pesquisa, nos questionamos constantemente sobre alguns termos usados para designar pessoas em processo de envelhecimento, e em especial sobre a palavra “idosa”, que segundo a legislação vigente caracteriza pessoas com idade acima de 60 anos; tal termo vem sendo utilizado em substituição à palavra “velha”, que na sociedade ocidental é utilizado de forma pejorativa, por conta da lógica do mercado de trabalho e da produtividade necessária ao sistema capitalista, que na sociedade de consumo rejeita tudo que é velho e ultrapassado.

Acredito atualmente que ser uma pessoa mais “velha” é na verdade um grande privilégio, uma oportunidade de se viver neste mundo ainda por mais tempo e se conhecer cada vez mais, e que embora o termo “idosa” seja usado de forma cada vez mais recorrente na sociedade, e agora também pela mídia, entendemos que sua caracterização deve ser cautelosa e que não deve se diferenciar do *ser adulto*.

Na filosofia de raiz africana, o princípio da oralidade implica em dinâmica, ação e movimento, pois

dinamiza a tradição das narrações dos mais velhos da comunidade . Com isso, surge outro elemento estruturador desse modo de fazer essa filosofia, que é o princípio da ancianidade. O ancião narra os fatos e a nova tradição que toma conhecimento elabora dentro da sua perspectiva. (SANTOS, L., 2010, p.1)

Segundo o autor citado, neste contexto a pessoa mais velha possui um grau elevado de respeito social e político em sua comunidade, especialmente quando o conquista por meio de suas qualificações, o que não quer dizer que sejam pessoas superiores aos demais membros, mas complementares na articulação do grupo.

Entendemos ainda, que em nossa sociedade a percepção sobre o momento da velhice se dá num conceito portanto arbitrário e relacional, pois trata-se de uma fase da vida que não se determina apenas pela idade da pessoa.¹⁶ No grupo de mulheres colaboradoras da pesquisa, há uma heterogeneidade de classe social e padrão de vida, e pensamos que a identificação com o coletivo

16 A Organização Mundial da Saúde considera idosa a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos.

diz respeito aos aspectos simbólicos-culturais. Segundo Flávia de Motta (1998), ao pesquisar a faceirice em grupos sociais de mulheres mais velhas,

... os grupos populares são produtores e detentores de uma cultura popular mas não operam exclusivamente com ela (dentro desses limites). O que ocorre é que “eles” lidam com a “cultura popular” (com seus códigos, valores, etc.) e com a cultura dominante numa permanente bricolagem, num jogo de corpo e numa criatividade espantosa. (MOTTA, 1998, p. 18)

Assim, durante o processo de inserção no campo de estudos junto ao Grupo de Roda da UATI, a aproximação de suas integrantes com os objetivos e procedimentos iniciais desta pesquisa resultou na elaboração de um trabalho acadêmico (SOUZA, M. C. 2010)¹⁷, que serviu como estudo preliminar para contextualização e aprofundamento metodológico desta Dissertação de Mestrado. A realização de seus procedimentos metodológicos nesta etapa inicial da pesquisa concentrou-se em conhecer melhor as memórias e visões de mundo das mulheres colaboradoras sobre o processo de envelhecimento, considerando o necessário envolvimento pessoal e o fortalecimento de vínculos afetivos e solidários entre as pessoas envolvidas.

Segundo as reflexões realizadas junto à Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos (PPGE-UFSCar), esta experiência de aproximação com o processo da pesquisa científica, na base da convivência e interação, só é compreendida como possível a partir da ampliação da visão de mundo da pesquisadora, que deve lançar sua subjetividade para *suspender* seus próprios conhecimentos e se permitir *olhar* para além da realidade visível, atribuindo novos significados às questões iniciais de sua pesquisa e inserindo a si mesma no processo de humanização da sociedade. Nesse processo, torna-se necessário

Olhar, sentir, tocar, ouvir, fazer. Estranhar e amadurecer o estranhamento, perguntar-se, perguntar. Nesse olhar, permitir-se um espaço entre as cenas, espaço de reflexão, de suspensão, de pergunta que nos prepara para melhor compreender o que se dará a ver a seguir.

No processo de pesquisar, nossa visão de mundo é claramente exposta no referencial de partida e, durante o pesquisar, em cada diário de campo, na análise dos dados, na elaboração dos resultados e das contribuições da pesquisa essa visão é retomada, para ampliá-la, questioná-la, reposicioná-la, resignificá-la. Essa visão, se não reconhecida durante o processo de pesquisa, pode embotar nossa compreensão, nosso olhar atento aos detalhes, pois certamente é mais confortável entender para olhar, do que olhar para entender. (OLIVEIRA et al., 2009, p.13)

17 Durante o primeiro semestre de 2010 realizei um trabalho de inserção no campo de estudos desta Linha de Pesquisa, que trata de um processo de aproximação da prática de pesquisa qualitativa: **“Roda de conversa no intervalo: o convívio de mulheres em Grupos Artísticos de Música da UATI”** - Relatório final da disciplina EDU-944 Práticas Sociais e Processos Educativos (PPGE-UFSCar).

Renovou-se portanto um olhar sobre as relações estabelecidas pelas educandas da UATI, e um interesse em compreender os processos educativos que se dão pelo convívio, quando foram surgindo novos questionamentos e desdobramentos da questão de pesquisa: de que forma interagem estas mulheres de diferentes idades, classes sociais e referências culturais? Como a identidade e as experiências de cada uma constroem a noção de coletividade no Grupo?

1.1 APRESENTAÇÃO DA PRÁTICA SOCIAL: o Grupo de Roda.

O trabalho de educação musical realizado nos **Grupos Artísticos de Música da UATI** sob minha coordenação, tem o objetivo de estimular o contato dos participantes com sua musicalidade interior, descobrindo as potencialidades do próprio corpo como instrumento musical (canto, toques e gestos, expressões), compreendendo a personalidade de cada indivíduo como parte integrante do universo sonoro do grupo, num processo de educação musical libertadora para a ação.

Propõe-se também a estudar e pesquisar diferentes manifestações musicais brasileiras, descobrindo e vivenciando novas experiências musicais; num processo que busca valorizar a produção cultural popular não como folclore, mas como significativa expressão cultural e social dos hábitos e costumes de um povo, como manifestação viva da tradição popular, para preservar a memória de um determinado modo de vida.

O desenvolvimento do projeto “*Roda da Vida – (en)cantando a cultura popular brasileira*” resultou na consolidação do **Grupo de Roda da UATI**, formado por mulheres que também participam dos demais Grupos Artísticos de Música e que, desde o início das intervenções no ambiente escolar dos CEMEIs, vem se dispondo a atuar tanto no planejamento quanto na realização das vivências intergeracionais deste trabalho coletivo.

Neste contexto, a inserção desta pesquisadora no projeto de pesquisa procurou uma aproximação das visões de mundo e intencionalidades das mulheres participantes no Grupo de Roda, para depois compreender, com elas, os processos educativos que se realizam nas vivências em Roda.

1.2 REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS DA “RODA DA VIDA”: porque tudo que criamos vem de algo que conhecemos.

No projeto de intervenção que é objeto deste estudo acadêmico, coordeno as intervenções no ambiente escolar propondo e incentivando a realização de vivências intergeracionais como práticas sociais coletivas.

Suas atividades são balizadas pelas **Pedagogias do Oprimido** (FREIRE, 1987) e **Pedagogia da Esperança** (FREIRE, 1992), conforme abordaremos no Referencial Teórico (capítulo 2) desta pesquisa, e também pela **Pedagogia Griô** que segundo sua autora Lilian Pacheco se propõe a “pesquisar e reinventar métodos de educação, participação e encantamento do social, para valorizar a expressão da palavra, dos afetos, da memória, da história, das cantigas, das danças e dos rituais de tradição oral”. (PACHECO, 2006)

Assim, a proposta inicial deste projeto de intervenção no ambiente escolar surgiu de nosso contato com os trabalhos promovidos pelo **Programa Cultura Viva** (implementado nacionalmente pelo Ministério da Cultura, na gestão do então ministro Gilberto Gil), que promoveu o surgimento de diversos “Pontos de Cultura” espalhados pelo país, inclusive na cidade de São Carlos (*Ponto de Cultura Teia das Culturas*).

Na consolidação do programa, um dos Pontos de Cultura localizado em Lençóis / BA se tornou referência educacional e passou a ser considerado como Ação Griô Nacional: o trabalho da **Associação Grãos de Luz e Griô** parte de uma proposta acumulada de construção de conhecimento e envolvimento comunitário, de discussões sólidas sobre como associar a cultura tradicional com o processo educacional, apresentando soluções e políticas criativas e inovadoras para a rede de Pontos de Cultura, e abrindo novos horizontes para pessoas de todas as idades. (BRASIL, 2005)

Assim, os princípios metodológicos na “Roda da Vida” valorizam a vivência afetiva e o diálogo cultural entre as idades: como momento repleto de sentidos e significados para cada um que nela se encanta, e como processo educativo onde aprendemos uns com os outros compartilhando experiências significativas, que intensificam a percepção da realidade e o sentimento de pertencimento a determinado grupo comunitário.

Na Pedagogia Griô, Lilian Pacheco nos apresenta algumas das estratégias desenvolvidas na cidade de Lençóis / BA para o processo de elaboração da “Roda da Vida e das Idades” e para o fortalecimento de uma identidade pessoal e comunitária neste contexto:

Para facilitar a vivência afetiva e cultural, a Pedagogia Griô propõe o **ritual de vínculo e aprendizagem** que é um desdobramento técnico da educação biocêntrica, complementada pela genialidade técnica e mítica dos Griôs e Mestre de tradição oral do noroeste da África e do Brasil. (...) O ritual de vínculo e aprendizagem integra cantigas, danças, símbolos, versos, mitos, heróis, arquétipos, saberes, provérbios, artes, ofícios e ciências da vida de tradição oral da comunidade e de seu grupo étnico-cultural, numa rede de palavras e temas geradores (PACHECO, 2006, p. 90-92)

Neste sentido, as vivências realizadas em São Carlos / SP no projeto de intervenção que é trabalho de parceria institucional entre Fundação Educacional São Carlos e Secretaria Municipal de Educação, tem como referência as Rodas propostas pela **Pedagogia Griô**, que procuram integrar o velho e o novo em práticas educativas de celebração da vida, através da ancestralidade e oralidade presentes na cultura popular, num modelo de ação pedagógica onde

(...) cada estratégia de ação é direcionada a determinados setores sociais e idades, facilitando a criação de uma roda. O encontro das rodas chama-se **Roda da Vida e das Idades**, que se inspira na qualidade multissetorial, intergeracional, dançante e solidária das rodas de capoeira, dos candomblés, das manifestações culturais indígenas, das tradições orais do noroeste da África e outras manifestações e organizações de tradição oral do Brasil. (PACHECO, 2006, p. 28)

Assim, as atividades do projeto “**Roda da Vida – (en)cantando a cultura popular brasileira**” se propõem a refletir sobre a presença da cultura popular nos ambientes escolares da cidade de São Carlos: retomando em rodas de conversa e pela vivência cotidiana as danças e cantigas de roda da infância de outrora. Procuramos desta maneira fortalecer os vínculos afetivos da comunidade escolar, pelo *encantamento* da linguagem musical através dos mitos, dos rituais e da espiritualidade presentes nas Rodas, num processo educativo que se propõe à valorização de si e ao respeito pela cultura do outro.

Neste trabalho de educação e interação entre diferentes gerações, as vivências em Roda buscam fortalecer a percepção, a apreciação e a criação coletiva de uma identidade musical própria aos diferentes grupos envolvidos: as crianças e seus familiares, as educadoras dos CEMEIs, e as mulheres do Grupo de Roda da UATI.

Segundo Ruth Cavalcante, ao apresentar na educação biocêntrica um processo metodológico que estimule o desenvolvimento da Inteligência Afetiva, as vivências são mediadoras para a aprendizagem pois

tem um sentido em si mesma, traz a possibilidade de formar uma nova atitude frente ao aprender. Favorece a formação de valores para aprender, mas não é o aprender propriamente e sim a expressão e impressão de alta sensibilidade, é um instante em que a pessoa se expressa e o processo nela se imprime. (CAVALCANTE, 2006, p. 18)

Os procedimentos metodológicos realizados neste projeto de intervenção se baseiam portanto na aproximação desta educadora e pesquisadora com as idéias de oralidade e ancestralidade abordadas pela Pedagogia Griô, e com as vivências junto a diferentes grupos sociais que atuam com a cultura popular afrobrasileira.

Compreendendo que o Brasil é um país multicultural, com múltiplas relações entre suas raízes étnicas e que variam conforme o contexto em que se inserem, consideramos a importância de localizar novamente as fontes das manifestações a que estamos nos referindo, conforme apresentado no capítulo anterior: a Capoeira e o Samba de Roda, a Ciranda e o Coco de Roda, o Candomblé e o Maracatu de Baque Virado.¹⁸

A partir destas referências pedagógicas, e com a clareza de que nossas atividades se inserem num ambiente escolar no qual convivem pessoas de diferentes comunidades, e que carregam diferentes repertórios culturais, buscamos portanto desenvolver com as educandas da UATI um senso crítico em relação aos processos de massificação cultural. Assim como propõe o Programa Cultura Viva (BRASIL, 2005), embora não inserida diretamente nesta política pública, no Grupo de Roda da UATI atuamos com uma metodologia que valoriza a integração entre tradição enquanto ponto de partida, memória enquanto reinterpretação do passado e ruptura enquanto invenção do futuro.

1.3 CAMINHADA COLETIVA NAS RODAS: compartilhando experiências intergeracionais.

Para melhor compreensão dos resultados encontrados a partir dos procedimentos

18 Vale ressaltar, neste momento, minha condição de eterna aprendiz diante de tais expressões culturais e de seus mestres, por conta de um envolvimento que não vem “de berço”, mas de uma intensa caminhada por um vasto mundo, repleto de valores e significados presentes na cultura popular afrobrasileira, e orientada por uma força maior que nos guia...

metodológicos realizados por esta pesquisa de mestrado, consideramos importante retomar algumas informações e ampliar a contextualização sobre o processo de formação do **Grupo de Roda da UATI** e seu envolvimento com o projeto “*Roda da Vida – (en)cantando a cultura popular brasileira*”.

Dessa forma, ampliando a compreensão acerca de seus desdobramentos e de forma especial com este Grupo, o projeto de pesquisa se propôs a lançar um olhar científico sobre as vivências intergeracionais do projeto de intervenção.

Propomos portanto, ao longo da pesquisa, um Olhar Atento e Sensível para a própria história e memória musical das pessoas envolvidas na “Roda da Vida”, enquanto vivência que se propõe a fortalecer e construir um imaginário coletivo, numa prática em roda de celebração da vida: como lugar de compartilhar histórias, conhecimentos e desejos; como ambiente de rejuvenescimento e criação, de emancipação e humanização. Nesta caminhada coletiva,

passamos a buscar a concretização de um novo projeto educacional, com uma nova proposta pedagógica que reconheça a educação como sistema aberto e o educando como um ser humano em sua multidimensionalidade, considerando sua dimensão física, biológica, mental, psicológica, espiritual, cultural e social, buscando integrar-se consigo e com o meio ambiente (CAVALCANTE, 2006, p. 13)

Quando este trabalho de educação intergeracional foi iniciado em 2008¹⁹, como relatado na apresentação (capítulo 0) desta dissertação, seus vínculos institucionais ainda não estavam fortalecidos, e a dedicação de cada uma das pessoas envolvidas acontecia de maneira espontânea e motivada pela vivência de novas experiências musicais em roda.

As vivências das educandas da UATI eram por mim planejadas no ambiente escolar da FESC, e as visitas deste Grupo às escolas de educação infantil foram especialmente motivadas por minha participação em curso de formação para educadores da rede municipal²⁰; as crianças que nos recebiam nas escolas juntamente com suas respectivas professoras não sabiam com antecedência as atividades que iriam vivenciar.

Nos anos seguintes, com o processo de institucionalização e a formalização das parcerias entre a Fundação Educacional São Carlos e a Secretaria Municipal de Educação, desenvolvemos um projeto-piloto no CEMEI Cônego Manoel Tobias e meu envolvimento como educadora musical

19 As primeiras vivências intergeracionais em Roda aconteceram no Centro Municipal de Educação Infantil Cônego Manoel Tobias, escola mais próxima da FESC, onde minha primeira filha estudava e onde eu já tinha contato como educadora de ritmos brasileiros com algumas das professoras do corpo docente.

20 Curso “Música em Movimento”, realizado em 2008 pelo Curso de Licenciatura em Música da UFSCar, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e a Escola de Governo da Fundação Educacional São Carlos.

passou a intensificar-se: estiva presente nesta escola quinzenalmente²¹, atuando diretamente com as crianças e professoras em sala de aula e ao final do período realizando uma Grande Roda de música e dança com todas as turmas.

As atividades do projeto também previam minha participação em reuniões de planejamento do corpo docente, não apenas para planejar e avaliar coletivamente as atividades desenvolvidas, mas para compartilhar as intenções como educadoras, os conceitos da Roda, e vivenciarmos juntas e nossa própria expressividade musical e corporal, em busca de uma transdisciplinaridade em nossas atuações.

Entendemos aqui que a transdisciplinaridade na Educação se preocupa com a interação contínua e ininterrupta de todas as disciplinas, num tempo e lugar; neste pensamento complexo as disciplinas não possuem hierarquia, procuram romper com o pensamento cartesiano e propor que a ciência seja uma forma de explicação da vida, porém não a única e nem a mais legítima. Uma maneira de ver, sentir, estudar e construir ciências que passa não apenas pelo intelecto, mas pela percepção e sensação.

Neste processo, o **Grupo de Roda da UATI** foi se consolidando num processo bastante cíclico: se em alguns momentos encontrava-se cheio de participantes, de forma especial com a proximidade de apresentações externas e visitas nas escolas, em outros encontros mais rotineiros apenas algumas mulheres mais engajadas se propunham a participar das vivências; costumávamos brincar que “*só as mais fortes sobrevivem*”, e que no fundo o grupo era formado por “*um bando de amostradas*”²².

Com o amadurecimento do projeto, as vivências intergeracionais no CEMEI Cônego Manoel Tobias se ampliaram, pois além da participação das educandas da UATI passaram a contar também com o envolvimento dos próprios familiares das crianças, trazendo maior reconhecimento ao trabalho do Grupo, tornando a vivência bem mais animada e fortalecendo os vínculos afetivos também em nível familiar.

Em 2010, a aproximação deste projeto educacional junto ao ambiente universitário – através de meu envolvimento como mestranda orientada pela Prof. Dra. Ilza Zenker Leme Joly e da aproximação de estagiárias pelo projeto de extensão em educação musical²³ – , trouxe novos

21 Atuava em duas escolas durante o semestre letivo, alternando a cada semana a presença em uma ou outra.

22 Dialeto do próprio grupo, referente a disposição para apresentações e eventos.

23 Aprovação, junto ao PROEXT Cultura SP 2009, do projeto “*Música para todas as idades: memória e cultura na convivência entre gerações*”, coordenado pela Profa. Dra. Ilza Z. L. Joly.

desdobramentos para as atividades educacionais, realizadas tanto no ambiente da UATI como nos CEMEIs.

Neste ano, o projeto se ampliou e o trabalho em equipe (educadoras da FESC e da SME, estagiárias da UFSCar e agentes culturais da UATI) contribuiu para o desenvolvimento dos procedimentos metodológicos, o Grupo de Roda foi reforçando sua imagem e valorizando sua atuação, a comunidade escolar do CEMEI foi se familiarizando com a presença da Roda nas atividades cotidianas. Infelizmente, este formato do projeto teve sua duração determinada e encerrada com o fim do ano letivo, conforme previam as bolsas e os planos de trabalho.

Em 2011, a continuidade das atividades do projeto foi definida pela parceria institucional entre FESC e SME, com a presença semanal das educadoras em outra escola, sendo que parte das ações tem previsto sua implantação em outras CEMEIs através de agentes culturais: promovendo a ampliação das atividades para outras escolas da rede através de curso de formação para um grupo de professores da rede municipal.

Neste novo formato, apesar de amadurecer as reflexões junto a outros educadores sobre a importância de estas vivências afetivas intergeracionais estarem presentes no ambiente escolar, os trâmites dos processos administrativos junto ao poder público dificultam sua continuidade e trazem novas preocupações para que o trabalho seja realizado com qualidade e responsabilidade: ao formar agentes multiplicadores, torna-se fundamental que os conceitos educacionais sejam aprofundados e consolidados em relações de confiança, que as referências culturais e artísticas sejam efetivamente compartilhadas e apropriadas pelo coletivo e que, com a expansão das Rodas em outros ambientes, as pessoas envolvidas não se esqueçam da importância de “regar o que já se plantou” para que não se perca.

Em 2012, permanece nas instituições envolvidas a intenção de continuidade deste trabalho, porém contando com a formação de uma Equipe de Trabalho (aditamento de carga horária de professoras da rede municipal), que possa atuar como agentes culturais multiplicadoras nos ambientes escolares em que estão inseridas. Entretanto, este momento do projeto de intervenção não será abordado ao longo da Dissertação, pois consolidou-se com o encerramento da elaboração deste texto.

1.4 INSERÇÃO DA PESQUISA: o Grupo de Roda e a Roda de Conversa.

Durante o processo de inserção como pesquisadora nos Grupos Artísticos de Música da UATI para realização desta dissertação, passei a indagar às mulheres participantes do Grupo de Roda os motivos que instigavam sua participação nas atividades musicais da UATI, e embora cada uma delas enfatizasse um ou outro aspecto, as respostas eram bem próximas:

para “ocupar o tempo e a cabeça” com novos conhecimentos e atividades corporais, para encontrar as amigas e socializar (conversar sobre a vida, os passeios, os problemas), para cantar em grupo e se alegrar (“*quem canta seus males espanta*”) deixando um pouco de lado as dificuldades do cotidiano, para assumir e se engajar com novos projetos de vida...²⁴

De acordo com os Planos de Ensino apresentados ao programa da UATI-FESC, as aulas dos Grupos Artísticos de Música estruturam-se em atividades práticas e teóricas que trabalham com a linguagem musical num processo de educação e formação artística, liberando o indivíduo para uma melhor integração social, ao vivenciar sua própria musicalidade e expressar suas emoções e potencialidades criativas. Suas atividades consistem em vivenciar músicas presentes no cancioneiro popular, cujos temas inspirem as alunas e façam parte de seu repertório, através de reflexões, do canto e da expressão corporal; também são realizados exercícios rítmicos com instrumentos de percussão, com a intenção de que as alunas possam acompanhar as canções com instrumentos musicais.

Na percepção das educandas, as aulas são reconhecidas como processo de aprendizado musical e consolidação de um repertório coletivo que identifica o grupo, porém com cada uma atribuindo significados próprios às vivências musicais e corporais, e reconstruindo saberes na possibilidade de expressão artística do grupo. Entretanto, como há um direcionamento pedagógico na realização das atividades musicais, é no momento de intervalo entre as aulas que se permite uma interação mais pessoal e cotidiana: configura-se então a **Roda de Conversa** como uma prática social repleta de aprendizado compartilhado, baseada na convivência dialogada sobre uma diversidade de visões de mundo, personalidades e histórias de vida.

Acreditamos que, nesta prática de interação pela conversa, os processos educativos se realizam pelo intercâmbio de experiências, vivências e conhecimentos entre todas, e que seu compartilhamento pelo convívio dialogado propicia uma melhor compreensão sobre o próprio processo de envelhecimento e sobre suas conseqüentes implicações sociais. Vale ressaltar ainda que

²⁴ Registro realizado em Diário de Campo, dia 06/05/10.

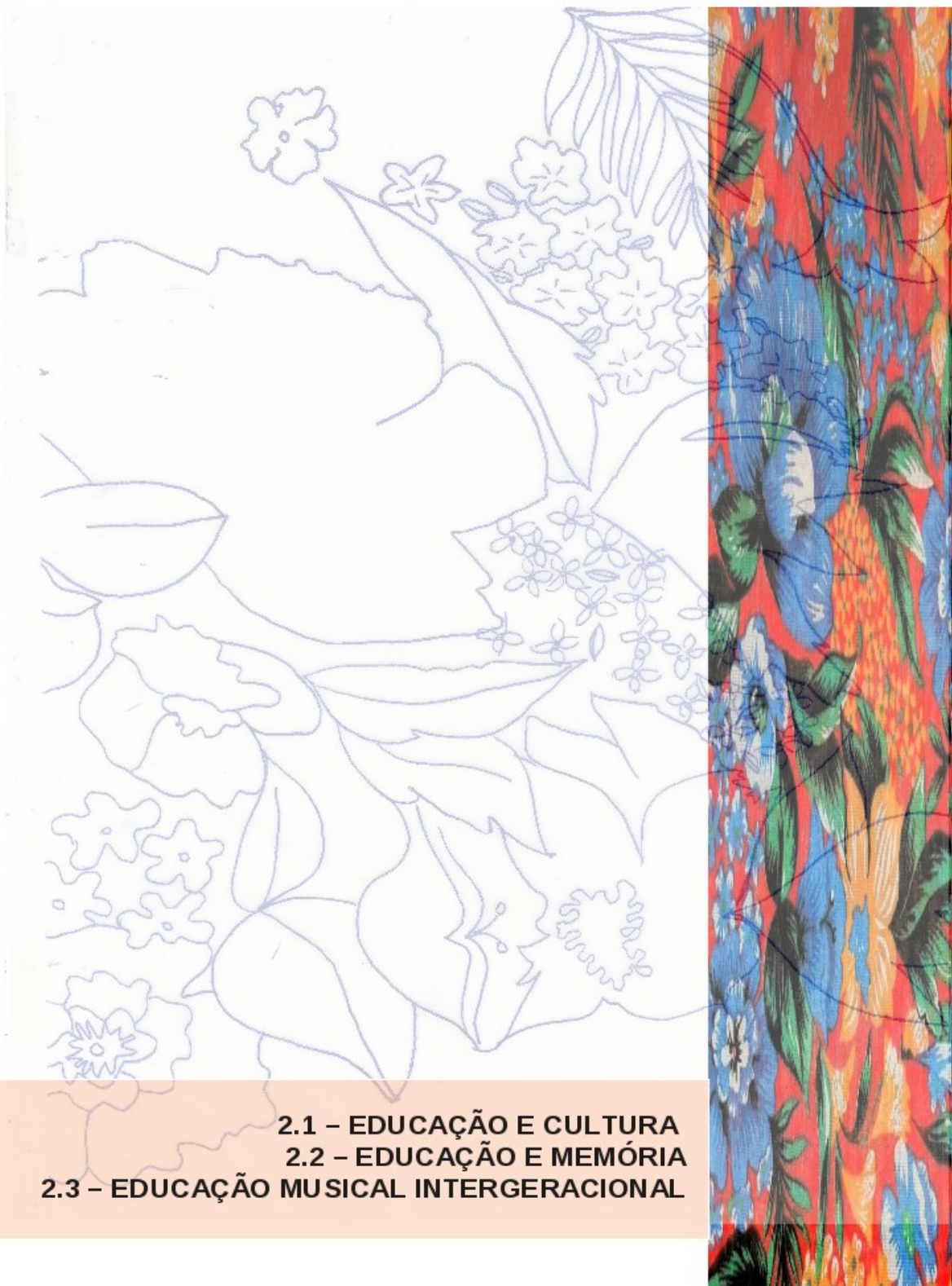
trata-se de uma prática social que pode se dar em diferentes contextos, mas neste caso a questão do momento e do lugar influenciam e direcionam o rumo das conversas, em especial sobre as relações de convívio educacional que se estabelecem entre estas pessoas, e para além da participação na UATI.

Considerando o percurso apresentado, aproveitamos para retomar a questão de pesquisa central nesta dissertação: que relações sociais podem se travar e que processos educativos podem se desencadear em vivências intergeracionais de Educação Musical?

Refletindo sobre os registros em campo, novos desdobramentos desta questão direcionaram o processo de coleta de dados, e com eles esperamos também compreender como os encontros das mulheres colaboradoras se ampliaram para outros momentos externos às aulas e para outros grupos, como as informações na Roda de Conversas se tornaram de natureza transversal, e como o Grupo de Roda foi ganhando autonomia e intensificando sua atuação no projeto “Roda da Vida”.

Veremos adiante, na análise dos dados coletados (capítulo 4), que durante o caminho percorrido na pesquisa o grupo de mulheres se consolidou e tomou nova dinâmica: novas integrantes se aproximaram do grupo, que se organizou internamente para a produção de vestimentas e adereços, para que cada uma trouxesse o lanche do intervalo, e que um novo processo de estruturação coletiva do grupo e de planejamento dialogado das vivências escolares começou a se consolidar entre as mulheres colaboradoras da pesquisa.

Antes desta análise, porém, procuramos no próximo capítulo aprofundar as referências teóricas que serviram como fundamento para este processo de reflexão e compreensão da experiência intergeracional relatada.



2.1 - EDUCAÇÃO E CULTURA
2.2 - EDUCAÇÃO E MEMÓRIA
2.3 - EDUCAÇÃO MUSICAL INTERGERACIONAL

2. Referencial Teórico

2. REFERENCIAL TEÓRICO

*“A experiência,
a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção,
um gesto que é quase impossível nos tempos que correm:
requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar,
pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar;
parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes,
suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade,
suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza,
abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece,
aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro,
calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.”
(Jorge Larossa Bondía)²⁵*

Refletir sobre os aspectos culturais que nos identificam e nos constituem enquanto sujeitos de um processo histórico implica, de início, no reconhecimento da cultura como herança socialmente compartilhada por uma comunidade, e na compreensão da qualidade multicultural da sociedade brasileira.

Se atualmente reconhecemos que o conhecimento humano não se elabora apenas na escola, mas em todas as práticas sociais em que nos encontramos inseridos e vão nos construindo como pessoas durante a vida, num constante processo de formação e de produção do conhecimento, devemos considerar que, especialmente no âmbito acadêmico,

(...) a cultura não pode ser estudada como variável sem importância, secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo mover-se, devendo, em vez disso, ser vista como algo fundamental, constitutivo, que determina a forma, o caráter e a vida interior desse movimento. (...) o posicionamento a favor da centralidade da cultura não implica considerar que nada exista a não ser a cultura. Significa, sim, admitir que toda prática social tem uma dimensão cultural, já que toda prática social depende de significados e com eles está estreitamente associada. (MOREIRA & CANDAU, 2003, p. 159)

Acreditamos, portanto, que a compreensão da vida cotidiana deve ser o ponto de partida para uma percepção crítica da realidade em que estamos inseridos, e que esta compreensão do “ser no mundo” se revela quando nos projetamos, num movimento contínuo, em direção ao horizonte que vislumbramos.

25 Em: **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, 2002, p.24.

Segundo Enrique Dussel (1995), tal percepção pode se dar pela forma existencial (acrítica, ingênua, habitual), ou pela compreensão fundamental (totalidade de sentido) “... que é cotidiana e, sem dúvida, é essa compreensão que se dá todo o essencial.” (DUSSEL, 1995, p.90). Precisamos porém ter claro que a percepção do que é fundamental, da natureza do ser humano, varia conforme o contexto social e o horizonte histórico, cultural e político em que o indivíduo se insere, e varia ainda para cada pessoa conforme seus valores éticos, sua consciência de mundo, seu projeto de vida. É nas relações com os outros, no estranhamento que resulta destas interações, que compreendemos melhor a nós mesmos, e nos percebemos inseridos numa coletividade que também é contextualizada, no tempo e no espaço.

Portanto, o que “estou sendo” se define por como me compreendo nesta temporalidade, e a interpretação que tenho da realidade se dá a partir do projeto de vida fundamental: um objeto tem valor quando é uma mediação para o projeto, e nele concentro minha consciência para o que compreendo “poder ser” (DUSSEL, 1995).

Partindo do pressuposto de que nosso país se constitui por uma sociedade multicultural, cuja diversidade é historicamente marcada pelas diferenças e desigualdades entre os povos que nele habitam, acreditamos que a Educação deve ter o propósito de agir sobre as injustiças sociais, e lutar pela igualdade de direitos e fortalecimento da noção de identidade. No que se refere ao ocultamento da diversidade na educação brasileira, a pesquisadora Petronilha Beatriz nos alerta para o fato de que

Visão distorcida das relações étnico-raciais vem fomentando a idéia, de que vivemos harmoniosamente integrados, numa sociedade que não vê as diferenças. Considera-se democrático ignorar o outro na sua diferença.

O ocultamento da diversidade produz a imagem do *brasileiro cordial*, que trata a todos com igualdade, ignorando deliberadamente as suas nítidas e contundentes diferenças.

(...) temos em nossas plagas, cada vez com maior clareza, a compreensão de que as sociedades multiculturais terão dificuldades de se tornarem justas e democráticas, se não resolverem os problemas causados por opressões e discriminações; se não estiverem dispostas a integrar lutas contra injustiças, sem paliativos que virem mera inclusão, novo termo, para designar assimilação. (SILVA, P., 2007, p. 498-499)

Com esta percepção, entendemos por identidade coletiva toda construção social de uma representação de si que é própria de um grupo social, e podemos considerar que a percepção da identidade que um indivíduo tem de si parte de um conjunto de características psicológicas, sociais

e biológicas que, inseridas num contexto cultural, torna a pessoa um ser único e diferenciado, que se revela na presença do outro.

Entretanto, se analisamos algumas mudanças contemporâneas decorrentes da globalização, o conceito de identidade passa por um sujeito fragmentado, descentrado, que se abre para diferentes possibilidades identitárias, pois

(...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 1992, p,3)

Consideramos ainda necessário desenvolver um processo de conscientização das práticas sociais que vivenciamos ao longo da vida, e ainda de fomentar relações interculturais não apenas para se atingir uma vida de qualidade, mas para que possamos atingir uma sociedade mais sensível e humanizada. Nesse sentido devemos perceber que

Este processo de desconstrução de imaginários negativos, de reconhecimento de autoimagens pelo próprio povo e de construção de imagens positivas tem sido um dos aspectos mais pedagógicos do movimento de educação popular.

Nestes processos de detectar, denunciar, desconstruir imaginários negativos e de afirmar imagens positivas do povo, vão se conformando o pensamento e as intervenções práticas da educação popular e saúde.

(...) Quando o povo muda suas autoimagens e suas práticas, as imagens sociais sobre eles são quebradas e forçadas a mudar. Estamos em tempos em que as imagens e significados preconceituosos sobre o povo são forçados a se rever, na mídia, na intelectualidade, nas ciências sociais, na educação, na saúde e na cultura dos profissionais destas áreas. (ARROYO, 2009, p.403-406)

2.1 EDUCAÇÃO E CULTURA: diálogos necessários

A compreensão da sociedade parte do cotidiano físico e do universo simbólico e imaginário de homens e mulheres que convivem inseridos em determinados contextos, que implicam em diferentes modos de viver e que atribuem pesos, qualidades e significados às experiências individuais e coletivas.

Na sociedade brasileira, segundo Alfredo Bosi (1992), podemos encontrar quatro grandes grupos, diferenciados mas que estabelecem relações entre si: a cultura erudita (acadêmica,

centralizada no sistema educacional), a cultura popular (que privilegia a oralidade e a indivisibilidade entre corpo e alma, e com uma moral ainda não assimilada pelo moderno), a cultura criadora (artística e intelectual extra-acadêmica), e a cultura de consumo (controle das massas pela indústria cultural). (BOSI, A., 1992)

Se considerarmos que os diferentes valores culturais destes grupos são historicamente moldados por contextos sociais, políticos e econômicos, percebemos não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina, um processo civilizador que pressupõe a sobreposição de valores de uma etnia pela outra: onde os detentores do poder buscam homogeneizar as manifestações culturais e controlá-las pela ideologia do consumo.

No processo de consolidação do sistema capitalista e da sociedade de classes, é visível o quanto as camadas mais pobres vem sendo recolonizadas pelas mais diferentes agências de aculturação, como o Estado, a Escola, o Exército, a Indústria Cultural,... Segundo Aida Montrone e Cláudia Reyes (2005), desde o início do processo de colonização e exploração dos povos latinoamericanos, vem se desenvolvendo uma sociedade que sofre com as graves condições sociais decorrentes da desigualdade econômica em sua população, que traz consigo elevados níveis de insegurança e violência, num processo desumano de perda da cidadania.

Aproximando-nos das leituras de Enrique Dussel, verificamos como seu pensamento filosófico se propõe a reconstruir a história mundial, realizando uma crítica ao multiculturalismo como possibilidade simétrica de diálogo cultural. Este se mostra inviável pelas posições assimétricas determinadas no sistema colonial, pois o ocidentalismo define todas as outras culturas como primitivas, pré-modernas, tradicionais e subdesenvolvidas:

um diálogo intercultural deve ser *transversal* [movimento da periferia para a periferia], ou seja, deve partir de outro *lugar* que o mero diálogo entre os eruditos do mundo acadêmico ou institucionalmente dominante. Deve ser um diálogo multicultural que não pressupõe a ilusão da simetria existente entre as culturas. (DUSSEL, 2005, p.18)

Em suas reflexões sobre os conceitos de ética e criticidade científica, Dussel (2001) demonstra como para a totalidade capitalista onde o fundamento é a mercadoria e a moral burguesa, a mais-valia é considerada efeito necessário e inconsciente para o acúmulo do capital, e portanto regulamenta-se o trabalho e seu valor como meio para aquisição material. Ao desenvolver uma

filosofia da libertação, de uma perspectiva latinoamericana, o autor propõe um deslocamento dos conceitos de inteligência, de excelência acadêmica, questionando inclusive o conceito do que é Ciência, e alertando que criticidade e cientificidade não são incompatíveis.

Ressalta ainda que, na busca insaciável do conhecimento, o processo de conscientização da totalidade em que estamos imersos deve ter um momento teórico de crítica e um momento prático de luta pela dignidade e pela vida humana, e isto se dá numa ação que é política e na exterioridade do sistema. “É no momento de poder ou não observar na vida cotidiana possíveis eixos temáticos da ciência que a “opção ética” é constitutiva, a priori da “criticidade” científica.” (DUSSEL, 2001, p.311) Esta ciência crítica só pode realizar-se a partir da exterioridade ao sistema vigente, numa posição subjetiva que se opõe à ciência funcional, e percebe a necessidade de criar novos paradigmas e programas de investigação, onde o compromisso prático é o fundamento não só da metodologia, mas ainda do descobrimento do fato.

Nesse sentido, torna-se cada vez mais necessário e urgente refletir e dialogar nos ambientes educacionais sobre como deve se dar a relação entre uma educação de qualidade e a busca pela igualdade social, e como esta relação deve refletir nas políticas públicas de desenvolvimento nestes países, questionando as bases do discurso e a forma como a ideologia dominante é sutilmente disseminada.

Na Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire (1987) nos chama a atenção para como uma concepção bancária da educação tem servido como instrumento de opressão, estabelecendo uma relação contraditória e esvaziada de significados entre educadores (quando entendidos como sujeitos do conhecimento) e educandos (se vistos como receptores alienados), para controlar o pensamento e a ação, para ajustar os homens ao mundo opressor.

A partir da práxis educacional, o referido autor nos aponta ainda reflexões sobre como o processo de desumanização é fato concreto de uma ordem injusta, onde os homens exploram-se uns aos outros em razão do poder e acúmulo de capital, em que a negação e distorção da vocação humanizadora instaura o anseio do “ser mais”.

Nas relações contraditórias e violentas entre oprimidos e opressores, ambos temem a liberdade, “que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. (...) É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos” (FREIRE, 2005, p. 37) A violência da opressão é um processo transmitido entre diferentes gerações, formando a consciência possessiva dos opressores, pois para eles há uma necessidade constante de

controle e domínio sobre a condição dos oprimidos; dessa forma se apropriam da ciência e da tecnologia como instrumentos de manutenção da ordem por eles estabelecida, pois “para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos.” (FREIRE, 2005, p.51 - grifo do autor)

Neste contexto, o acesso ao conhecimento escolar formalizado, da maneira como tem sido implantado nesta sociedade de consumo, estabelece relações não-dialógicas com os valores sociais e culturais dos povos dominados.

Pelo contrário, desqualifica os saberes populares e suas tradições, impondo valores de uma educação ocidental colonizadora, que se presta à exaltação da razão e ao individualismo, ao crescimento econômico e desenvolvimento urbano que são fundamento do processo de modernização, onde torna-se cada vez mais rara a possibilidade de construir saberes a partir de experiências coletivas.

Neste processo de construção de um ritmo de vida acelerado e produtivo do indivíduo contemporâneo, é cada vez mais escassa a percepção de experiências significativas, o que dificulta a apreensão de saberes particulares e subjetivos, pois

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio.

(...) Nós somos sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece. (BONDIA, 2002, p.23-24)

Direcionando porém um *olhar atento e sensível* para a história da cultura e das artes no Brasil, percebemos que atualmente estamos vivendo um momento em que, considerando não apenas diferentes práticas sociais e processos educativos por elas desencadeados, mas ainda políticas públicas governamentais, se renova o interesse e curiosidade pela diversidade da cultura popular brasileira. Cultura esta historicamente marginalizada e marcada por momentos de conformismo e resistência (CHAUÍ, 1986), que a indústria cultural despreza e que recentemente a cultura acadêmica busca uma aproximação dialógica: são tradições e saberes populares comprometidos com a humanização de si e dos outros, onde não há uma clara separação entre existência material e espiritual.

Em contato direto com manifestações tradicionais da cultura popular, observamos que nessas comunidades a oralidade e a vivência prática se colocam como meios de construção de um conhecimento em constante transformação, fortalecendo vínculos afetivos, tecendo redes de apoio solidário e reforçando os sentidos de identidade. Nestas práticas sociais se consolidam intensos processos educativos, como construções históricas e cotidianas da cultura, que

(...) pensa e que põe em ação as suas alternativas e estratégias de pensamento, de poder e de ação interativa, por meio das quais o seu mundo social cria, diferencia, consagra e transforma boa parte do que ela própria é em um dado momento de sua trajetória. (BRANDÃO, 2002, p.139)

2.2 EDUCAÇÃO E MEMÓRIA: sobre o envelhecer na contemporaneidade

Refletindo sobre as relações educacionais que se estabelecem entre diferentes gerações, verificamos que há décadas vem ocorrendo algumas mudanças estruturais no que diz respeito à construção de estereótipos, mitos e estigmas perante o processo de envelhecimento humano, com a acelerada transformação de valores éticos e morais da sociedade contemporânea.

Sobre a questão do envelhecimento, atualmente inúmeras pesquisas científicas demonstram que se consolida uma notável transição demográfica e uma revolução de longevidade (com o aumento da expectativa média de vida e o rápido crescimento da população), sinalizando que, pelos meados do século XXI, as porcentagens da população mundial correspondentes a velhos e jovens sejam iguais. Tais mudanças terão consequências nos diferentes aspectos da vida social, econômica, política, cultural, psicológica e espiritual, interferindo em todo o sistema produtivo de recursos e na lógica do mercado de consumo de bens e serviços.

Tais informações fazem parte do *Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento*, que chama a atenção para as necessárias mudanças de valores em toda a sociedade mundial com uma clara argumentação ideológica, que norteia os rumos dos países “em desenvolvimento”:

É indispensável integrar o processo de envelhecimento mundial em curso de evolução, no processo mais amplo de desenvolvimento. As políticas sobre envelhecimento devem ser cuidadosamente examinadas de uma perspectiva de desenvolvimento que inclua o fato da maior duração da vida e com um ponto de vista que abranja toda a sociedade, levando em conta as recentes iniciativas

mundiais e os princípios orientadores, estabelecidos em importantes conferências e reuniões na cúpula das Nações Unidas. (BRASIL, 2003)

Apesar de não aprofundar neste momento, dadas as dimensões temporais na elaboração desta dissertação de mestrado, sobre as possíveis implicações de tais direcionamentos em políticas públicas sobre o processo de envelhecimento, percebemos uma ampla e recente discussão de valores e posturas éticas em diferentes instituições sociais que atualmente lidam especificamente com o atendimento à Terceira Idade.

Estas questões tem se evidenciado não apenas em programas públicos ou privados de assistência à saúde e cuidados com a pessoa idosa, em diferentes instâncias governamentais e conselhos articulados à sociedade civil que se dedicam ao assunto, mas também em instituições educacionais que trabalham com a formação permanente de adultos em processo de envelhecimento.

Aos poucos, revelam-se algumas mudanças nos paradigmas atribuídos a adultos em processo de envelhecimento, pois há poucas décadas atrás o padrão de velhice esperado pela sociedade esteve voltado para a vida privada, familiar, doméstica e religiosa. Nos anos 70, Simone de Beauvoir traça um panorama desta velhice despojada de sexualidade:

Os mitos e chavões divulgados pelo pensamento burguês empenham-se em revelar um outro, no velho. (...) Os velhos provocam escândalo quando manifestam os mesmos desejos, sentimentos e reivindicações dos jovens; o amor e o ciúme, neles, parecem ridículos ou odiosos, a sexualidade é repugnante, a violência derrisória. Tem obrigação de dar exemplo de todas as virtudes. Acima de tudo, deles se exige serenidade... (BEAUVOIR, 1976, p.8)

Em tempos atuais, frente à supervalorização do trabalho na sociedade urbana, se impõe uma ampla valorização da economia de mercado e das inovações tecnológicas, onde tudo que é “velho” é considerado ultrapassado e rejeitado.

Verificamos também uma intensa mudança na estrutura familiar, como consequência da necessidade de produção de bens e serviços nas cidades, que atribui a homens e mulheres maior dedicação na jornada de trabalho. E ainda uma maior atribuição de responsabilidade à escola na formação de valores morais e éticos de crianças e jovens, bem como na transmissão de conhecimentos. Se por um lado a oralidade perdeu espaço para a mídia, no ritmo acelerado da vida urbana, o papel educativo da família estaria cedendo sua vez para a escola?

Acreditamos, porém, na importância do diálogo entre Educação e Cultura de forma

respeitosa, e ainda articulada às referências e heranças culturais de educandos e educadores. Assim, as relações entre Educação e Memória passam necessariamente pelo diálogo entre toda a comunidade escolar, pois

Para que as crianças se reconheçam como são, a escola tem papel fundamental na formação das mesmas, e para isso, faz-se necessário que ela reconheça a diversidade da população brasileira, valorizando-a devidamente, contribuindo para a formação de cidadãos auto-confiantes que possam exercer sua cidadania sem medo. (ALGARVE, p.2)

Acreditamos ainda que, contraditoriamente, esta sociedade que em alguns momentos demonstra obsessão pelas inovações tecnológicas e rejeita as memórias do passado, em outros, percebe nas lembranças de idosos uma qualidade afetiva nas relações sociais de outrora, que se tornaram mais complexas com o crescimento das cidades contemporâneas.

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento dos entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura com a misera figura do consumidor atual. (BOSI, 1979, p.40-41)

Neste contexto, torna-se imprescindível portanto compreender criticamente como vem sendo direcionadas as políticas públicas para a população idosa, uma vez que toda compreensão da totalidade se relaciona com o sentido de uma época, com o projeto de sociedade que está em construção e a partir do qual estamos continuamente elegendo possibilidades. (DUSSEL, 1995)

A individualização ocidental rompe com a compreensão de coletividade, e esta fractura do pensamento faz parte da ideologia dominante: pelo processo de desenraizamento, desqualifica o que é fundamental da natureza humana e coloca como projeto o sistema capitalista e a globalização.

Na compreensão da totalidade vigente, Dussel nos chama a atenção de que a América Latina tem sido a mediação do projeto dos países desenvolvidos, que nos consideram / alienam como entes ou coisas como mediação para alcançar seu projeto de acúmulo de capital, e é preciso refletir sobre o quanto estes valores interferem no atual discurso coletivo sobre educação e qualidade de vida.

Assim podemos compreender por que, atualmente, as políticas educacionais no Brasil enfatizam o ensino técnico, privilegiando um caráter de formação para o mercado de trabalho,

afinal,

O nosso modelo educacional se originou na ditadura e a nossa escola foi o aparelho ideológico do Estado. Agora, virou o aparelho ideológico do mercado. A pergunta é: qual mercado? Onde é importante dar certo e ter lucro, sucesso e dinheiro rápido, no qual vale qualquer coisa e justifica todas as falcatruas que estão por aí? Ou um mercado, em que as pessoas querem conviver bem e serem boas cidadãs? Esse é um definidor de limite. O sistema é focado em profissões que estão pautadas na lógica do mercado, e que correm o risco de estarem ultrapassadas ou de produzirem equívocos, sem produzirem valores, mas somente preços.

(...) Toda a questão do conhecimento é uma construção coletiva. A educação só se dá no plural, precisa, no mínimo, de duas pessoas. Ela é aquilo que se troca, o que não tínhamos antes. Quando se pensa nisso, você pensa que o conhecimento é a somatória da vivência, da experiência, sua base de sustentação da vida, da ética e dos valores. (ROCHA, 2011, p.46)

Com a divisão social do trabalho na sociedade de classes, o saber se deslocou da cultura para a escola, num processo de institucionalização do conhecimento que se propõe a transmitir as idéias e valores das classes dominantes. Segundo Ernani Maria Fiori (1991), devemos nos alertar para a necessidade de reintegrar a escola à cultura e desmistificar o saber ideologizado, pois

A educação libertadora não pode ser, obviamente, cúmplice do ensino dos valores da dominação, mas não pode também ser, somente, a crítica das idéias dominantes. Será libertadora, na proporção em que seja aprendizagem, isto é, participação ativa na práxis produtora do mundo e do homem.

(...) devemos denunciar a separação entre o saber e a cultura, entre o intelectual e o manual, entre a teoria e a prática, entre o poder e o trabalho, entre a educação e a produção. (FIORI, 1991, p.88-89)

O processo de desenraizamento que mistifica e institucionaliza o saber não é irreversível, porém a recuperação do fundamental, da liberdade humana, não pode ser alcançada de forma individual mas comunitária.

Por conta do processo de envolvimento desta pesquisadora com o Grupo de colaboradoras, e em contato com novas referências que estudam a questão compreendemos que, por muito tempo, o envelhecimento foi tratado como processo apenas biológico e definido pela idade cronológica, fato reforçado pela geriatria e medicalização dos idosos, que relaciona o processo ao aparecimento de doenças e promove a formação de um grande mercado consumidor na área da saúde.

O envelhecimento também pode ser percebido negativamente como uma fase de decadência e descarte, uma vez que nossa sociedade valoriza intensamente a produtividade no mercado de

trabalho: a aposentadoria é vista como perda do poder aquisitivo e isolamento social, e frente ao crescente aumento do número de pessoas que envelhece, a previdência é tratada como problema social pelo Estado.

Segundo Maria Cecília Minayo (2006), há apenas três situações onde o envelhecimento é valorizado e o indivíduo recebe reconhecimento social: quando é considerado um sábio em sua comunidade, ou uma autoridade intelectual, ou ainda quando a riqueza e poder lhe garantem status.

Entretanto, a autora nos alerta para a importância do envolvimento do sujeito nas escolhas que toma ao longo da vida, visto que é a experiência pessoal que define a qualidade percebida em relação ao processo de envelhecimento, pois “embora as condições socioeconômicas, culturais e ambientais, as redes sociais e comunitárias sejam determinantes dos modos de envelhecimento, à claro que a diferenciação fundamental é da da pela singularidade e pela subjetividade.” (MINAYO, 2006, p.49) Aponta ainda para importância da desconstrução destes mitos, pois se o processo de envelhecimento está relacionado a habituais perdas, também prevê inúmeros ganhos ao longo da vida; apesar das doenças e dependências vividas nesta fase, sabemos hoje que a percepção da qualidade de vida está diretamente relacionada às redes de apoio social estabelecidas entre os sujeitos, especialmente quando constituídas com base nos vínculos afetivos e na solidariedade familiar.

2.3 EDUCACAO MUSICAL INTERGERACIONAL: um conceito em construção.

Em tempos de revitalização e difusão da Educação Musical no Brasil, verificamos atualmente um processo de reformulação dos métodos de ensino, bem como de formação / capacitação de educadores, concebendo a música como linguagem expressiva fundamental no desenvolvimento humano. Cada vez se torna mais evidente a necessidade de aproximar a prática educativa das memórias e experiências que fazem parte do universo cultural dos educandos.

Esse repertório de experiências inclui eventos, percepções, sensações e impactos dos quais nem sempre a pessoa toma consciência, mas que vem à tona quando se dá uma atenção especial a estímulos que tragam e liberem essas sensações, sentimentos, percepções, (...) (JOLY, 2006)

Nas referências pesquisadas durante a elaboração desta Dissertação, e especificamente em

levantamento sobre a produção acadêmica que trata não só da educação em diferentes fases da vida ou de exemplos de educação musical, como também da importância da Escola no processo de formação dos indivíduos, percebemos uma ampla discussão sobre diferentes práticas pedagógicas que lidam com aspectos constitutivos da contemporaneidade. É constante a idéia de que a prática educacional implica mudanças do sujeito, em deslocar representações e estabelecer relações consigo e com o outro, construindo experiências coletivas e significativas que devem respeitar a diversidade cultural e se orientar para uma sociedade mais democrática e humanizada.

Destaco aqui o trabalho de Mériti de Souza (2004), que trata da subjetividade e sua articulação com as redes sociais e culturais presentes nos ambientes escolares:

a argumentação construída para lidar com as dificuldades ante o processo de conhecimento se articula aos afetos, expondo o aspecto mais geral de que o processo de construção e elaboração do saber envolve a razão e a paixão como constitutivos. (SOUZA, Mériti, 2004, p. 120)

Entretanto, ao refletir sobre o processo de colonização e ocidentalização das Américas, percebemos que tal postura educacional tem sido considerada em poucos momentos da história, e especialmente por pensadores que se propõem a questionar a lógica excludente e opressora da cultura de civilização e modernização mundial ditada pela ideologia dos países desenvolvidos.

Nestes questionamentos, a partir de uma perspectiva antropológica que se fortalece por volta dos anos 50, se coloca como dilema

a interação constitutiva entre a cultura estabelecida em qualquer sociedade e os processos, agenciados ou não, de socialização e/ou endotransmissão de saberes e de valores entre gerações e entre categorias de pessoas. (BRANDÃO, 2002, p.143)

Aproximando-se também de algumas práticas sociais que se valem da música como instrumento de formação humanizadora, e através de uma práxis reflexiva que se propõe a construir um caminho de liberdade da expressão artística, este trabalho de pesquisa dialoga com outros estudos da Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, sobre como a convivência entre pessoas com diferentes histórias de vida pode gerar diálogos e interações nestes grupos. Maria Carolina Joly nos coloca a hipótese de que estes diálogos

podem enriquecer a experiência de vida de cada um, permitir uma interação difícil de acontecer em outros espaços sociais e educacionais, e se

constituir em modelos de aprendizagem educativa e social para a vida em família, na comunidade e na escola, criando modelos de espaços de convivência social, conhecimento do grupo e oportunidades de socialização. (JOLY; MONTRONE; JOLY, 2009)

A partir da contextualização apresentada no capítulo anterior, um dos propósitos que se destaca nesta dissertação é justamente dialogar junto a um grupo de mulheres educandas da Universidade Aberta da Terceira Idade – Fundação Educacional São Carlos (UATI-FESC), colaboradoras nos procedimentos metodológicos da pesquisa, sobre sua própria percepção do processo de envelhecimento, da urbanidade contemporânea, e de seu projeto de existência na denominada “terceira idade”, pois é a partir do projeto que se abrem as possibilidades para uma educação intergeracional libertadora e mais humanizada.

Considerar uma educação musical formadora nos remete a um processo educativo, não genericamente “dinâmico” mas, essencialmente, desmobilizante. (...) Redimensionar o interesse, explorando a percepção de cada indivíduo sobre si e sobre o complexo de relações no qual interage. E é justamente a intensificação da percepção (no micro e no macrouniverso), a atenção ativada, que nomeamos consciência. Nesse sentido então é que a educação musical pode tornar-se um excelente meio de conscientização pessoal e do mundo. (KATER, 2004, p.45)

Nas reflexões realizadas coletivamente nas atividades de Educação Musical com o Grupo de colaboradoras da UATI-FESC – com um olhar voltado para a musicalidade enquanto linguagem expressiva e para os valores educacionais da sociedade de consumo contemporânea –, pudemos nos questionar sobre algumas das mudanças socioculturais do último século, bem como sobre as diferentes experiências intergeracionais e papéis sociais que foram se constituindo ao longo de suas vidas. Neste processo de diálogo e comunicação,

(...) podemos desencontrar-nos, quando nossas intencionalidades não tem o mesmo sentido. Porém, qualquer objetivação nossa se insere nesse horizonte de comunidade. Não há objetividade exclusiva de uma consciência: esta é, sempre, abertura com a amplitude da universalidade. (FIORI, 1986)

Como veremos na análise dos resultados (cap. 4), o fato de olhar e refletir sobre as próprias experiências, lhes permite compreender diferentes momentos e formas de se relacionar com os familiares, bem como os consequentes papéis sociais exercidos nos contextos históricos que vivenciaram.

A opção por refletir sobre a problemática geracional tendo como foco a trama intergeracional baseia-se no entendimento de que a equidade e os sentidos das situações de interações estabelecidas entre pessoas de distintas idades só podem ser compreendidos caso seja considerada a questão relacional. Isso porque construir relações intergeracionais é vital, pois é no embate com o Outro que as identidades se constroem e se dinamizam. (RIBAS, 2009, p. 125)

Acreditamos que as relações intergeracionais vão definindo valores morais e éticos em sua própria personalidade e nas relações familiares que, em termos de sociedade, foram se transformando de forma acelerada nas últimas décadas. Se por um lado os avanços tecnológicos deste último século tem garantido bem-estar e aumento da expectativa de vida, por outro, tem privado as pessoas de perceber-se enquanto totalidade e alterado intensamente seu ritmo de vida, dificultando sua capacidade de expressar-se afetiva e emocionalmente.

Neste contexto, segundo a educadora musical Enny Parejo (2010), nos ambientes educacionais é preciso conceber os seres humanos como uma unidade entre corpo, mente e espírito:

A corporificação da razão nos interessa sobremaneira para o processo educacional e, conseqüentemente, para a educação musical; (...) se constrói a partir do interior, na interface com o mundo, a partir das experiências e possibilidades de interações que oferecemos a nossos corpos. Nesse sentido, a escolha de nossas estratégias didáticas torna-se crucial.

A experiência humana total e multidimensional não pode prescindir da inclusão do corpo no processo. A grande dificuldade é que, reconsiderar o papel do corpo exige uma mudança de paradigma, e, transcender a cisão tão radical que Descartes ajudou a consolidar. O esforço em direção a uma concepção integral de pessoa começa exatamente neste ponto: readmitindo a existência ativa do corpo, através do qual se estabelece a interface com o mundo, e as emoções e sentimentos retomam seu lugar na educação e na vida. (PAREJO, 2010, p.117)

A própria compreensão deste corpo no tempo, na chamada “terceira idade”, ou “melhor idade”, ou ainda “maturidade” está em questionamento e presente a todo momento nos diálogos realizados com educadores e educandos da UATI-FESC sobre as diferentes *fases da vida*, reforçando a necessidade de se viver plenamente no presente uma vida de qualidade, independente da idade cronológica em que a pessoa se encontra.

Neste pensamento, um questionamento central tem se colocado permanentemente a esta pesquisadora e educadora, especialmente por atuar numa área artística onde o contexto cultural é a base educacional: quais são as transformações sociais e os processos educativos possíveis no diálogo musical entre a cultura popular – cujo palco é, por excelência, a rua e o espaço público de sociabilização – e a cultura erudita – com todos os paradigmas envolvidos no ambiente escolar?

Acreditamos atualmente que tal diálogo deve ser respeitoso em suas diferenças e sempre contextualizado, pois historicamente a cultura popular vem sendo tratada como folclore, como algo estático e caricato, como primitivo e não civilizado. A visão sociológica tradicional, numa vertente culta e colonizadora, rotula as manifestações “folclóricas” como residuais, como sobreviventes das culturas dominadas e que tendem a desaparecer. Segundo o educador musical Carlos Kater (2004),

Esse relativo empobrecimento cultural, esvaziamento de interesses e consequente alheamento diante de recursos naturais com potencial de promoção humana deve-se particularmente à não exploração inventiva de significados imanentes das músicas e canções, infantis ou adultas. Tomando-se apenas as canções, em vista da relativa facilidade de trabalho que oferecem em muitos casos, (...) podemos observar o quanto elas nos educaram e nos educam. São de certa forma a afirmação de que estamos vivos e em movimento intenso junto a uma sociedade específica, num tempo particular de sua existência.

Ferramentas expressivas fundamentais para culturas de forte tradição oral como a brasileira, elas se originam a partir de uma intenção criativa, articulando signos e conceitos numa forma poética original. (KATER, 2004, p.48)

No sentido contrário, acreditamos na importância das manifestações populares, que carregam em sua essência memórias de uma vida mais humana e sensível, baseada na coletividade. Não basta uma visão nostálgica das alegrias do passado, ou aguardar as possibilidades de desfrutar dias melhores no futuro, é preciso compreender a existência humana enquanto processo em construção; torna-se evidente a necessidade de refletir sobre quais são as práticas sociais que realizo para ter uma vida de qualidade, e sobre como me relaciono com o corpo e a mente do Outro, e ainda com a minha própria existência.

Neste sentido, entendemos que a Educação Musical tem um potencial e um papel de propiciar um processo de valorização da simplicidade e da beleza, de recriar sentidos e significados para que as relações humanas possam encher-se de prazer e esperança, por meio da expressão artística. É com esta visão de mundo que apresentaremos a pesquisa nos capítulos a seguir.



3.1 - METODOLOGIA
3.2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3. *Uma pesquisa em educação*

3. UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO:

as vivências intergeracionais em Roda no ambiente escolar

“(…) Estava o sementeiro de auroras
sulcando a aragem da terra
com riscos de um fio invisível
que somente tecem e sabem tecer
as mãos hábeis dos rituais do amanhecer.
(…) Ali. Como se a história das coisas e homens
a cada dia nascesse de novo desse gesto ancestral
pois todas as coisas são o que o homem planta
e cultura é o nome dado ao que ele colhe e canta
enquanto corta a braçada de cereais.
Estava o sementeiro de auroras
dizendo um a um os seus nomes
aos frutos que iam nascer.”
(Carlos Rodrigues Brandão - O SEMEADOR)²⁶

Se olharmos para alguns reflexos sociais da tendência racionalista²⁷ de classificação e seriação colocadas no ambiente urbano pela Modernidade, podemos perceber ao longo do século passado como foi se delimitando a noção de *gerações* com papéis sociais bem determinados, com valores morais e expectativas de conduta que variam conforme o contexto, mas que resultaram na invenção das diferentes *fases da vida* e cada qual com suas respectivas *instituições* de apoio: as escolas específicas para a infância ou para a adolescência, o amplo mercado de trabalho destinado aos adultos, a previdência social para os idosos, com recentes centros de convivência e universidades abertas para a terceira idade...

No cotidiano de seres humanos em contínua formação, estas instituições sociais definem as *faixas etárias* de seu público a partir de idades cronológicas, classificando os indivíduos de acordo com o tempo de vida.

26 Em: Diário de Campo – a antropologia como alegoria. Ed. Brasiliense, 1982.

27 **Racionalismo:** Qualquer filosofia que enfatize o papel da razão, que nesta perspectiva garante a aquisição e a justificação do conhecimento; preferência pela razão em detrimento da experiência sensorial como fonte de conhecimento. Dicionário Oxford de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

Se esta noção de *identidade etária* for compreendida como produto cultural, então

O desenvolvimento biológico no ser humano pode ser visualizado por meio de uma sucessão de etapas: infância, adolescência, a do adulto jovem, meia-idade e velhice, fases decorrentes de singularidades orgânicas, mas também produzidas pela cultura. Para além das determinações naturais, as culturas humanas pré-históricas e históricas produziram e prosseguem produzindo significações para cada uma das etapas da existência do homem. Regras de conduta são institucionalizadas para as diferentes fases da vida e são expressas por intermédio do desempenho de papéis sociais. Podemos, pois, considerar que as gerações são socialmente construídas, porque, antes de tudo, o indivíduo é socialmente construído. (FERRIGNO, 2006, p. 16-17)

No entanto, a percepção desta identidade se constrói pela experiência cotidiana de cada indivíduo: não podemos deixar de considerar que há fatores cognitivos e emocionais que variam conforme os grupos a que cada um pertence (de classe, de gênero, de etnia, de produção...), e acreditamos que a sensação de pertencimento a uma ou outra identidade etária se dá a partir da visão de mundo de cada ser.

No âmbito educacional, o processo de escolarização e de consolidação das instituições de ensino define uma clara divisão territorial e de atividades específicas para cada idade, e isso de forma especial com a crescente urbanidade da vida coletiva.

Por outro lado, mas apenas recentemente, criam-se novas oportunidades de escolhas e caminhos para superar este distanciamento das gerações: nos últimos anos, surgem diferentes projetos institucionais de lazer, educação e cultura, que apostam na riqueza de trocas afetivas e de experiência entre jovens e idosos para rever o preconceito etário.

No desenvolvimento desta pesquisa acreditamos que, por meio do convívio intergeracional, torna-se possível transformar alguns mitos e estereótipos acerca do processo de envelhecimento, pois segundo Moragas (1997, apud LUZ e SILVEIRA, 2006):

O mito da velhice como etapa negativa se baseia em pressupostos incertos. A maioria dos idosos não tem limitações, nem suas vidas são negativas e dependentes (...) A velhice se constitui como uma etapa vital que pode ter elementos de desenvolvimento pessoal, embora este desenvolvimento vá em direção contrária aos valores predominantes na sociedade atual: força, trabalho, poder econômico e político. (MORAGAS, 1997, p.24)

3.1 METODOLOGIA: percorrendo o caminho da pesquisa nas Rodas e fortalecendo relações de confiança...

No contexto onde se insere esta pesquisa consideramos que, para responder à questão central de pesquisa e compreender os processos educativos vivenciados pelo Grupo de Roda, a partir das reflexões e referências teóricas abordadas na Linha de Pesquisa, torna-se fundamental investigar este processo de educação intergeracional também pelo olhar e visão de mundo das próprias mulheres envolvidas.

Assim, o desenvolvimento deste projeto de mestrado iniciou-se com a inserção no campo de estudo em **Rodas de Conversas**, onde se compartilham saberes pela fala e pelo gesto.²⁸ Os principais objetivos desta pesquisadora, neste momento da pesquisa, foram o de compreender as diferentes visões de mundo sobre o processo de envelhecimento das mulheres colaboradoras, bem como fortalecer o exercício metodológico do Grupo de Roda da UATI em compartilhar estes saberes: para que cada uma pudesse despertar as memórias pessoais e expressar para o coletivo, por meio do diálogo em roda, as experiências vividas.

Neste sentido, procuramos vivenciar um processo metodológico dialogado entre pesquisa e ação em educação, optando por uma visão no paradigma dos modelos científicos: a de que não existe pesquisador neutro ao processo de investigação. No campo da Educação, entendemos que a subjetividade de quem pesquisa está presente em todo o processo, desde o envolvimento com a temática, passando pela coleta e análise dos dados, até as considerações da pesquisa.

Entendemos portanto este movimento de elaboração dos significados pela inserção coletiva no processo de pesquisa, ao vivenciar e objetivar a caminhada do Grupo: quando cada uma se relaciona com sua própria subjetividade e com a da outra, quando significa ao mundo a si própria, na procura de compreender o contexto histórico, social, cultura, e na procura de uma praxis libertadora.

Durante a investigação, estabelecemos em nossas atividades cotidianas uma constante preocupação com o contexto e valores socioculturais em que as participantes se inserem, de forma que a pesquisadora interpreta as relações que se dão em determinado ambiente educativo considerando as opiniões e os sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos. Dessa forma, a opção por dialogar com o Grupo sobre as experiências vivenciadas coletivamente, procura

28 Sobre o assunto, foi elaborado pela pesquisadora um relatório como trabalho final para a disciplina EDU 944 Práticas Sociais e Processos Educativos, em junho de 2010, intitulado “**Roda de conversa no intervalo: o convívio de mulheres em Grupos Artísticos de Música da UATI**”.

(...) compreender as essências que se mostraram no contexto da pesquisa, a análise das narrativas dos/as participantes foi fundamental. Tem-se presente que quando uma pessoa relata fatos vividos por ela mesma, reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. (SILVA, D., 2009, p.88)

No processo de estudo e pesquisa, foram realizadas anotações manuscritas sobre as questões levantadas durante as disciplinas do mestrado, e sobre as experiências e diálogos vivenciados na prática social da UATI. Estes registros se deram partir das percepções da pesquisadora sobre os acontecimentos e as falas do grupo, em dois momentos distintos: primeiro, durante a própria roda de conversa (em caderno do ambiente de trabalho), em apontamentos e sínteses sobre as temáticas abordadas; depois, amadurecendo as reflexões e exercitando a memória em casa (em caderno usado para as atividades acadêmicas), e posteriormente sistematizando estes registros no Diário de Campo.

De início, novas indagações se mostraram latentes para esta pesquisadora no processo de coleta de informações sobre o grupo, como desenvolvimento de uma postura de inserção, e que de certa forma fizeram parte de um processo pessoal de amadurecimento no campo da pesquisa: como me insiro nesta roda de conversas, e quais as dificuldades em conciliar os papéis de educadora, pesquisadora, e amiga? Devo assumir uma postura de compartilhar minhas idéias e experiências pessoais com o grupo, ou me afastar das temáticas abordadas e perceber apenas suas próprias reflexões?

Nas primeiras inserções senti, como educadora do grupo, certa necessidade de “afastamento” corporal, com a intenção de “estabelecer” o início do *intervalo* entre as aulas: com a mudança da disposição da sala, o recolhimento do material didático, minha saída da sala para troca de material... Tal postura foi assumida para propiciar a mim mesma o momento de *inversão* de papéis, de ampliar o próprio olhar sobre a prática selecionada e de sensibilizar as percepções para encontrar o que vai além do visível.

Durante as reflexões junto aos pesquisadores da Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos²⁹, porém, novos questionamentos direcionavam o olhar desta pesquisadora e se mostravam como desdobramentos da questão central de pesquisa: mas afinal, qual a intencionalidade desta aproximação? Por quê conhecer mais a fundo as experiências presentes

29 No primeiro ano letivo do Mestrado foram cumpridos os créditos do Programa de Pós Graduação, e em especial nas disciplinas que reuniam o grupo da Linha de Pesquisa, o processo de definição e amadurecimento da pesquisa foi realizado de forma coletiva e colaborativa nos encontros semanais, pela apresentação e reflexão em grupos dos trabalhos de cada um dos pesquisadores envolvidos.

destas mulheres, e como isso poderia contribuir na compreensão de suas lembranças do passado? Que relações educacionais, culturais e afetivas vão se estabelecendo a partir da Roda de conversas? E ainda: que convivência é possível num ambiente escolar como o nosso³⁰ e como tantos outros, onde tradicionalmente imperam hierarquias e relações de poder, e quais as dificuldades em romper com estas relações por um processo educativo mais humanizado?

Com o amadurecimento das reflexões e do referencial estudado na Linha de Pesquisa, uma nova opção foi tomada ainda no processo de inserção: a de me sentir parte do grupo durante as conversas, compartilhando valores e experiências pessoais sobre o envelhecimento, e expondo a minha própria visão de mundo como parte dos diálogos. Neste momento, por meu próprio engajamento e interesse com o objeto de estudo, assumo portanto a postura de também participar das reflexões coletivas e valorizar o convívio entre as mulheres do grupo, num processo de investigação dialogado, colaborativo, e afetivo. Segundo Douglas Silva, “esses interesses movem aqueles/as que, com seu trabalho, procuram interferir na realidade e, nela, buscam ampliar compreensões acerca de processos humanos.” (SILVA, D., 2009, p.66)

Com esta postura metodológica de aproximação, procuramos dialogar com as propostas pedagógicas de Paulo Freire (2007), quando aponta que o ato de estudar é uma prática de assumir uma postura política no mundo, e portanto a relação educacional de quem estuda algo não deve se dar apenas a nível de livros e referências metodológicas, mas principalmente em dialogar com seus próprios conceitos e percepções: sobre a realidade que enxerga e a realidade que está disposto a construir, num constante processo de indagação perante suas próprias observações.

O autor considera ainda que todo este processo deve ser sistematizado, registrado, com o objetivo de alcançar respostas a estas questões. Segundo ele, para assumir tal posicionamento perante os estudos é preciso ainda que quem estuda se considere humilde perante o conhecimento, e sem desconsiderar sua própria bagagem educacional e cultural, se mostre curioso a encontrar verdades e significações ainda desconhecidas, de forma profunda e sincera, e assim disposta a dialogar e se educar de forma respeitosa e íntegra com as outras. (FREIRE, 2007)

Para tanto, nesta prática social que se propõe a ser intergeracional, buscamos pensar um “método de delinear aquilo que ainda não existe, mas que há de existir, ou pode existir ou se receia que exista. Este método de ensino, naturalmente, não rejeita os métodos tradicionais, mas sim, os

30 Por algumas vezes as mulheres se referiam à Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI-FESC) como “a minha escola...”, demonstrando não apenas o estabelecimento de vínculos afetivos com a instituição, mas também sua dedicação ao projeto de viver a vida em constante formação.

complementa” (KOELLREUTER, 1984). Segundo o autor citado, quando aborda sobre o ensino pré-figurativo, se almejamos um “diálogo das civilizações e culturas” é preciso primeiramente conseguir quebrar as relações de opressão e dominação cultural – que se dão com a sobreposição de valores e que tem como consequência a marginalização das tradições populares. Para tanto, é preciso construir novas formas de relacionamento entre educadores e educandos no ambiente escolar: repensando processos pedagógicos transformadores e indo no sentido contrário a uma pedagogia da reprodução, controladora e formatadora.

Desta forma, no processo de pesquisa desta Dissertação, entendemos o grupo de mulheres colaboradoras como um organismo repleto de relações delicadas e profundas, permeado pelo compartilhar de emoções. Procuramos nas Rodas de Conversa abordar com cada uma das participantes sobre as percepções que tem de si e do trabalho coletivo, compreendendo então que aprender/ensinar é um processo vivo, dinâmico, e ainda prazeroso, se conseguirmos tratar a formação humana de maneira integral, e não fragmentada.

Retomando como referência metodológica a Pedagogia da Esperança, Paulo Freire (1992) ressalta a grande dificuldade em se repensar a escolarização e sua democratização nos ambientes escolares, pois uma prática que desafie os educandos a pensar criticamente implica que os educadores repensem sua própria formação, e que reconheçam a importância da *subjetividade* nestes processos educativos, indo de encontro a posturas dogmáticas historicamente estabelecidas. Implica ainda repensar o próprio papel da Universidade na produção do ciclo do conhecimento, e nas relações estabelecidas junto à sociedade nas práticas de docência e pesquisa em Educação.

Torna-se, portanto, urgente e necessário assumir os riscos de coerência inerentes à prática educativa, pois “sendo a educação, por sua própria natureza, diretiva e política, eu devo, sem jamais negar meu sonho e minha utopia aos educandos, respeitá-los.” (FREIRE, 1992, p.78) E, ainda segundo o autor, pensar em como este *diálogo* respeitoso deve estar presente na própria definição dos conteúdos programáticos, para a construção de uma escola democrática e progressista, que parte do *saber de experiência feito* e busca sua superação por um saber mais crítico: um processo de aproximação entre educadores e educandos que não impõe valores “...porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro.”(FREIRE, 1992, p.118)

Compreendemos dessa forma que, nas práticas sociais que vivenciamos em nossas experiências cotidianas definimos nosso posicionamento de ação diante do mundo: se algumas pessoas são a favor da manutenção da estrutura vigente, mitificam a realidade e sectarizam a educação para manter as *situações-limites*, outras, lutando por sua transformação de forma crítica e

dinâmica, desvelam a realidade para superar a opressão.

Nesse sentido, um dos desafios na prática educativa que permeou toda a pesquisa e elaboração da Dissertação, junto ao grupo de mulheres - educandas e colaboradoras da pesquisa, por conta dos valores inseridos nos ambientes que já vivenciaram ao longo de sua formação escolar, foi assumir a Dialogicidade como conceito fundador de uma educação mais humanizada.

Foi necessário, portanto, considerar a reação dialética entre consciência e mundo, num processo de aproximação da outra que não impõe valores. Como direito, como pensar crítico e como pronunciamento do mundo, o diálogo se inicia na busca do conteúdo programático das Rodas, que não deve ser imposição ou doação, mas construído coletivamente: educadora e educandas compartilham suas visões de mundo, que constituem temas significativos e simbólicos de nossa práxis educacional.

Torna-se fundamental respeitar o saber de experiência feito, conhecê-lo e ir além, como alimento para as reflexões sobre o contexto em que nos inserimos. Neste processo dialógico, as pessoas são compreendidas como *corpo consciente*, como seres da práxis que percebem a realidade, pois “é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas idéias, suas concepções.” (FREIRE, 2005, p.106)

Neste sentido, consideramos que toda ação tem uma intencionalidade, e foi necessário dedicar atenção e questionamento para as opções tomadas ao longo da pesquisa. Assim, na intenção de que as educandas do **Grupo de Roda da UATI** se reconhecessem como colaboradoras neste processo, partimos pelo reconhecimento de sua memória cultural no processo de formação e enraizamento destas mulheres nas atividades musicais e corporais do grupo.

Procuramos dessa forma compreender os processos educativos numa prática social intergeracional, que podem se dar não apenas pela fala e/ou pelo gesto expressivo, mas também refletindo sobre como compartilho minhas visões de mundo com as das outras, e como estas visões de mundo vão se (re)construindo coletivamente e interferem nas experiências pessoais.

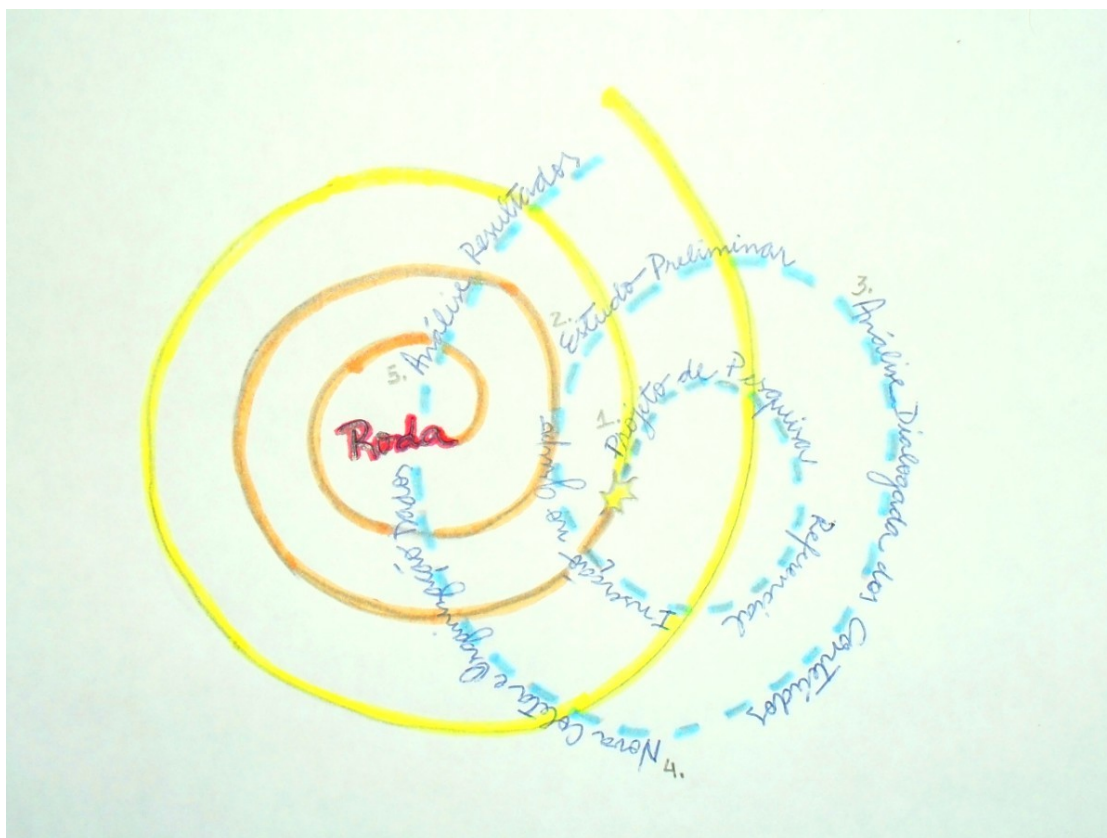
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: a intervenção como contexto para a realização da pesquisa.

Nesta experiência, onde a “Roda da Vida” é o ambiente/cenário e compreender as interações entre as mulheres participantes é a questão de pesquisa, realizamos um constante e complexo exercício para definir os contornos entre intervenção e pesquisa. E é apenas no desfecho deste processo de pesquisa que compreendemos o quanto estes limites entre uma e outra se mesclam em movimentos cíclicos, por vezes se aproximando em momentos coletivos e por outras isolando-se em reflexões pessoais. Intervenção e pesquisa se relacionaram de forma tão intrínseca pela subjetividade deste grupo de mulheres – onde me incluo como pesquisadora e educadora – que procuramos materializar um diagrama para elucidar o movimento de pesquisa vivenciado.

DIAGRAMA 1:

CAMINHO METODOLÓGICO - com descrição do processo de pesquisa em etapas:

- linha laranja: trajetória do grupo no projeto “Roda da Vida”(2008-2010)
- linha azul: trajetória da pesquisadora, a partir da inserção no Mestrado (2010-2011)
- linha amarela: trajetória do grupo com a inserção da pesquisa (2010-2011)



<p>1. aproximação do campo de estudos e da temática da pesquisa: estudo de bibliografia, reflexões com outros pesquisadores nas disciplinas do PPGE, inserção no Grupo de Roda da UATI;</p>
<p>2. estudo preliminar para contextualização da pesquisa: Rodas de conversa no intervalo das aulas na FESC com anotações da pesquisadora em Diário de Campo (durante e após os encontros), produção de registros audiovisuais das vivências em Roda nos diferentes ambientes escolares;</p>
<p>3. análise dialogada dos conteúdos: apresentação do Diário de Campo, análise individual dos registros, e levantamento de questões e percepções nas Rodas de Conversa com o Grupo de Roda da UATI;</p>
<p>4. nova coleta e organização de dados no projeto “Roda da Vida”: inserção nas vivências intergeracionais em Roda no CEMEI, análise dos registros e planejamento coletivo das intervenções no Grupo da UATI (conversas, observações e reflexões compartilhadas), registros pessoais e relato das atividades em Diário de Campo;</p>
<p>5. compreensão e análise dos resultados: pesquisadora dialoga com os dados da pesquisa e o referencial teórico, para elaboração final da dissertação de mestrado.</p>

Assim, os principais conceitos metodológicos apresentados foram a base para a realização dos procedimentos metodológicos descritos: amplia-se a intenção de compartilhar saberes e percepções, num processo que busca fortalecer a coletividade nos questionamentos e na interpretação dos sentidos e significados dos registros da pesquisadora, a partir de uma convivência repleta de intencionalidades e baseada na confiança.

Definidos os objetivos deste estudo, realizamos uma conversa com o Grupo de Roda da UATI para *me apresentar* como pesquisadora e verificar o consentimento e envolvimento delas com estes propósitos³¹, respeitando aquelas participantes que demonstraram interesse em se preservar. A apresentação clara da proposta da pesquisa foi necessária para que se estabelecesse a troca, a compreensão coletiva do processo de investigação e a necessidade de cooperação mútua, onde aprendemos umas com as outras compartilhando experiências de vida e visões de mundo, pelo compromisso e responsabilidade com a formação coletiva.

Os procedimentos metodológicos relacionados à pesquisa procuram, portanto, descrever e analisar as reflexões coletivas realizadas no intervalo das aulas, bem como elaborar e compreender a própria postura desta educadora perante o ato de pesquisar, a partir dos conceitos e perspectivas abordados pela Linha de Pesquisa *Práticas Sociais e Processos Educativos* (PPGE-UFSCar).

31 Apresentação de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e realização de registros em Diário de Campo, 2010.

Buscando compreender a dinâmica, o processo de conscientização e de experiências intergeracionais com o Grupo de Roda da UATI, tanto na UATI como nas escolas de educação infantil, realizamos coletivamente um processo de análise dos registros de texto e imagens sobre o projeto “Roda da Vida”, e levantamos questionamentos e percepções sobre eles. Assim, as Rodas de Conversa cotidianamente foram se tornando um momento de diálogo e compreensão da caminhada coletiva, proporcionando que todas avaliassem os registros e se posicionassem na análise dos dados.

Aos poucos, as próprias colaboradoras iam sutilmente sugerindo formas de pesquisar com o grupo e apresentando dicas para a definição dos procedimentos metodológicos, tais como levar fotos antigas para recordar o passado, sugerir questões para as rodas de conversa, propor combinados para organizar todas as crianças na escola ... assim, os procedimentos da pesquisa em campo foram-se definindo junto com a caminhada do Grupo e a cantoria coletiva nas Rodas intergeracionais, através da convivência entre as participantes no projeto “Roda da Vida”, repleta de intencionalidades e disposição para a colaboração.

Desta maneira, o Grupo de Roda da UATI esteve envolvido desde os estudos preliminares³² até a compreensão dos resultados, por meio das reflexões coletivas sobre os registros. No processo desta pesquisa procuramos constantemente desenvolver com o grupo de mulheres colaboradoras uma análise dialogada dos conteúdos: juntas voltamos o olhar para os registros audiovisuais das Rodas e para questões do Diário de campo, e coletivamente buscamos construir compreensões sobre as relações interpessoais, apontando os aspectos de educação intergeracional vivenciados e retomando constantemente as questões: o que é e como se dá este processo educativo? O quê e com quem cada uma aprende?

O processo de *coleta e organização de dados* foi amadurecendo ao longo da inserção, e deu-se na forma de registros manuscritos no Diário de Campo (durante os intervalos das aulas) com posterior reflexão crítica sobre as temáticas abordadas nas Rodas de Conversa (releituras dos registros com destaque para os aspectos de significado), sendo a análise dos conteúdos dialogada com as colaboradoras da pesquisa durante os encontros semanais.

Os diferentes momentos de sua produção se deram como relato escrito (daquilo que vejo e ouço), como reflexão sobre minhas próprias percepções de falas e gestos (o que penso sobre o que vivi), e com momentos de esclarecimento coletivo junto às colaboradoras da pesquisa³³ (questionar

32 Realizado a partir do trabalho de inserção na pesquisa: “**Roda de conversa no intervalo: o convívio de mulheres em Grupos Artísticos de Música da UATI**” - Relatório final da disciplina EDU-944 Práticas Sociais e Processos Educativos, jun. 2010.

33 As últimas inserções (27/05 e 10/06) previram este momento de leituras coletivas para elaboração dos conceitos do

se o que estou vendo é isso mesmo)... como vontade de escrever/relatar sobre o pensado e o vivido pelas mulheres, seus símbolos, seu mundo, sua vida, não para explicar o que compreendo mas para compreender o que sinto através da convivência.

Foi necessário portanto questionar, observar, descrever, analisar e compreender como se forma ou se consolida o grupo onde se realiza a prática social: são as mesmas pessoas sempre? Quais os papéis que vão se firmando entre elas? Como o grupo reage à ausência de alguma aluna? Como o estado de espírito de cada uma interfere na dinâmica do próprio grupo? Que percepções são possíveis pela roda de conversa sobre aspectos relacionados ao processo de envelhecimento, considerando as especificidades de uma geração (seus valores e contradições que variam conforme a vivência de cada pessoa) e as particularidades das histórias de vida?

No início da inserção desta pesquisa científica com o Grupo de Roda da UATI, em 2010, as atividades relacionadas ao projeto de intervenção nas escolas de educação infantil - “Roda da Vida” - eram concentradas na atuação da própria educadora e pesquisadora: os encontros dos Grupos da UATI promoviam a sensibilização de suas integrantes e o levantamento de memórias e de repertório artístico, que eram por mim reelaborados para aplicação de atividades pedagógicas junto a crianças e professoras dos CEMEIs envolvidos pelo projeto; porém, em alguns momentos pontuais do ano letivo, promovemos o encontro destes grupos em vivências intergeracionais de conversa, música e dança.

Com o desenvolvimento da pesquisa realizada com o Grupo e fortalecimento das Rodas de Conversa, em 2011 as mulheres colaboradoras intensificaram sua participação no projeto de intervenção nos CEMEIs, desempenhando um papel cada vez mais ativo na realização das vivências intergeracionais, como veremos na análise dos resultados.

Nesse sentido, acreditamos que o processo de desenvolvimento do projeto de intervenção caminhou junto com o amadurecimento do projeto de pesquisa, ambos sendo repensados pelo diálogo entre seus participantes, e tomando novos rumos e compromissos em nível acadêmico e institucional.

Porém, para encontrar respostas à questão inicial da pesquisa, e inclusive para organizar com mais clareza a análise dos resultados apresentados no próximo capítulo, consideramos importante diferenciar os procedimentos metodológicos realizados para a intervenção dos procedimentos de pesquisa.

Assim, no período de maio a agosto de 2011 (considerando recesso escolar em julho), foram realizados com o Grupo de Roda da UATI, num processo cíclico, os seguintes procedimentos metodológicos para coleta e análise de dados e posterior elaboração da dissertação:

QUADRO1:

ARTICULAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

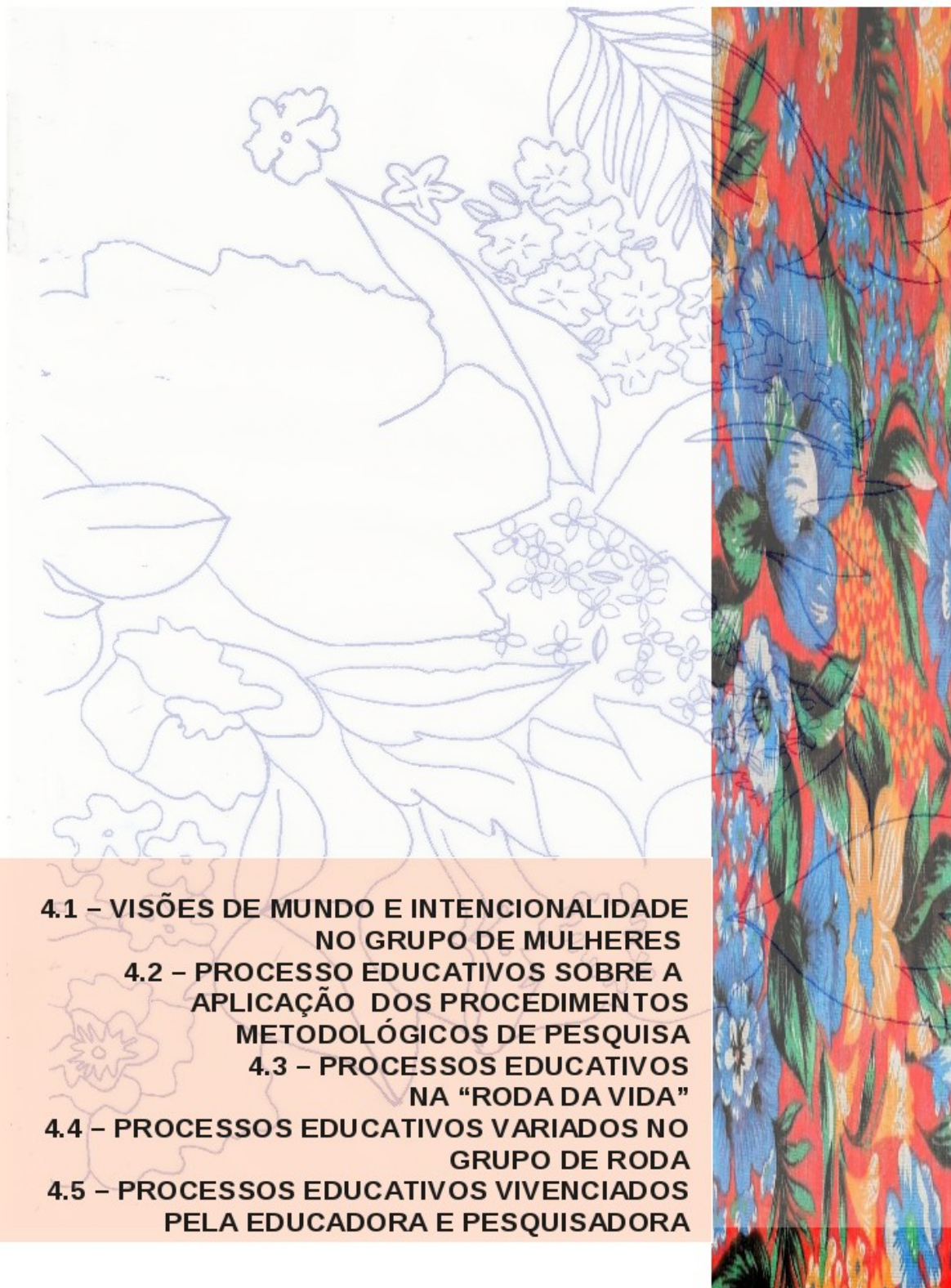
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INTERVENÇÃO:
Roda de conversa para planejar as visitas na escola, e para fortalecer as relações de confiança entre as participantes do grupo de mulheres colaboradoras.
Vivências internas de sensibilização e prática em Roda, para desenvolver as atividades do repertório do Grupo de Roda da UATI.
Visita do Grupo de Roda nas escolas e interação das diferentes gerações: encontros com as crianças acompanhadas da respectiva professora, quando as educandas da UATI ensinam as cantigas e danças para as crianças, enquanto a educadora-pesquisadora observa e registra - (Rodas nas salas de aula e interações coletivas, juntando os diferentes grupos de crianças na Grande Roda.)
Reflexão coletiva e planejamento do Grupo para as próximas atividades com as crianças: apreciação dos registros de fotos e vídeos como recurso de memória, compartilhar relatos e percepções das mulheres sobre as atividades, com encaminhamentos para a continuidade.
Apresentações e vivências externas de integração do Grupo Artístico em eventos fora do ambiente escolar, como valorização e reconhecimento do trabalho desenvolvido.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA:
Observação da pesquisadora sobre os procedimentos metodológicos da intervenção, nos diferentes ambientes escolares (FESC e CEMEIs) e nas apresentações externas.
Anotações em Diário de campo para descrever o que aconteceu nas interações que se deram nas escolas e nas apresentações.
Registros audiovisuais das atividades (fotos e vídeos) como recurso de memória e planejamento coletivo, e seleção das imagens mais significativas para montar um álbum com o histórico do Grupo e para acrescentar imagens aos resultados encontrados.
Organização e levantamento de questões nas Rodas de conversa e reflexões posteriores às visitas na escola, para compreensão das anotações e revisão das percepções.
Registro reflexivo em Diário de campo das percepções e relatos das mulheres colaboradoras.

Para organização e análise dos dados registrados foram realizadas leituras e releituras das anotações e registros em Diário de campo – retomando o referencial teórico e destacando junto à professora-orientadora os pontos importantes para percepção dos processos educativos –, bem como encontros de observação conjunta das fotos e vídeos (entre pesquisadora-educadora e mulheres colaboradoras), compartilhando e questionando as percepções da pesquisadora e destacando os aspectos mais significativos para o Grupo de Roda da UATI.

Em relação aos dados registrados, estes foram sistematizados, organizados e analisados conforme os resultados relacionados a:

1. visões de mundo e intencionalidade no grupo de mulheres, onde foram incluídos os processos educativos em educação musical, coletividade e envelhecimento;
2. processos educativos sobre e aplicação dos procedimentos metodológicos de pesquisa nas atividades do Grupo de Roda;
3. processos educativos na “Roda da Vida”, onde analisamos cada um dos procedimentos metodológicos do projeto de intervenção;
4. processos educativos variados no Grupo de Roda, tanto nas relações internas, como nas relações com outros grupos de crianças e de mulheres;
5. e processos educativos vivenciados pela educadora e pesquisadora, com relação aos aspectos anteriores.



**4.1 - VISÕES DE MUNDO E INTENCIONALIDADE
NO GRUPO DE MULHERES**

**4.2 - PROCESSO EDUCATIVOS SOBRE A
APLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS
METODOLÓGICOS DE PESQUISA**

**4.3 - PROCESSOS EDUCATIVOS
NA "RODA DA VIDA"**

**4.4 - PROCESSOS EDUCATIVOS VARIADOS NO
GRUPO DE RODA**

**4.5 - PROCESSOS EDUCATIVOS VIVENCIADOS
PELA EDUCADORA E PESQUISADORA**

4. Resultados e análise

4. RESULTADOS E ANÁLISE: que processos educativos se deram a conhecer?

*"Não faça o mal a quem te faz o bem,
eu vou ao mar, depois eu vem...
E lá no mar tem uma pedra,
nessa pedra mora uma índia...
Eu vi a pedra embalar,
essa índia eu vou buscar..."*
(D. Rosa – Griô de Lençóis / BA³⁴)

Ao abordar a Educação como processo coletivo no qual os indivíduos buscam subjetivamente constituir-se em sua humanidade, pela objetivação e existência no mundo, Ernani Maria Fiori (1991) trata a questão da libertação humana como origem e propósito do verdadeiro processo educativo, e aponta que a finalidade deste processo deve ser a consolidação da autonomia e da liberdade, num reencontro consigo e na práxis no mundo comum: “Inventar historicamente o homem é sua tarefa, não pré-determinada por critérios anteriores ao seu fazer(...). Seu processo não se orienta por um plano medido e calculado; é desenvolvimento dialético de um processo histórico-cultural.” (FIORI, 1991, p.85)

Assumindo portanto a cultura como todas as atividades onde há essa procura do ser mais e que se constituem dialeticamente como “fazer” (consciência e comportamento) e “saber” (consciência do mundo), consideramos que o aprendizado neste processo educativo é o esforço por reinventar o mundo, onde cada um de nós é sujeito ativo e onde a práxis deve assumir e superar as condições do contexto histórico vivido. No contexto da sociedade de consumo, que valoriza uma forma de saber e desqualifica as outras, percebemos que o saber se desloca da cultura para a escola, instituição que nasce com o papel de transmitir os valores da ideologia dominante. Afasta-se assim, do saber e fazer daqueles que realmente participam na produção do mundo, que nele trabalham e o transformam: o povo e sua cultura.

Recentemente, diferentes práticas sociais vem questionando esta hierarquia de saber, e não

34 Esta cantiga foi interpretada por D. Rosa - mestre e cantadeira do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô - no vídeo “Sou negro”, que demonstra parte de sua caminhada no Programa Cultura Viva - MINC. Nunca tivemos a oportunidade de conhecê-la pessoalmente, mas nos sensibilizamos intensamente pela maneira com que a cantiga nos foi apresentada... como filha de Iemanjá, percebo nela uma metáfora sobre a busca permanente por encontrar-se consigo mesma. Tal música foi adaptada para ciranda em vivência com educador deste Ponto de Cultura, Márcio Caires, no SESC São Carlos, em 2010.

faltam exemplos de movimentos sociais e grupos culturais que se articulam em busca de propostas educacionais mais humanizadas. Neste sentido, segundo Fiori (1991), o papel de uma educação que se propõe libertadora é denunciar este sistema e desmistificar este saber ideologizado; tal transformação só é possível num processo de colaboração e valorização do homem por ele mesmo, assumindo sua função de sujeito no processo da cultura, pois “o homem se forma, se educa, nas formas do mundo que ele elabora em comum – somente a colaboração pode produzir e produzi-lo.” (FIORI, 1991, p. 89).

Dessa forma, caminhar em direção à liberdade torna-se um desafio, possível apenas pela coletividade e pelo compartilhar de consciências de mundo.

4.1 VISÕES DE MUNDO E INTENCIONALIDADE NO GRUPO DE MULHERES

Durante a inserção desta pesquisa no Grupo de Roda da UATI, com a apresentação e início dos procedimentos metodológicos de pesquisa em 2010, as Rodas de Conversas se deram como troca de experiências e percepções, aproximando e construindo saberes, fortalecendo a confiança e afetividade entre as participantes do grupo.

Para que este convívio acontecesse, foi fundamental o tempo de aproximação, a simpatia e sensibilidade que já existiam entre esta educadora e pesquisadora e as mulheres colaboradoras da pesquisa³⁵: a confiança se estabelece por uma vontade confortável de e um gosto afetivo em estarmos juntas. O processo de leitura e releitura das anotações em aula e dos registros em Diário de Campo, fez com que se desvelassem novas compreensões das visões de mundo a cada conversa com estas mulheres, tornando-me mais próxima e sensível a seus gestos, olhares, expressões...

O processo educativo se constrói pela convivência e se mostra presente na sutileza do diálogo, e na forma como ele se transpõe para outros momentos:

... passamos uma tarde essencialmente prazerosa durante as aulas dos Grupos de Samba e de Roda, tanto eu como as alunas estivemos envolvidas de corpo e alma com as músicas e danças vivenciadas coletivamente. (...) Finalizada a música, e passada a hora, encerramos nossa *aula* e passamos a guardar os materiais e instrumentos para levá-los à *cozinha*, quando uma das alunas comentou com alegria e tirando sarro da situação: “*Hoje estamos fazendo hora-extra?!?* (risos)”³⁶

35 Este “encontro” inicia-se em 2005, quando fui contratada como Educadora Musical da FESC.

36 Registro em Diário de Campo da inserção (dia 01/04/10).

EDUCAÇÃO MUSICAL

A partir de momentos musicais vivenciados tanto nas aulas do Grupo de Roda como no projeto “Roda da Vida”, refletimos algumas vezes nas **Rodas de Conversa** sobre o “poder” da música e das artes de uma forma geral, em lidar com um processo de comunicação mais sensível e humanizado especialmente quando em vivências intergeracionais (que a exemplo das experiências deste Grupo pode aproximar e interagir pessoas de universos tão distintos).

Nas vivências em Roda realizadas com crianças e adolescentes, percebíamos uma aproximação dos mesmos com o Grupo da UATI que se realizava pela expressão musical, pelo movimento corporal e pelo gesto convidativo à cantoria.

Por outro lado, nas Rodas de Conversa realizadas internamente, percebíamos que mesmo dentro do próprio Grupo os interesses e visões eram distintos, e que para consolidar um projeto de atuação educacional coletivo tornava-se necessário dialogar sobre estas diferenças de forma respeitosa e compreensiva.

Numa das temáticas abordadas, sobre religiosidade e educação no contexto familiar, pudemos pensar mais profundamente sobre as práticas educativas entre diferentes gerações que construímos ao longo da vida, com nossos pais, com nossos filhos, e entre nós mesmas durante aquele intervalo:

As mulheres falavam sobre as mudanças educacionais na estrutura familiar e na sociedade como um todo, sobre o acirramento dos conflitos de valores entre gerações, comentando sobre histórias que ouviram dizer “*que hoje em dia não se pode mais dar uns tapas na bunda da criança, que ela ainda ameaça ligar pra polícia e denunciar os pais*”, e que “*a juventude de hoje não respeita os mais velhos como antigamente*”, quer sejam parentes ou professores.

A conversa caminhou, não faltaram exemplos e experiências pessoais de vida. (...) estes valores educacionais estavam intimamente relacionados com as condições de classe social e de recursos disponíveis para manutenção da vida familiar.

(...) A mulher que nunca apanhou compreendia que tudo o que nos acontece na vida é obra divina, e que se Deus nos faz passar por algumas “*provações*” é porque precisamos aprender com isso e crescer na vida. As outras duas retrucavam, que nem tudo é ato de Deus, mas sim dos homens, e que precisamos nos responsabilizar e arcar com as conseqüências..³⁷

37 Registro em Diário de Campo da inserção (dia 01/04/10).

COLETIVIDADE

Consideramos que o movimento de elaboração dos significados e compreensões sobre o envelhecimento passou a construir uma intencionalidade coletiva do grupo, quando cada uma de nós se relacionava com sua própria subjetividade e a da Outra, quando significávamos o mundo e a nós mesmas

Segundo Ernani Maria Fiori (1986), o rigor científico se encontra na compreensão deste processo de consolidação das idéias (históricas, sociais, culturais) e na procura de uma práxis libertadora: a única forma de conhecer o processo enquanto ele ocorre é inserindo-se nele. Durante a inserção desta educadora no processo de pesquisa, passamos todas por um processo de sensibilização para os Processos Educativos que acontecem nas relações do próprio grupo de mulheres: sua dinâmica própria de organização coletiva e interação para as atividades com a memória musical, o estabelecimento de um “cronograma” de intervenções (apresentações e divulgação do trabalho do Grupo, o convite para novas integrantes, o planejamento de atividades de extensão) e de percepção dos papéis desempenhados por cada uma nos Grupos Artísticos (o lanche, a produção de adereços, a ampliação do repertório musical, o compartilhar de fotos e relatos, etc.).

Percebe-se, pelos momentos registrados, um crescente envolvimento afetivo entre as participantes e um compromisso com as atividades desempenhadas coletivamente, quando cada uma assume seu papel e o Grupo sente sua falta quando não está presente, sendo que estas relações de amizade se ampliam para além do momento das aulas:

Após este encerramento, algumas mulheres foram ao supermercado próximo comprar um lanche, outras foram ao banheiro para “resolver uns assuntos”, algumas poucas permaneceram na sala e, surpreendentemente, demonstraram se sentir “abandonadas”, como se a próxima aula fosse se esvaziar (de pessoas, de significados, de compartilhamento...).

Quando retornei à sala, depois de brevemente buscar o material para a próxima aula, ficamos aguardando o retorno das alunas e o assunto da Roda de Conversa girou sobre a “Programação Cultural” da semana, os eventos que algumas mulheres haviam participado e os próximos que viriam: envolviam espetáculos de música, interações de dança, atividades corporais e mesmo brincadeiras acerca da sexualidade.³⁸

38 Registro em Diário de Campo (dia 15/04/10).

ENVELHECIMENTO

Neste processo de compartilhar experiências buscamos compreender aprendizados que se dão não apenas nas palavras, mas pelos olhares e gestos compartilhados nesta Roda. Quando o assunto se remete a algum tabu da sociedade, por quê algumas se calam e outras se expõem mais? Elas percebem estas outras formas de se expressar?

Se nos questionamos durante as conversas sobre os conceitos presentes na sociedade, e que se referem à compreensão do *ser adulta, idosa, velha, adulta-idosa*, ou ainda “*jovem de outrora*”³⁹... percebemos o quanto são recentes as mudanças de idéias e valores acerca dessa fase da vida e dos termos usados para qualificá-la.

A partir do referencial teórico apresentado e de alguns recentes movimentos que se posicionam em políticas públicas direcionadas para o público idoso⁴⁰, podemos considerar que lentamente vem se construindo uma nova visão sobre o processo saudável de envelhecimento (considerando seus elementos biológicos, psíquicos e sociais) e o papel ativo do idoso na sociedade, porém ainda de forma muito sutil e pouco disseminada.

Na área da saúde, que deveria ser compreendida como um bem-estar geral (físico, estado de espírito, equilíbrio psicológico e emocional) e atualmente é associada ao termo “qualidade de vida”, vem-se desenvolvendo uma preocupação educacional em se considerar não apenas os aspectos biológicos do envelhecimento, mas também compreender e interpretar as condições sociais em que os indivíduos se inserem.

Apesar das informações que recentemente vem sendo divulgadas a respeito do processo de envelhecimento, inclusive pelas mídias de comunicação, permanece na sociedade um mito de que a velhice está intimamente relacionada à fragilidade da saúde (crescente mal-estar, surgimento de doenças, aumento da dependência).

Acreditamos, porém, que os aspectos relacionados às causas das doenças devem ser analisados individualmente e de forma dialogada com o paciente, que é quem melhor pode compreender seu processo de envelhecimento e traçar estratégias de superação de suas perdas:

39 Expressão usada por uma das mulheres (Diário de Campo, registro do dia 27/05/10)

40 Como por exemplo os programas de UATI disseminados pelo país, o Estatuto do Idoso, ou mesmo o “*Plano Internacional sobre o Envelhecimento*” da ONU (documento divulgado pelo Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Presidência da República. Brasília, 2003.)

... enquanto aguardávamos as outras alunas a conversa foi longe, sobre um assunto considerado tabu porém amplamente presente na vida moderna: a depressão, uma doença que profundamente consome o significado da vida e traz amargura às relações sociais.

Uma das mulheres lembrava-se de quando adoeceu no ano passado e (...) revelou então que estava tomando remédio para conseguir dormir, pois descansava por pouco tempo durante a noite, mas que ainda assim não estava funcionando e tinha medo de ficar dependente desta droga. Então, de vez em quando, ela experimentava trocar o remédio por uma “*cervejinha*” com os amigos e, enfim, conseguia relaxar! (risadas de todas...)

Quando esta mulher foi questionada por uma outra, dizendo que a considerava tão alto-astral (e realmente ela demonstra isso...) e que assim nem podia imaginá-la com depressão, a mulher demonstrou bastante clareza das causas de seu adoecimento. Durante toda sua vida, cuidou das outras pessoas quando precisaram e vieram a falecer, “*cuidei de minha própria mãe quando ela teve câncer, cuidei de meus irmão quando adoeceram, e agora fico me preocupando demais com meu filho e meu neto...*” Apesar da caminhada, se disse decidida a não abandonar os cuidados consigo mesma: sessões de massoterapia, curso de empreendedorismo para a terceira idade (parceria entre FESC e SEBRAE), e as aulas de música na UATI... onde encontra as amigas, onde canta com emoção...⁴¹

Ainda em relação ao processo de envelhecimento, um aspecto importante a ser considerado na percepção da própria qualidade de vida diz respeito a como se relacionam com a perda de pessoas queridas, pelo falecimento de familiares e amigos. Nas rodas de conversa, as mulheres relatam que às vezes estas marcas afloram novamente, mesmo que adormecidas por longo tempo, e influenciam nas percepções do presente, nos sentimentos e expressões.

A todo momento, as falas se remetem a como percebem a passagem do tempo, compartilhando entre as mulheres pensamentos e maneiras de ser que, ao mesmo tempo, as caracterizam como únicas e fortalecem sua interação no grupo:

Logo que o Grupo de Samba encerrou a batucada, uma das mulheres tirou da bolsa um monte de fotos antigas, referências de sua infância e juventude: bastou para que um grupo de alunas se juntassem ao seu redor, e até comentassem brincando com ela: “*nossa, você era bonita!*” (risadas...)

(...) a conversa tinha ido longe nas lembranças do passado, em especial sobre a perda de pessoas queridas que “*se foram*”, e das dificuldades em lidar com estas perdas quando esta pessoa é a própria mãe, ou ainda a filha que morre muito jovem (sendo a morte sempre vista como cedo demais...).

Falavam sobre como estes fatos ficam marcados na memória da pessoa e por vezes traumatizam a vida daqueles que ficam, e de como lidar com estas perdas é um grande aprendizado: “*você não pode guardar o sentimento, evitar sentir... é por isso que eu digo, quer gritar, grita!... quer chorar, chora!*”

41 Registro em Diário de Campo (dia 08/04/10).

(...) O assunto então passou para o nível da espiritualidade e do espiritismo, quando uma das alunas relatou um fato que se passou em sua casa: estava tudo quieto e, de repente, do nada, caíram ao chão algumas das flores artificiais que ela mesma produz, e então sentiu a presença de seu falecido irmão. Todas começaram então a falar de suas crenças, deste “*retorno espiritual*” daqueles que se vão, e que por vezes se manifestam ou se mostram ainda presentes para os que ficam, querendo dizer ou cobrar algo.

Falaram sobre diferentes formas de lidar com a morte e com os mortos, dos receios de algumas pessoas só em passar pelos cemitérios, das peripécias e travessuras que algumas realizaram em ambientes com este, repleto de mistérios e lendas, do quanto estes lugares são carregados de sentimentos e espíritos. Lembramos que o Campo do Rui (onde hoje se localiza a FESC) foi antigamente um cemitério, e uma delas contou de uma conhecida que, quando voltava de um cemitério, costumava tirar toda a roupa antes de entrar em casa para não carregar nada de ruim pra dentro do lar.

Uma das mulheres foi falar então de sua mãe, e referindo-se a ela como “*pobre e solteira*” despertou em outra mulher uma certa indignação: “*por quê você fala assim dela, como se amargasse o fato dela ter sido pobre e solteira?*” A primeira então corrigiu, dizendo que não sentia amargura, muito pelo contrário, tomava a mãe como exemplo de vida: além de ter que lidar com sua negritude numa cidade em tempos extremamente racista, precisava lidar com as dificuldades de classe, e disse que, como sua filha, passou “*a vida toda defendendo a mãe das ofensas que ouvia.*”⁴²

4.2 PROCESSOS EDUCATIVOS SOBRE A APLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA

Para realizar nova coleta de dados em 2011, (re)apresentamos o projeto de mestrado ao Grupo de Roda e distribuímos novo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que tomassem ciência dos procedimentos de pesquisa a serem realizados; algumas alunas já conheciam as intenções da pesquisa por conta do trabalho de inserção realizado no primeiro semestre de 2010⁴³, tendo inclusive participado com reflexões neste período de estudo preliminar: disseram que “*nem precisariam ler o TCLE para autorizar*”, pois “*já se sentiam dentro*”.

Como novas educandas entraram no Grupo em 2011, neste primeiro dia de coleta da pesquisa apreciamos todas juntas uma seleção de fotos e vídeos referentes ao projeto “*Roda da Vida – (en)cantando a cultura popular brasileira*” (registros do histórico desde 2008), compartilhando entre as mulheres o processo de desenvolvimento e consolidação das vivências

42 Registro em Diário de Campo (dia 22/04/10).

43 Relatório final da disciplina da Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos.

intergeracionais já realizadas nas escolas de educação infantil.

Vale ressaltar que constantemente, nos encontros do Grupo de Roda da UATI, foram realizadas conversas sobre os objetivos das visitas nas escolas (projeto de intervenção) e sobre os procedimentos metodológicos do mestrado (projeto de pesquisa), esclarecendo dúvidas sobre o TCLE e a participação voluntária, bem como quando nos organizávamos para visitar a escola (CEMEI Cônego Manoel Tobias).

Assim, retomamos esta reflexão sobre o processo de pesquisa ressaltando sua importância no processo de amadurecimento e consolidação desta prática social, ampliando o envolvimento do Grupo com as atividades da “Roda da Vida”, e ainda de forma especial na atuação profissional desta educadora musical, pelo processo de formação crítico e reflexivo proporcionado pela Linha de Pesquisa *Práticas Sociais e Processos Educativos* (PPGE-UFSCar).

Um destaque importante no processo de pesquisa refere-se à descoberta e compreensão das imagens fotográficas, como potencial recurso para trabalhar com a memória das mulheres do Grupo, bem como a análise coletiva destas imagens, como forma de compartilhar as percepções de cada uma e avaliar os desdobramentos das atividades práticas realizadas no ambiente escolar. O histórico das imagens captadas revelam um processo de conscientização e ampliação do conhecimento entre todas as mulheres envolvidas, demonstrando sua disposição para o diálogo com a infância (a sua e a dos outros), bem como a intencionalidade de ensinar e também aprender.

Esta estratégia, de utilizar os registros do histórico do projeto (fotos e vídeos) como instrumento para despertar as lembranças e analisar coletivamente as relações entre as participantes, surgiu após o trabalho de inserção no campo de estudos: num dos encontros, uma das alunas levou ao Grupo fotos pessoais e sentaram-se todas para apreciar e conversar sobre suas lembranças.

Este foi um aprendizado importante sobre a prática de pesquisa, e que pode contribuir para a implementação de outros projetos e atividades desta natureza, se refere às diferentes possibilidades para estudar e pesquisar o repertório cultural das colaboradoras, que foi posteriormente adaptado para as atividades pedagógicas intergeracionais: nos procedimentos metodológicos nos utilizamos portanto dos recursos de imagem/som/diálogo para aflorar as lembranças e trabalhar com a memória, e aos poucos surgiram novas possibilidades apresentadas pelas colaboradoras, como pesquisa a acervos e a internet.

No período da coleta de dados (ver quadro 1), organizamos a sala de aula da FESC com datashow disponível para apreciar os registros: observávamos coletivamente as imagens de fotos e

vídeos produzidas pela pesquisadora durante as visitas quinzenais na escola, e pela Roda de Conversas compartilhávamos o relato dos subgrupos e planejávamos a próxima visita.⁴⁴

Neste processo, optamos posteriormente por revelar estas e outras fotos, para montar um álbum do projeto, que possa ser folheado ao colo, pois assim a sensibilização da memória se dá de outra forma, muito mais tátil e emotiva... As imagens chamam muita atenção das mulheres que há um tempo permanecem no Grupo: por terem vivenciado os momentos registrados pelas fotos, se lembram deles de forma afetiva, se reconhecem com orgulho de sua atuação e se recordam daqueles que por algum motivo se afastaram – como é o caso de ex-alunas, algumas com dificuldades familiares, outras por doenças e/ou falecimento.

Dialogando sobre os resultados do trabalho e o reconhecimento de seu envolvimento neste processo, percebem em diferentes imagens como o tempo passou (quando vêem minhas filhas nas fotos, envolvidas e crescendo em meio à cantoria), e quantas pessoas já colaboraram com a “Roda da Vida” (com destaque para as bolsistas do PROEXT Cultura SP pela intensa colaboração musical, que fazem falta na continuidade do grupo).

Analisando o percurso metodológico percorrido neste período de pesquisa, pudemos avaliar e sistematizar alguns modelos das ações educativas e de pesquisa desenvolvidas (constantemente registradas tanto nos Relatórios de Atividade do projeto de intervenção quanto no Diário de Campo do projeto de pesquisa).

Há um dia em especial, que gostaria de citar: quando numa dessas visitas à escola eu procurava fortalecer e ensinar novamente uma das cantigas (planejada para a realização de um caracol na Grande Roda e subdivisão em rodas concêntricas), fomos todas caminhando e cantando durante o percurso: “o rio vai fluindo, fluindo e indo, o rio vai fluindo para o mar...” De início as mulheres estavam acanhadas, mas foram se envolvendo com a cantoria no meio da rua, até que uma delas comentou com gracejo: “*assim até parece procissão!*”

Os procedimentos de pesquisa e coleta de dados com o Grupo de Roda da UATI – observação e participação em rodas de conversa, produção e análise de registros audiovisuais, anotações e reflexões em diário de campo – foram realizados de forma inserida no projeto de intervenção entre maio e agosto de 2011, e semanalmente variavam entre os dois exemplos

44 Destacamos aqui que a disponibilidade de recursos para o desenvolvimento das atividades educacionais interfere diretamente na qualidade do trabalho e no tempo de desenvolvimento do Grupo. Infelizmente, os recursos multimídia não se encontram disponíveis constantemente em nosso ambiente de aula, e em alguns momentos do processo de pesquisa nos fizeram bastante falta (como por exemplo nos últimos encontros).

apresentados a seguir (planos dos encontros nas tardes de quinta-feira):

QUADRO 2:

MODELO DE VIVÊNCIAS COM O GRUPO DE RODA

Vivências internas no ambiente da FESC:	Vivências intergeracionais no ambiente do CEMEI:
-após o encerramento do Grupo de Samba, intervalo com lanche compartilhado em rodízio para o encontro do Grupo e Roda de conversa sobre as intenções do dia, por vezes passando por assuntos variados da convivência entre si; (entre 15:30 e 16:00h.)	-em dia de visita à escola, após o encerramento do Grupo de Samba temos menos tempo de intervalo, recordamos os planos da intervenção no ambiente escolar, carregamos “a matula” (saías, chapéus e instrumentos musicais) e vamos em caminhada para o CEMEI (cerca de 5 quadras); (entre 15:30 e 16:00h.)
-apreciação coletiva de registros e materiais do Grupo (fotos, vídeos, músicas, instrumentos e adereços) para compartilhar experiências e lembranças entre alunas mais antigas e mais novas no Grupo; (durante o <i>intervalo</i>)	-estratégias para concentração do Grupo no percurso: nos agrupamos e vamos todas juntas, caminhando e cantando as músicas da Roda; (cerca de 15')
-após o lanche, Roda de Conversa para avaliação da vivência realizada na escola (no encontro anterior), e planejamento coletivo das próximas visitas ou apresentações; (a partir das 16:00h., cerca de 30')	-chegando na escola, a educadora entra em contato com as professoras e direção, e as mulheres da UATI vão se arrumar no “camarim” (dispensa no local da merenda); (cerca de 5')
-práticas corporais de relaxamento, de sensibilização da memória, de pesquisa e vivência musical e de danças em Roda ⁴⁵ , ora direcionadas pela educadora e ora despertada por alguma das alunas; (a partir das 16:00h., cerca de 50')	-o Grupo de Roda é subdividido em duplas ou trios e estes são encaminhados às salas, interagindo sempre com o mesmo grupo de crianças e professoras (unindo duas turmas da escola para dar conta de todas); (a partir das 16:20h., cerca de 20')
-Roda de conversas sobre as percepções e lembranças motivadas pelas práticas; (aproximadamente 17:00h.)	-realizadas as atividades previstas pelas mulheres da UATI, todos são encaminhados ao gramado e unidos em cantoria na Grande Roda: (após as 16:40h., cerca de 30')
-organização da sala e despedida do Grupo. (perto de 17:20h.)	-após a vivência coletiva, ainda na escola, realizamos uma breve e eufórica roda de conversa entre o Grupo, seguida pelo retorno para a FESC. (entre 17:10 e 17:30h.)

45 Estratégia de uma sequência metodológica desenvolvida para as aulas deste grupo, contando com diferentes atividades e seleção de cantigas a cada semana.

4.3 PROCESSOS EDUCATIVOS NA “RODA DA VIDA”

No que se refere aos procedimentos metodológicos do projeto “**Roda da Vida – (en)cantando a cultura popular brasileira**”, ao avaliar o histórico das atividades pudemos perceber um processo cíclico de formação e consolidação da Roda no ambiente escolar, e de forma especial no CEMEI Cônego Manoel Tobias: pelo acolhimento dos diferentes formatos – familiar, informal, institucional, de intervenção para pesquisa –, tivemos momentos de maior ou menor envolvimento na Roda (por parte das crianças, de seus familiares, das professoras, e mesmo das agentes culturais). Este processo cíclico variou conforme o contexto do projeto, onde interferiram tanto o espaço físico da escola e seus usos, como as relações educacionais estabelecidas com a comunidade escolar.

Neste processo, porém, percebemos um crescente envolvimento das mulheres colaboradoras no Grupo de Roda da UATI: assumindo-se como agentes culturais junto às crianças e professoras, familiarizando-se com o ambiente escolar dos diferentes CEMEIs e apropriando-se de seus espaços nos momentos de visita, fortalecendo suas ações pedagógicas nas Rodas a apropriando-se dos procedimentos metodológicos da intervenção.

Para pensar no envolvimento deste grupo durante a coleta de dados (2011), consideramos importante retomar alguns aspectos do estudo preliminar, realizado no ano letivo anterior. Em 2010, tivemos a presença de duas alunas do curso de Licenciatura em Educação Musical da UFSCar em alguns encontros do Grupo da UATI e semanalmente no CEMEI; com sua participação nas Rodas, as atividades com o Grupo tornaram os encontros mais animados e intergeracionais.

Nos primeiros encontros da Roda de Conversa, quando todas foram convidadas a se apresentar, refletimos sobre o que nos move a participar do programa da UATI. Conversamos também sobre o tempo de frequência nestas aulas, desde quando as mulheres colaboradoras na pesquisa entraram no programa e quais atividades se envolvem: algumas já colocaram “*a minha escola*” no seu cotidiano, há aquelas que estão há mais de dez anos, outras há cinco, algumas há um ano... e sempre abertas para receber novas integrantes no grupo.

Nessas Rodas, tanto no *intervalo* quanto na *aula* a seguir, começamos a perceber o envolvimento das mulheres que estavam há mais tempo nos Grupos Artísticos pois foram as que mais se manifestaram e dialogaram com as estagiárias, sendo que as alunas mais recentes se mantiveram mais caladas.⁴⁶

⁴⁶ As falas deste grupo de mulheres me fizeram refletir e recordar sobre nossas primeiras conversas em aula, em 2005,

Em 2011, como reflexo desta parceria com o projeto desenvolvido pelo PROEXT Cultura SP, ampliou-se também o compromisso estabelecido entre o próprio Grupo da UATI e o projeto “Roda da Vida”: por conta das bolsas recebidas como agentes culturais, as mulheres do Grupo organizaram uma “caixinha” coletiva com esta verba e optaram por investir no fortalecimento do próprio Grupo, o que resultou na confecção de saias rodadas de chitas para as apresentações e na compra de CDs de música para ampliar o repertório do projeto.

A seguir, procuramos observar os processos educativos presentes em cada um dos procedimentos metodológicos realizados pela intervenção (ver quadro 1), no diálogo com a pesquisa.

RODAS DE CONVERSA

Este procedimento metodológico foi se consolidando como prática importante para o fortalecimento das relações entre as pessoas integrantes dos Grupos Artísticos de Música, em especial do Grupo de Roda, que se engajou mais intensamente com as atividades e propósitos deste projeto de educação intergeracional.

Se num primeiro momento de inserção da pesquisa (2010) este procedimento metodológico foi realizado com temáticas de escolha espontânea - embora voltadas para a compreensão do processo de envelhecimento a partir do compartilhamento de experiências pessoais -, durante a nova coleta de dados (2011) a **Roda de Conversa** se consolidou como prática pedagógica do Grupo de Roda: momento de avaliar e refletir sobre as atividades coletivas realizadas no ambiente escolar, de planejar as próximas visitas e vivências intergeracionais, de articular os diferentes interesses entre as participantes do Grupo, de construir um imaginário e repertório musical compartilhados...

Além de conversar sobre os trabalhos coletivos, as falas se tornaram de natureza transversal, relacionadas a experiências de vida, a programação de atividades coletivas fora da escola, a encontros e oportunidade de diálogos sobre a própria vida cotidiana:

quando entramos na mesma época no programa da UATI (elas como educandas, eu como educadora): naquele tempo, o discurso da maioria buscava superar algumas dificuldades decorrentes do processo de envelhecimento, inclusive com palavras semelhantes às que manifestaram nesta roda de conversa... porém o olhar atual tem muito mais brilho, os gestos e afetos do grupo parecem mais sinceros, percebo a transformação de cada uma na expressividade corporal durante as atividades práticas. Frequentemente me questiono: será que elas percebem também?

Ao final da aula, conversamos sobre como “as crianças de hoje” tem a sexualidade aflorada cada vez mais cedo, pela referência direta dos meios de comunicação (TV e internet) cada vez mais acessíveis e presentes no cotidiano, e mesmo porque “hoje os pais já não escondem dos filhos alguns assuntos, como era antigamente...”

Então uma das mulheres instigou a outra para que contasse sua história com os ex-maridos, como exemplo de amor e superação de conflitos... ao final uma das alunas sugeriu que sempre fizéssemos isto: “cada vez uma conta às outras algumas histórias de sua vida...”, para se conhecerem melhor e partilharem conquistas, dificuldades, estratégias de superação... entretanto, este momento de compartilhar só acontece se for espontâneo, não adiantou “combinar”: os temas da Roda de Conversas são definidos pelo que se passa, se sente, e se experimenta durante a cantoria, os movimentos e as relações com as outras.⁴⁷

Este tipo de diálogo foi por vezes retomado nos encontros do grupo, demonstrando que as mulheres percebiam a importância deste compartilhar de referências, e em como isto passou a intervir nas percepções cotidianas, ampliando a afinidade do grupo com a práxis intergeracional.

VIVÊNCIAS INTERNAS

Sempre realizadas na continuidade do procedimento anterior, as atividades de sensibilização e formação pelas músicas e danças em roda foram o momento para desenvolvimento pedagógico do Grupo e para fortalecimento da atuação destas mulheres nas vivências intergeracionais, levantando um repertório coletivo que pudesse ser compartilhado com as crianças no ambiente escolar.

Em diferentes momentos, pudemos perceber como as memórias vêm à tona, em especial com a apreciação e prática transdisciplinar das linguagens artísticas abordadas: as músicas, as danças, as fotos e vídeos, sensibilizam as lembranças pessoais, e quando estas são compartilhadas em Grupo geram diálogos e amadurecimento da coletividade e oralidade na Roda.

Nestas vivências, observamos pelos registros de imagens quantas pessoas já se envolveram com o projeto, e algumas por diferentes motivos não podem mais estar presentes. Nas falas motivadas pela vivência semanal do Grupo de Roda, demonstram sentir falta quando alguém não esta presente, se preocupam em saber se a pessoa está bem, mas procuram superar e seguir em frente com o compromisso estabelecido com o próprio Grupo e com o projeto.

Quando questionadas sobre como é lidar com o afastamento de pessoas queridas na rotina

47 Registro realizado em Diário de Campo, dia 12/05/11.

da “Roda da Vida”, as mulheres lembram-se em primeiro lugar das colegas que faleceram, e demonstram consciência de sua finitude:

“quando a gente vê as fotos lembra com saudade, do jeitinho da pessoa que se foi, dela ensinando a música pra gente...”
 “daí que a gente pensa que um dia vai embora também!”⁴⁸

A seguir, apresentamos um Exemplo de Vivência interna realizada com o Grupo de Roda no ambiente da UATI/FESC (12/05/2011), incluindo o relato das atividades desenvolvidas e os processos educativos desvelados pelos procedimentos metodológicos:

QUADRO 3:

EXEMPLO DE VIVÊNCIA INTERNA

<p>ATIVIDADE PROPOSTA: vivenciar entre as mulheres uma cantiga proposta por uma delas (e recordada durante o levantamento de repertório, no Estudo Preliminar), cantando e movimentando conforme algumas alunas se lembravam da brincadeira: uma fila de mulheres passando num “túnel” formado por uma dupla, que prende alguém nos braços ao final da cantiga e pede uma imitação para soltar - “Ô bimbolá da cruz, por aqui quero passar. Por aqui eu passarei, a menina deixarei. Qual delas que quereis, a da frente ou a de trás? A da frente corre muito, a de trás não passará. Passa por aqui, passa por ali, a última há de ficar!”</p>	
<p>DESCRIÇÃO DO ENCONTRO:</p>	<p>IMPRESSÕES DA PESQUISADORA:</p>
<p>-Fomos coletivamente montando possibilidades de movimentos para realizar com as crianças, “e aí a gente pode dar um castigo, pede para imitar um bicho ou trazer algum objeto”, brincando com as imitações entre o Grupo e cantando repetidas vezes para que as alunas que ainda não conheciam pudessem memorizar a cantiga.</p>	<p>*Embora se incentivasse a prática do canto como forma de apropriação do repertório, assim como vivenciado nas Rodas da cultura popular, algumas mulheres ainda preferiram sair da Roda para “anotar a letra, para decorar depois”, e percebemos assim como a influência do ambiente “sala de aula” ainda é muito forte nos processos de aprendizagem do “Roda da Vida”.</p>
<p>-Uma das alunas trouxe ao Grupo duas outras propostas de cantigas – “passa gavião” e “a linda rosa juvenil” -, cujas letras havia pesquisado na internet, e as apresentou como alternativa de vivência com as crianças (sendo a primeira delas eleita entre o Grupo para a próxima visita, pelo fato de que todas já conheciam).</p>	<p>*Esta mulher propôs outro formato de seleção de repertório, baseada na pesquisa pelo computador e não apenas na lembrança pessoal, demonstrando que algumas mulheres se articulam com as novas ferramentas e mídias digitais, e procuram se apropriar desta nova linguagem e colaborar com a pesquisa.</p>

48 Registro realizado em Diário de Campo, dia 11/08/11.

VISITA DO GRUPO DE RODA

Estas intervenções realizadas nas escolas, tanto nas quinzenais durante o processo de coleta como as visitas pontuais em outros CEMEIs, também foram amadurecendo conforme as mulheres do Grupo se apropriaram do papel de agentes culturais.

Se nos primeiros encontros sentiram certo receio em se colocar em diálogo direto com as crianças, com o desenrolar das visitas foram se familiarizando e colaborando com o encantamento das vivências, tanto à frente das salas em pequenos grupos, quanto no centro da Grande Roda com toda a comunidade escolar.

A seguir, apresentamos um Exemplo de Visita do Grupo de Roda ao CEMEI Cônego Manoel Tobias (19/05/2011 – encontro posterior ao do quadro 3), novamente com o relato das atividades realizadas e os processos educativos desvelados pelos procedimentos metodológicos:

QUADRO 4:

EXEMPLO DE VISITA DO GRUPO DE RODA AO CEMEI

ATIVIDADE PROPOSTA: visitar a escola, conversar com as crianças sobre as brincadeiras de infância e vivenciar com as crianças algumas cantigas já compartilhadas pelo projeto na Grande Roda. Ensinar aos grupos em sala a cantiga “Passa passa gavião, todo mundo passa...” e brincar de imitação no verso seguinte “a lavadeira faz assim, assim, assim” (sobre ofícios e profissões, ou mesmo animais, ou papéis sociais).	
DESCRIÇÃO DO ENCONTRO:	IMPRESSÕES DA PESQUISADORA:
-lanche na FESC e conversa breve sobre os procedimentos da visita, organização de instrumentos e adereços, e partida para a escola.	*apesar de termos pouco tempo para intervalo entre o Grupo de Samba e o de Roda nestes dias, este momento de diálogo antes da visita é precioso e fundamental para concentração prévia das participantes, com a retomada dos objetivos e procedimentos para a intervenção.
-fomos caminhando em Grupo para a escola (distância de 5 quadras), e uma das alunas se dispôs a levar o material (instrumentos, chapéus e saias) no carro do namorado até a escola, pois assim aproveitava para namorar um pouquinho e ninguém precisaria carregar peso.	*caminhada com cuidado entre as integrantes e apoio coletivo, percebe-se como uma cuida da outra na hora de atravessar a rua, pois algumas das alunas com maior mobilidade ajudam as que tem passos mais lentos.

<p>-chegada do Grupo na escola e adaptação ao ambiente escolar, com preparação da imagem do Grupo para iniciar as intervenções.</p>	<p>*as mulheres sentem-se felizes e a vontade, são bem recebidas e percebe-se uma movimentação de olhares entre as crianças; quando peço que se arrumem para as vivências, elas mesmas se direcionam ao refeitório da escola e vão se enfeitar com os adereços, como num camarim.</p>
<p>-após a educadora combinar as turmas com as respectivas professoras, os subgrupos da UATI (duplas ou trios) são encaminhados para cada turma de crianças: as mulheres entram nas salas, conversam com o grupo, e neste dia vivenciaram o “passa gavião”.</p>	<p>*apesar de vivenciarmos outra atividade internamente (“bimbolá”), algumas alunas demonstraram insegurança antes da visita; esta outra cantiga (“passa gavião”) foi a que mais se sentiram a vontade para desempenhar o papel de educadoras naquele momento, pois todas já conheciam e se mostravam mais tranquilas para cantar/improvisar.</p>
<p>- união dos subgrupos no gramado da escola e realização da Grande Roda; percebendo que uma única Roda num espaço tão amplo tende a se dissolver, realizamos uma dinâmica de “caracol” para subdivisão em rodas menores e concêntricas.</p>	<p>*neste processo de diálogo em subgrupos, a Grande Roda foi bem mais simples de formar, pois as mulheres conversaram antecipadamente com as crianças nas salas e todos estavam com disposição para a vivência coletiva e interação entre gerações.</p>

REFLEXÃO COLETIVA E PLANEJAMENTO DO GRUPO

As Rodas de Conversa com análise de registros, realizadas para avaliação e amadurecimento das atividades de intervenção nas escolas, foram momentos de intenso aprendizado, onde pudemos compreender os papéis assumidos por cada uma para com o Grupo, em diálogos realizados com liberdade de expressão que fortaleceram o respeito e confiança entre as mulheres.

Pelas falas compartilhadas, as colaboradoras percebem que as crianças nos recebem com alegria, apesar do período de afastamento⁴⁹ do projeto “Roda da Vida” na rotina desta escola, e mesmo as crianças que não nos conhecem ficam curiosas e com expectativa do que vai se desenrolar durante a visita. Compreendem que, se nos primeiros encontros tivemos dificuldade em realizar a Grande Roda, aos poucos fomos traçando estratégias para melhorar as interações, pois *“na sala, com o grupo menor, é uma prévia, assim facilita a Grande Roda depois.”*⁵⁰

A seguir apresentamos uma seqüência de relatos compartilhados na Roda de conversa (26/05/2011 – encontro posterior ao quadro 4), com a Reflexão coletiva e planejamento do Grupo, para levantarmos a percepção de participação de cada uma no processo de formação das Rodas e compreendermos o quê cada uma apreende das vivências intergeracionais na escola:

49 Em 2011, o projeto de intervenção foi deslocado pela SME para outra escola, e portanto o contato da comunidade escolar do CEMEI Cônego Manoel Tobias com as atividades em Roda deu-se apenas no período da pesquisa.

50 Registro realizado em Diário de Campo, dia 26/05/11.

QUADRO 5:

EXEMPLO DE REFLEXÃO COLETIVA E PLANEJAMENTO DO GRUPO

ATIVIDADE PROPOSTA: compartilhar entre o Grupo as percepções de cada uma sobre as vivências nos subgrupos (com a atividade “passa, passa gavião”), relatar as experiências com as crianças e avaliar coletivamente os resultados da visita.		
SUBGRUPOS DA UATI:	RELATOS DAS COLABORADORAS:	APRENDIZADOS NAS RODAS:
dupla com 1 turma de crianças de 3 a 4 anos:	<p>- “chegamos e ficamos próximo à porta, mas percebemos que assim as crianças ficaram muito em cima delas, pressionando contra a parede, então formamos uma pequena roda na sala, para ser mais fácil”;</p> <p>- “achamos essa música muito difícil para os pequenos compreenderem e tivemos que adaptar, pois não entendiam as profissões, fomos cantando “a mamãe faz assim...”;</p> <p>- “algumas crianças ficaram com medo do Gavião e um menino disse que não queria cantar... eu achei engraçadinho, daquele tamanho e cheio de vontade, e falei: então não faz!”.</p>	*preparação do grupo em Roda como corpo coletivo ajuda a iniciar uma vivência mais significativa.
dupla com 1 turma de crianças de 4 a 5 anos:	<p>- “perdemos algum tempo pois a professora quis organizar a sala, abrir as mesas e formar roda, mas assim as crianças já ficaram preparadas para aquele momento.”</p> <p>- “eles são mais velhos e já compreendem melhor, participaram bastante e cada criança falava uma profissão do que os pais faziam”</p> <p>- “e foi difícil fazer os movimentos, lá só tinha filho de professor, de arquiteto...”</p>	*especificidades das faixas etárias e necessidade de improvisos nos procedimentos metodológicos.
trio com 2 turmas de crianças de 5 a 6 anos:	<p>- “unimos duas turmas no cimentado ao lado do parque, e as crianças já conheciam bem o projeto, suas professoras são bem colaborativas.”</p> <p>- “quando chegamos eu pensei: e agora, o que eu vou fazer aqui? Mas quando começamos a cantar eles já fizeram como a gente...”</p> <p>- “passamos apuro, mas depois eu até achei graça porque teve um que ao meu lado fazia tudo como eu, e veio me pedir para eu pegar na mão do seu irmãozinho também.”</p>	*superar o receio e a inibição, e se colocar como educadora para intervir nas estratégias planejadas.
dupla com 2 turmas de crianças de 4 a 6 anos:	<p>- “unimos duas turmas em uma sala, então ficou um pouco apertado mas deu tudo certo...”</p> <p>- “eu disse a eles que podiam me chamar de vó, embora eu ainda não seja, e então eles quiseram me ensinar outras músicas que eu disse que não conhecia, e todos quiseram cantar.”</p>	*necessidade de se adaptar ao ambiente possível e de assumir como agente cultural, além de buscar outros papéis sociais para estabelecer o diálogo.

APRESENTAÇÕES E VIVÊNCIAS EXTERNAS

As atividades realizadas fora de nosso próprio ambiente escolar são momentos importantes para divulgação do trabalho e articulação com outros eventos e ambientes relacionados à instituição: momentos quando percebemos a valorização e reconhecimento das atividades realizadas pelo projeto. Entretanto, quanto mais cresce a atuação do Grupo de Roda em eventos desta natureza, maior é a necessidade de articulação de agenda e de disponibilidade / dedicação das mulheres para dar conta das demandas de fim-de-semester.

Apesar das dificuldades de dedicação, percebemos um amadurecimento do trabalho nestas práticas externas, bem como uma familiaridade crescente das participantes com as dinâmicas em Roda. Para exemplificar as experiências do Grupo neste período, apresentamos uma tabela com relatos e percepções das Apresentações e Vivências externas realizadas no período de coleta:

QUADRO 6:

ATIVIDADES DE ENCERRAMENTO DO SEMESTRE

ATIVIDADE PROPOSTA: convite para as mulheres do Grupo participarem de alguns eventos culturais e escolares e proporcionarem a formação de uma Grande Roda, cantando e dançando entre o si e convidando as pessoas presentes para a interação coletiva na Roda.	
DESCRIÇÃO DO ENCONTRO:	IMPRESSÕES DA PESQUISADORA:
<u>Agenda de Apresentações</u> (02/06): num dos últimos encontros do primeiro semestre, combinamos formatos de Vivências em Roda junto com o Grupo de Samba, pois havia convite para muitas apresentações e festas, precisávamos saber qual era a demanda de eventos e quem estava disponível para participar.	*Se por um lado a educadora demonstrou preocupação com tamanha correria em fim-de-semester (teríamos disposição e saúde para desfrutar das festas sem perder o rebolado e a voz?), a maioria das mulheres estava interessada e animada em “se amostrar”; outras, que tinham compromissos familiares ou cirurgias marcadas, já disseram que não poderiam assumir todos os compromissos, mas onde fosse possível iriam com prazer.
<u>Formato “espetáculo” em evento</u> (10/06 - abertura dos Jogos Municipais de Idosos): nos encontramos um pouco antes do início do evento para distribuir os adereços (chapéus e saias) e combinar a sequência das cantigas e os papéis de cada uma na apresentação: entrada do Grupo em cordão, com apenas algumas tocando instrumentos de percussão e as demais batendo as palmas, e caminhada dançando para formar a	*Embora tenham surgido alguns problemas na condução das apresentações (fomos chamadas para entrar às pressas, cobrindo um buraco do evento), o Grupo rapidamente se concentrou para a apresentação, respirando fundo e distribuindo sorrisos, pois já havíamos vivenciado esta Roda muitas vezes e todas se sentiam preparadas.

<p>Roda.</p>	
<p><u>Formato “festa junina” no CEMEI Cônego (11/06):</u> apenas parte do Grupo teve disponibilidade para participar, mas as que estiveram presentes ficaram juntas ao centro da Roda (inclusive sem a presença da educadora ao centro, pois esteve “presa” ao microfone com fio para amplificar a cantoria).</p>	<p>*O Grupo foi orientado a se manter unido na vivência por ser um formato reduzido, as mulheres seguiram os combinados e se deram muito bem, realizaram uma bela vivência de música e dança de cirandas com participação e envolvimento afetivo de boa parte da comunidade escolar na Roda.</p>
<p><u>Formato festa na FESC (11/06):</u> o Grupo chegou unido após a vivência da escola, e permaneceu unido durante todo o evento até o momento da apresentação (sentaram juntas numa mesa, onde se alimentaram, conversaram e se animaram durante o baile); para iniciar a Roda nos concentramos e começamos de forma bastante animada, apresentando as danças previstas e chamando o público para participar da roda de ciranda.</p>	<p>*As mulheres sentem-se “em casa”, como se já estivessem bastante familiarizadas com aquele momento, e que inclusive fomentou um improviso de versinhos na cantoria, como vivenciado algumas vezes em nossas aulas (quase todas se dispuseram a improvisar em público na cantoria ao microfone, algumas poucas se afastaram com um olhar tímido).</p>
<p><u>Formato “festa junina” no CEMEI Monsenhor (18/06):</u> apesar de várias alunas terem se prontificado, muitas não compareceram (dificuldades em conciliar as atividades escolares do Grupo da UATI com as demandas familiares de uma tarde de sábado); as poucas que participaram da festa são as alunas mais antigas e comprometidas com o Grupo, o que foi suficiente para realizarmos uma vivência prazerosa e envolver a comunidade escolar na Roda.</p>	<p>*Todas pessoas que já conheciam este momento contribuíram para que ele se tornasse sereno e “encantado”: a professora Flávia Prazeres, que é parceira na Equipe de Trabalho já estava familiarizada com a rotina da Roda na escola, as alunas da UATI já se sentiam preparadas para o processo de fruição das cantigas, as crianças se mostraram animadas para participar e convidaram seus familiares para entrar na Roda, que ainda se dispuseram a aprender as músicas e danças e animar o momento coletivo.</p>

4.4 PROCESSOS EDUCATIVOS VARIADOS NO GRUPO DE RODA

Se em 2010, no processo de inserção da pesquisa com este Grupo de mulheres colaboradoras, grande parte dos diálogos e processos educativos vivenciados diziam respeito ao processo de envelhecimento – suas repercussões nas relações sociais e a adaptação aos padrões de comportamento esperados para cada fase da vida – em 2011 os aprendizados estiveram mais relacionados ao amadurecimento do próprio Grupo, no que se refere à sua práxis intergeracional, sua coletividade, autonomia e atuação cultural.

RELAÇÕES INTERNAS DO GRUPO

No período de inserção dos procedimentos metodológicos (1º semestre de 2010), quando questionadas sobre o processo de envelhecimento, inicialmente as mulheres se referiam às suas limitações sociais e fragilidades do corpo:

“minha cabeça não bate com a do meu filho... eu sou pobre, devo e não nego, mas eu me viro... vou chorar? Não!”

“o corpo não consegue mais acompanhar a cabeça, a vontade permanente de querer fazer as coisas, o corpo vai apresentando limitações...”

“sempre fui uma espuleta, mas hoje em dia estou mais calma... não sou de ficar comentando, mas vivo cheia de dor no corpo, mas também não vou ficar parada por isso!”

“por estes dias fui numa festa na chácara de uma colega e virei uma cambalhota no meio do gramado... o povo ficou todo olhando e achando estranho, mas eu achei uma delícia! Depois que quebrei o braço (escorregando da escada na casa da filha) fiquei mais preocupada...”

“eu não me sinto velha, eu sou jovem de outrora” (risadas...) ⁵¹

Com a convivência e os diálogos em Grupo, num processo de desconstrução dos mitos acerca da velhice, as mulheres falavam sobre si mesmas com a intenção de demonstrar que apesar das dificuldades *“aqui ninguém parou no tempo”* (referindo-se a manter-se ativa no processo de envelhecimento e de entrada na chamada *terceira idade*), mas que *“naquele tempo era diferente, antigamente os mais velhos eram respeitados...”* (referindo-se ao seu tempo de juventude). Como apresentado no Referencial Teórico (cap. 2), percebemos nas reflexões coletivas o quanto é recente esta atenção com o processo de envelhecimento e consciência do papel do idoso na sociedade, esse olhar que considera o idoso um sujeito de direitos e deveres como qualquer outro cidadão.

Com o aprofundamento da pesquisa em 2011, no estudo sobre o projeto de intervenção e na realização dos procedimentos metodológicos com as mulheres colaboradoras, as relações vivenciadas entre as integrantes do Grupo de Roda onde educandas e educadora se propõem a uma práxis intergeracional, se ampliam para além das experiências individuais e se voltam aos aprendizados coletivos.

Quando uma das mulheres mencionou que estava adorando participar destas Rodas de Conversa, pois vinha sendo um momento prazeroso onde podiam compartilhar os sentimentos e acontecimentos da vida cotidiana, e assim estava se sentindo muito bem no grupo, as outras

⁵¹ Registros realizado em Diário de Campo, dia 27/05/10.

disseram que vinham se percebendo transformadas, e que isto estava se refletindo nas ações do cotidiano e nas relações com as pessoas próximas:

“outro dia me peguei quase dançando durante a missa, agora eu ouço uma música e meu corpo começa a querer chacoalhar...”

“já eu vou limpando a casa e quando ligo o rádio me vejo dançando”

“já eu quando estou me mexendo muito, fico ouvindo de minha filha: pára com isso mãe!”⁵²

Conversamos muito sobre estas mudanças em decorrência dos trabalhos musicais e corporais que realizamos nas aulas, e do quanto é importante que elas percebam estas intenções e transformações em si mesmas. De forma especial e com um discurso bastante singelo, compreendemos juntas neste processo que o fato de poderem compartilhar estas experiências umas com as outras, tem feito com que encontremos novos sentidos e significados nas atitudes cotidianas, e assim nos sentimos em constante processo de formação, aprendendo umas com as outras a viver com maior qualidade de vida.

Vale ressaltar que a experiência de compartilhar no Grupo memórias e significados atribuídos às percepções de cada uma (relativas ao projeto “Roda da Vida”), embora direcionada para a prática de pesquisa, serviu como oportunidade para que cada pessoa conhecesse mais a fundo a visão de mundo das Outras, e assim se fortalecessem as relações de confiança, de afeto e de respeito entre as mulheres do Grupo.

Percebemos neste processo dialógico algumas mudanças de comportamento na própria Roda de Conversas entre as colaboradoras, que se deram pela convivência nas Rodas e pelo fortalecimento das relações de confiança, gerando comprometimento de cada uma em relação ao coletivo:

“acontece que a gente tem medo de levar um NÃO do Outro, e então se fecha nos relacionamentos... mas aos poucos vai se soltando!”

“e na Roda a gente vai se conhecendo... quando fomos fazendo as atividades, pela convivência, ouvindo a história da Outra, a gente vai sabendo quem são as pessoas”,

“quando alguém falta, a gente sente, porque dependendo da pessoa a gente só se encontra aqui”⁵³

52 Registros realizado em Diário de Campo, dia 10/06/10.

53 Registros realizado em Diário de Campo, dia 11/08/11.

Entretanto, quanto mais o grupo cresce e novas integrantes se propõem a interagir nas Rodas, maior é a dificuldade em articular os diferentes interesses e níveis de envolvimento de cada uma; por vezes, no momento do *intervalo* entre atividades, o grupo se dissolve em grupos menores e conversas mais informais, com opiniões divergentes que se expressam nesta hora em gestos e olhares.

Nas Rodas de Conversas realizadas após as visitas na escola, apenas parte das mulheres se dispõe a refletir sobre a experiência que acabava de ser vivenciada, e é neste momento que evidencia-se uma grande diferença entre o Grupo de Samba e o Grupo de Roda: o primeiro tem o propósito de aulas, ensaios e apresentações de seu repertório, e apenas o segundo (formado por cerca de metade das alunas do primeiro) se permite e se propõe ao tempo de compreensão e reflexão coletiva, de amadurecer a si e ao grupo pelo diálogo, de se propor ao desenvolvimento contínuo e comprometido do trabalho na “Roda da Vida”.

As diferenças também aparecem no processo de apropriação da imagem do Grupo, quando as mulheres se assumem como agentes culturais e vestem-se para a prática coletiva, na escolha e elaboração das roupas e adereços para seu amadurecimento.

No início do período de coleta, ao distribuir as saias novas para serem inauguradas na escola, as mulheres as experimentaram no ambiente da FESC mas não quiseram sair com elas vestidas pelas ruas; embora algumas se sentissem com vergonha, outras se mostraram à vontade, mas também guardaram as vestimentas para aparecer apenas como coletivo. Com o tempo, as mulheres passaram a se orgulhar das vivências proporcionadas no ambiente escolar, inclusive caminhando pelas ruas com a vestimenta da apresentação: se há algum tempo sentiam certo constrangimento para isso, passaram a assumir a imagem do Grupo e se colocar como dispostas ao encantamento das Rodas...

Recentemente, quando questionadas sobre esta imagem coletiva, disseram que gostam muito do resultado que as saias e chapéus proporcionam interiormente quando estamos vivenciando a cantoria, mas dizem sobre esta imagem que *“fica bonito é quando estão todas juntas”*, sugerindo e montando uma formação em roda, com todas vestidas e segurando as saias abertas e levantadas: *“poderíamos iniciar nossa Roda assim... olha que lindo!”*

RELAÇÕES ENTRE O GRUPO E AS CRIANÇAS NO AMBIENTE ESCOLAR

No que se refere aos processos educativos presentes nas relações entre as mulheres e as crianças, é preciso ressaltar que a pesquisa se limitou à percepção de um dos lados, pois consideramos, na coleta de dados, apenas as visões compartilhadas entre as educandas da UATI. Como apresentado nos quadros anteriores (referentes ao projeto “Roda da Vida”), apesar de vivenciarem momentos animados e afetivos com as crianças da escola, sempre destacam também as dificuldades do diálogo com as mesmas no ambiente escolar.

Por terem vivenciado diversas práticas de roda em sua própria infância, as mulheres criam expectativas de resultados em relação às vivências com as crianças: algumas alunas acham que são muitas crianças e que estas se envolvem com alegria, mas com a euforia fica difícil de direcionar para a cantoria em especial na Grande Roda... demonstram ter uma noção de que tudo precisaria ter maior organização, ou pelo menos um microfone para ajudar no *controle da situação*, e ainda não percebem que a Roda não precisa sair perfeitamente redonda para que se torne significativa e encantada para as crianças.

Algumas mulheres são novas no Grupo, enquanto outras tem referencias de momentos já vivenciados por meio do projeto e percebem mais ou menos as dificuldades presentes nas relações entre professores e crianças no ambiente escolar, e em como o contexto interfere no *encantamento* da Roda:

“aquela hora que você ficou brava comigo (momento da Grande Roda) porque eu deixei as crianças saírem da roda para beberem água... mas eles estavam com sede, e quando estou com sede e quero água eu vou!”

“eu não fiquei brava, mas acontece que a professora reclamou que as crianças voltaram molhadas, e parte da Roda se dispersou neste momento...”

“pois minha santinha (neta) diz que, como bisa eu estrago tudo o que ela educa o L. (bisneto), mas eu sempre digo: no fim deu tudo certo!”

“uma das professoras estava de cara feia!”

“mas nós não sabemos o que se passou antes da gente entrar na Roda” (o ambiente escolar estava com problemas de crianças que machucam as outras)

“se nós ficamos aqui um pouquinho só e já nos cansamos, imagina elas que ficam a tarde toda e todos os dias...”

“tem outra professora que é bem rígida na sala com as crianças, e todos obedecem”

“mas quando saem da sala são os que mais dão trabalho, se libertam na área externa”...

Nas primeiras vezes em que as mulheres estiveram à frente das crianças no processo educativo intergeracional (como educadora e pesquisadora procurei manter-me a parte da vivência), elas disseram sentir-se inseguras, *“mas depois a gente vai desinibindo”*; outras discordam, dizendo que *“eu não tive dificuldade, porque já estou acostumada com meu bisneto”*. Porém, no processo dialógico de elaboração dos procedimentos a serem realizados por elas com as crianças, percebemos que cada grupo reagiu de uma forma diferente, se utilizando de diferentes estratégias para atingir os objetivos planejados.

O GRUPO DE RODA EM SITUAÇÃO DE APRESENTAÇÕES

Para as situações de apresentações externas e públicas, costumamos realizar um convite às demais educandas do Grupo de Samba para que se juntem às mulheres do Grupo de Roda (suas integrantes que fazem parte de ambos), ampliando a Roda e valorizando a imagem do grupo: as pessoas convidadas do Samba sentem certa afinidade com as vivências, participam com prazer das cantorias, mas dizem que não querem ou não podem se dedicar ao projeto intergeracional de forma constante. Mesmo com uma demanda intensa de eventos e apresentações, as mulheres do Grupo de Roda se dedicam às vivências por gosto e satisfação, e quando alguma delas não consegue estar presente por algum motivo de sua vida cotidiana, logo procura se justificar lamentando não ter participado.

Nestas interações entre os dois Grupos, sempre nos questionamos sobre a necessidade de “ensaio geral” ou apenas de diálogo compartilhando o planejamento da apresentação; apesar de todas conhecerem a maioria do repertório, surgiram algumas situações de conflito entre os diferentes níveis de engajamento com a Roda (como a necessidade de confeccionar mais roupas e adereços para que todas possam se caracterizar da mesma forma nos espetáculos), e no momento da apresentação algumas das mulheres ainda não se mobilizam para que este momento flua com mais facilidade, ficam aguardando comandos e não tomam iniciativa para coordenar a atividade.

Apesar das dificuldades, todas reconhecem a importância da colaboração das colegas, e fazem questão de insistir no convite para que participem mais intensamente no Grupo.

Conforme são ampliadas as possibilidades de divulgação deste trabalho em outros eventos (ver quadro 6), e de forma especial em fim-de-semester, é importante destacar que todas demonstraram ter gostado muito das Rodas, cada qual com suas surpresas, improvisos e demandas.

“com as visitas nas escolas, a gente vai ficando conhecida pelas crianças, e quando elas nos encontram na rua logo dão um sorriso e vem cumprimentar... é tão gostoso!”

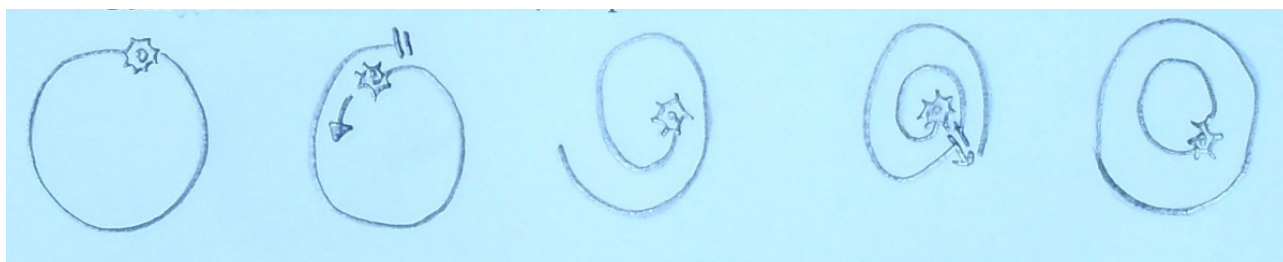
4.5 PROCESSOS EDUCATIVOS VIVENCIADOS PELA EDUCADORA E PESQUISADORA

O amadurecimento das intervenções da “Roda da Vida” conjuntamente ao processo de compreensão dos procedimentos metodológicos na pesquisa, se revelaram como uma grande oportunidade de aprendizado para o *ser coletivo*: participar de um grupo com propósito artístico e cultural definido pela vivência afetiva com a cantoria da Roda, e com a necessidade de que cada integrante procure compreender e se articular com as demais colegas para que a Roda gire fluindo.

Esta colaboração e disposição para a coletividade e a oralidade das experiências em roda tem se tornado cada vez mais evidente entre este grupo de mulheres, assim como expressado em muitas das cantigas destas vivências e em uma de forma especial (quando realizamos um redemoinho de gente para subdividir a Grande Roda em rodas menores e concêntricas): *“o rio vai fluindo, fluindo e indo, o rio vai fluindo para o mar... nos braços da mãe Terra criança sempre serei, nos braços da mãe Terra para o mar...”*

DIAGRAMA 2:

REDEMOINHO DO RIO



Com a caminhada coletiva, o processo foi se tornando mais sereno, e acredito que atualmente as mulheres sentem-se mais confiantes e começam a dominar o momento de estarem sozinhas como agentes culturais junto a grupos de crianças e professores, demonstrando que meu *afastamento* neste momento educativo intergeracional foi positivo para que superassem esta insegurança e se delineasse uma maior autonomia do Grupo.

Percebo também o desenvolvimento de uma dinâmica própria ao Grupo de Roda, diferenciando-o dos demais Grupos Artísticos de Música (Samba, Seresta, Coral) da UATI-FESC, com fortalecimento da autonomia e do sentimento de coletividade, especialmente quando existe um planejamento e reconhecimento prévio às intervenções - como clareza na sequência das atividades e aproveitamento da infraestrutura oferecida (transporte, registros em fotos e vídeos). Pelo fato das visitas serem bastante planejadas e vivenciadas de forma semelhante em outras escolas pela maioria das alunas, o Grupo se sente confortável com a cantoria, familiarizado com o processo, e se envolve com as crianças com mais facilidade.

Com a organização prévia e dialogada, as alunas sentem-se mais valorizadas e cumprem seu papel educativo no momento da Roda, demonstrando um intenso amadurecimento destes momentos no projeto “Roda da Vida”. O Grupo compreende o significado da visita e contribui para a fruição de seu diferentes momentos: a chegada e cumprimentos, o aguardar a hora da apresentação e de se colocar em frente às crianças, a apresentação do Samba e a vivência da Roda, a despedida e organização para a volta à “*nossa escola*”, a preocupação em guardar o material coletivo, o momento de combinar o próximo encontro...

Durante o processo de Pesquisa em Educação, com a reflexão coletiva dos registros e questionamentos levantados, tornou-se também mais clara uma postura metodológica desenvolvida para o trabalho de Educação Musical, nesta prática educativa transdisciplinar: articular de forma simples mas significativa as diferentes linguagens artísticas para a realização das vivências em Roda, o que se tornou um diferencial do trabalho realizado com os Grupos Artísticos da UATI, e com o Grupo de Roda de forma intensa pela especificidade de seus objetivos de educação intergeracional.

Apesar de reconhecer a necessidade de aprofundar constantemente alguns aspectos de música e de dança no Grupo de Roda da UATI, a maioria dos outros grupos de terceira idade que já conhecemos e apreciamos centram-se no desenvolvimento de atividades físicas para revitalização do corpo, ou então trabalham coreografias com a dança e expressão corporal e a música fica por

conta do cd, ou ainda trabalham com o canto e instrumentos musicais sem movimentação corporal.

O trabalho musical desenvolvido na UATI, inclusive em parceria com educadoras de expressão corporal e artes cênicas, procura explorar as habilidades destas mulheres com a preocupação de não infantilizar seus movimentos e sua expressividade, mas colocando constantemente desafios a serem superados pelas participantes destes grupos.

Há algo que diferencia esta Roda dos demais trabalhos realizados com a terceira idade, que é unir a própria expressão musical das alunas com sua expressão corporal nos movimentos das danças, um processo educativo que necessita de tempo e envolvimento para superar a histórica separação entre estas artes.

Na Roda, música e dança devem estar intimamente ligadas de forma natural, numa linguagem expressiva que também se aproxima do teatro e das artes plásticas... e que além de educativa precisa ser prazerosa, num processo intergeracional que se dispõe a explorar os limites e possibilidades desta prática social.

INTERAÇÃO ENTRE GERAÇÕES

Através das falas e lembranças das relações intergeracionais vivenciadas na própria infância, as mulheres colaboradoras consideram que “naqueles tempos” as famílias estavam mais integradas e presentes no cotidiano. As histórias e experiências familiares instigam crenças e lembranças da cultura popular, das rezas e benzedeadas que curavam doenças e mau-olhado de pessoas de todas as idades, e de como eram respeitadas nas comunidades por isso:

“não pode deixar a bolsa no chão, é caixa baixa, os antigos falavam sobre isso...”

“um dia apareceu uma cobra lá no sítio onde minha avó morava, e ela deu um nó na saia para a cobra não sair do lugar, benzeu a cobra, enquanto ia chamar o marido para tirar o bicho dali... e a cobra ficou parada, esperando, e quando voltaram tiraram ela de lá e depois soltaram.”

“Hoje se perdeu muita coisa...”⁵⁴

Durante as Rodas de Conversas, especialmente no diálogo sobre diferentes *fases da vida*, também percebemos juntas o quanto a postura em relação à velhice varia muito de pessoa para

54 Trechos diversos extraídos do Diário de Campo – 2010.

pessoa e, conforme as referências culturais, o quanto varia esse olhar que considera o idoso um sujeito de direitos e deveres como qualquer outro cidadão.

As referências pessoais sobre as mudanças de valores e padrões de comportamento entre gerações, com base nas experiências percebidas ao longo da vida, estabelecem constantes relações entre o passado e o presente:

“no meu tempo...” (sempre referindo-se à juventude)

“naquele tempo era diferente... a juventude de hoje não respeita os mais velhos como antigamente!”

“o pessoal fala que na terceira idade a gente fica velho, que é a melhor idade, mas é tudo mentira, a gente vai ficando todo travado!” (risos)

“hoje tem gente nova tão parada... que fica num videogame ou computador e não aproveita a vida!”

“é que aqui ninguém parou no tempo!” (sobre sua dedicação cotidiana)

Pelos discursos e falas das mulheres, compreendemos como se transmite e se transforma, neste convívio e compartilhar de experiências de vida e visões de mundo, a intencionalidade de cada uma em viver o presente – com seus consensos e conflitos embasados pelos valores e conhecimentos das experiências passadas, das tradições ancestrais –, porém vislumbrando a transformação do futuro, a ruptura e necessária adaptação às novas realidades sociais.

Neste processo dialogado, sempre se colocavam novos questionamentos, que partiam da compreensão de existência humana enquanto processo: qual é a minha prática atual para construir uma velhice saudável e ativa? Como me relaciono com o corpo e a mente do Outro? E com o meu próprio corpo e essência?

No processo de pesquisa pudemos compartilhar, de forma respeitosa, diferentes visões de mundo, saberes e percepções pela fala e pelo gesto, mas também por experiências afetivas e emotivas. Por meio da convivência intencional e baseada na confiança, despertamos a memória pessoal e fortalecemos a coletividade na interpretação dos registros.

Num dos encontros, uma das mulheres comentou: *“a gente está eternizada na foto”*, transparecendo a importância da realização de registros audiovisuais durante o desenvolvimento do trabalho pedagógico: não apenas no sentido de divulgação, mas especialmente de amadurecimento do grupo, de valorização e reconhecimento da participação e intencionalidade de cada uma.

Este reconhecimento também se intensifica com a confiança estabelecida entre as participantes do grupo, de maneira especial na percepção dos papéis de cada uma quando estamos no ambiente escolar, e da compreensão de que há diferentes gerações no próprio Grupo de Roda, onde a educadora é a mais nova:

“veja como as coisas são, antigamente quando os mais velhos falavam, os mais novos abaixavam a cabeça e ficavam quietos...”
“e veja só, você manda e a gente obedece!”
“ela manda e a gente às vezes obedece...” (risos!)

Lidar com essa “inversão” de idades entre educandas e educadora é um processo que requer paciência e compreensão mútua: se, no início de minha atuação como educadora da UATI, essa diferença de idade trouxe algumas dificuldades para a prática educativa, atualmente, após um processo de pesquisa dialogado e colaborativo, pudemos compreender que temos muito o que ensinar e aprender umas com as outras, independente da idade cronológica.

Há uma parceria muito especial e afetiva que acontece durante as vivências em Roda, que se realiza menos pela fala e mais pelos gestos, olhares, e especialmente pela confiança recíproca... Porque quando assumimos nossa procura pelo ser mais, é na cultura que encontramos o fundamento para um diálogo efetivo entre saber e fazer, numa prática educativa que se propõe a reinventar o mundo em que vivemos e atuamos, para humanizar nossas relações com os outros.



5.Considerações sobre a pesquisa

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA: projetando novos horizontes...

*"(...) Somos nós que fazemos a vida, como der, ou puder, ou quiser.
Sempre desejada, por mais que esteja errada...
ninguém quer a morte, só saúde e sorte!
E a pergunta rola, e a cabeça agita...
Eu fico com a pureza da resposta das crianças:
é a vida, é bonita e é bonita!
Viver, e não ter a vergonha de ser feliz.
Cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz."
(Gonzaguinha⁵⁵)*

A partir do processo de pesquisa relatado, o exercício reflexivo vivenciado mostrou-se como uma sensível oportunidade de compreender, com um novo *olhar*, uma prática social onde já estava inserida: embora claramente com o papel de educadora e com uma postura de compartilhar aprendizados, porém ampliando uma prática dialógica não apenas no plano musical, mas também ao compartilhar experiências, significados e conhecimentos sobre a vida e o processo de envelhecimento.

Acreditamos que pudemos ampliar, nas relações entre as participantes deste processo, uma comunicação humana mais sensível, trabalhando com a vida real e pulsante dos ambientes educacionais, de forma a valorizar o sentir e o pensar de cada pessoa envolvida. Isto nos faz reforçar ainda mais a idéia de que a Educação carece de vivências culturais mediadas por relações intergeracionais em suas instituições, bem como da importância de formação de mulheres mais velhas para atuação como agentes culturais.

No início da aproximação com o campo de estudos, encontramos dificuldade para desnaturalizar a visão da velhice como problema e desconstruir com o Grupo alguns mitos relacionados a esta fase da vida. Com o andamento do trabalho de pesquisa para inserção em campo⁵⁶, pudemos compreender com maior clareza o que pensam as mulheres colaboradoras acerca

55 Trecho da letra da música “O que é, o que é”, do compositor brasileiro Gonzaguinha; esta canção aprendi com meu pai logo cedo na vida, mas foi trabalhando como Educadora Musical da UATI que ela ganhou significado especial para mim. Neste ano, esta música foi tema de encerramento no I Festival dos Grupos Artísticos da UATI, e todos e todas participantes encheram-se de alegria para interpretá-la.

56 “Roda de conversa no intervalo: o convívio de mulheres em Grupos Artísticos de Música da UATI” - Trabalho acadêmico de pesquisa (jul.2010) adaptado para elaboração do Estudo Preliminar - apresentado no Exame de Qualificação e reformulado para incorporar esta Dissertação de Mestrado.

do próprio processo de envelhecimento, como lidam com isto em sua vida cotidiana e que estratégias buscam para superar as dificuldades decorrentes deste processo.

Se nas gerações anteriores às delas, e de certa maneira ainda hoje para muitas pessoas, o imaginário acerca da *terceira idade* se constitui pela redução dos contatos sociais e isolamento do idoso, pelo esvaziamento de papéis e diminuição das funções sociais, recentemente criam-se novas oportunidades de escolhas para este momento da vida, com mudanças de hábitos que refletem na sociedade como um todo, e que no caso deste grupo de mulheres colaboradoras resultam num estilo de vida mais participativo e integrado. A partir dos procedimentos metodológicos realizados pela pesquisa pudemos também compreender quais os sentidos da participação de cada uma delas nas atividades junto aos Grupos Artísticos de Música da UATI, como refletem no cotidiano, nas experiências e aprendizados estabelecidos umas com as outras.

O envolvimento destas mulheres nos Grupos Artísticos de Música amplia sua rede de relações e desenvolve atividades para além do círculo familiar e doméstico, propiciando um momento de “olhar para si” e compartilhar com as outras atitudes e visões de mundo coerentes com os grupos populares – onde lazer, social, feminilidade e oralidade tem seu lugar.

No Grupo de Roda⁵⁷ estas questões não apenas tem seu lugar como são a base de sua existência, ampliado pela intencionalidade de interagir saberes entre diferentes gerações. Por conta disso, na pesquisa junto a esse grupo, a experiência repleta de (inter)subjetividade é em si tema de reflexão e instrumento metodológico.

Neste sentido, a inserção desta educadora musical e das mulheres do Grupo de Roda no projeto de pesquisa, contribuiu também para o processo de consolidação da própria prática musical e do projeto “Roda da Vida”, com a percepção coletiva da importância destas Rodas de Conversa não só na vida de cada uma, mas para o próprio fortalecimento e preparação do coletivo para as vivências que ainda estavam por vir: aos poucos, foram surgindo *lanchinhos* e lembranças pessoais, que alimentavam não só o corpo mas a mente, instigando a sensibilidade e memória coletiva para percepção das vivências do passado como construção de nossa personalidade no presente.

Procuramos apresentar, ao longo do trabalho, uma abordagem sobre de que forma estas mulheres se dedicam a intervir nos diferentes ambientes escolares com sua memória e musicalidade, e quais os significados atribuídos por cada uma de nós num projeto coletivo de educação intergeracional. Uma vez que o contato desta educadora com o grupo de educandas existe para além do processo de pesquisa, e se realiza cotidianamente em nosso ambiente escolar, as reflexões

57 Neste período formado por mulheres que também se envolviam com outros Grupos Artísticos da UATI-FESC.

apresentadas procuram compreender os processos educativos que se revelaram, num contexto específico de convivência entre o grupo: as atividades intergeracionais de música e dança em roda.

Acreditamos que as Rodas de Conversa vivenciadas ao longo da pesquisa, sobre as experiências pedagógicas deste trabalho e também sobre conceitos e preconceitos presentes na sociedade contemporânea, possibilitaram às mulheres colaboradoras da pesquisa um esforço por aprender a respeitar a diversidade cultural e os diferentes comportamentos de cada uma no grupo, reforçando laços de amizade e cumplicidade.

Um aprendizado interessante a partir desse processo dialógico e que se deu principalmente pela percepção de gestos e olhares, foi sobre como lidar com as palavras e a temática das conversas (principalmente quando se referem a determinados tabus sociais), pois as pessoas tem valores morais diferenciados, que interferem inclusive na personalidade de cada uma: enquanto algumas mulheres se expõem mais e compartilham sua experiência abertamente, são mais extrovertidas e *desbocadas* apesar das dificuldades do cotidiano, outras se mantêm caladas e às vezes até repreendem o tom da conversa com o olhar, são mais tímidas e demonstram certos pudores pela expressão corporal e facial.

Através dos procedimentos metodológicos utilizados, de maneira cíclica e dialogada entre a intervenção e a pesquisa (ver Diagrama 1 – Caminho Metodológico), compreendemos a importância de todas e todos colaborarem para que a vivência intergeracional possa fluir com naturalidade e encantamento: de que os envolvidos na Roda sintam uma disposição a se abrir para a experiência coletiva e para uma práxis mais humanizada e encantada pela cultura. Compreendemos também que a metodologia da Roda, enquanto conceitos e procedimentos, foi amadurecendo sua intencionalidade e se ampliando para novos ambientes escolares, mas sempre propondo que todos e todas se coloquem como corpo coletivo durante as vivências, dispostos à transformação de nossas relações com os outros.

Neste momento, destacamos novamente que este trabalho de pesquisa limitou-se à percepção de apenas um dos grupos envolvidos no projeto “Roda da Vida” - educadora e educandas colaboradoras do Grupo de Roda da UATI-FESC -, recorte necessário em função do tempo acadêmico que estabelece prazos para a pesquisa... mas que novas compreensões podem ser reveladas pelas percepções dos demais participantes do projeto, por suas diferentes dinâmicas e intencionalidades.

Almejamos ainda que, pensando numa perspectiva de continuidade das vivências em roda nas escolas, este processo de pesquisa possa e deva ser ampliado para dialogar, numa roda cada vez

mais ampla, com os demais envolvidos nesta intervenção estudada: as crianças e seus familiares, as professoras, funcionários e direção da escola, as agentes culturais em formação...

Percebemos com a vivência nestas Rodas que, ao envolver grande número de pessoas na cantoria, cada qual com suas motivações e expectativas para este momento de encontros, as diferenças se manifestam pelo *olhar* (tímido, feliz, ansioso, choroso, triste, sereno, cansado, animado) ou pelo *gesto* (afetivo, intrometido, cumprimentando, explorando, atencioso, desastrado).

E ainda que, apesar das dificuldades iniciais em organizar os grupos, quando a Roda começa a girar sua *fluidez* provoca alegria, envolve os familiares e convida a todos para uma cantoria prazerosa... e quando o ritual se encerra, a troca de gestos afetivos demonstra engrandecimento e apego carinhoso à experiência vivenciada coletivamente, com o reconhecimento do esforço de cada pessoa para a percepção da qualidade do momento.

Mas como se trata de um trabalho coletivo que lida com a diversidade da natureza humana, algumas dificuldades foram se revelando neste percurso, referentes ao processo de *institucionalização* da “Roda da Vida”, com infraestrutura, cronograma e horário definidos em agendas e planos de trabalho...

Como educadora e cirandeira nestas Rodas, além do sentimento de responsabilidade sobre a maneira como estas vivências são ampliadas para outros ambientes – e esperamos sempre que de maneira comprometida com o contexto cultural do ambiente escolar e com o fortalecimento do envolvimento afetivo e da coletividade –, também percebemos ao longo das vivências algumas mudanças de comportamento e significação dos próprios participantes quando o *encanto* se torna uma *obrigação*: apesar de intensificar o envolvimento da maioria do grupo, algumas pessoas se afastam por não conseguirem se dedicar tanto, e outras por indisposição mesmo.

Nesse sentido, e até porque nosso envolvimento com esta intervenção musical transpõe o compromisso com a pesquisa, seguimos apontando algumas reflexões e diretrizes especialmente para as instituições responsáveis pelo desenvolvimento dos trabalhos nas escolas, que se propõem a uma perspectiva de continuidade e enraizamento da “Roda da Vida” nos ambientes da rede municipal de educação em São Carlos. Não é de nosso interesse aprofundar, neste momento, sobre as especificidades do projeto de intervenção, mas penso que alguns dos atuais aspectos na gestão do mesmo podem contribuir para estas reflexões finais...

Se por um lado a continuidade no andamento do projeto⁵⁸ foi-se tornando cada vez mais

58 Renovação e efetivação dos Planos de Trabalho e Termos de Parceria entre a Fundação Educacional São Carlos e a

simples, por outro, o *tempo* dos procedimentos administrativos e burocráticos necessário para sua implementação tem um ritmo diferente do *tempo* cotidiano das vivências com a comunidade escolar.

Esta sistematização de projetos culturais nas escolas - com duração determinada para alcançar os objetivos, com prazo de encerramento e nem sempre com perspectiva de continuidade -, deveria considerar os sentimentos de incertezas e anseios que são gerados nas vivências em Roda por conta de seu limite temporal... algo que se experimenta por um momento, como se fosse único porque do futuro ninguém sabe ao certo, mas que cria uma expectativa de poder vivenciar novamente.

No que se refere à formação de professores, acredito que o processo educativo de compartilhar experiências docentes foi sempre recíproco, e a cada oportunidade procuramos aprender mais sobre a prática e as estratégias das professoras nas escolas da rede municipal. Para realização das vivências na “Roda da Vida”, procuramos pelo diálogo construir a noção de coletividade e o engajamento necessário com a cantoria entre as educadoras envolvidas pelo curso, firmando um compromisso das participantes com a efetivação dos objetivos do projeto e com a qualidade do trabalho.

Nas Rodas de Conversa, o grupo de professoras do curso oferecido pela Escola Municipal de Governo apontou que as atividades realizadas nos encontros semanais revitalizam seu cotidiano, valorizam a autoestima pela metodologia da vivência afetiva, e que o ambiente escolar tem muito o que aprender com a diversidade musical da cultura popular. Demonstraram também expectativas de continuidade, solicitando adaptações para que mais colegas possam participar, e dizendo que se alegram ao ir para os encontros pela oportunidade de compartilhar pela reflexão teórica e pela vivência prática.

Acreditamos que os vínculos que se tecem entre os participantes são gerados por uma experiência musical e corporal, mas com o tempo se tornam de natureza emocional e afetiva. Sabemos da importância de que parcerias institucionais possam ser efetivadas nos diferentes setores do poder público, e é justamente por acreditar numa educação pública de qualidade que nos propomos a atuar neste projeto intergeracional. Porém, se vislumbramos a continuidade deste trabalho coletivo, torna-se importante e necessário avaliar constantemente suas ações: pensar no direcionamento das ações pedagógicas desenvolvidas com base nas experiências anteriores, mas com perspectivas e diretrizes a longo prazo e não de maneira pontual a cada semestre, para que

futuras vivências se tornem mais densas, coletivas e comprometidas com a educação pública.

Graças a oportunidade de divulgação e compartilhamento da “Roda da Vida” junto a outros educadores que se identificam com a cultura popular brasileira, consideramos que estas propostas de formação devem sim partir dos interesses em ampliar as atividades para diferentes ambientes escolares, mas atuando com uma Equipe de Trabalho também ampliada e formada por uma intencionalidade coletiva.

E consideramos ainda que é importante estender o encantamento das Rodas para outras escolas, porém sem deixar de lado as comunidades escolares que já foram sensibilizadas. Assim, entendemos a necessidade em se consolidar um grupo de agentes culturais que esteja efetivamente envolvido pela prática docente em roda de celebração da vida, preocupado com seu contexto e referências de atuação, e que se proponha a construção de um trabalho colaborativo de estudos e práticas culturais.

Torna-se importante destacar novamente, para finalizar estas considerações, que os resultados analisados a partir dos registros coletados são referentes a este grupo em específico, num contexto também específico, mas que o percurso metodológico apresentado pode contribuir como subsídio para o desenvolvimento de outras experiências educacionais, de pesquisa, ou ainda de implantação de políticas sociais e culturais.

Procuramos nesta Dissertação de Mestrado apresentar um processo de elaboração de significados coletivos, de percepção de sensações e sentimentos motivados pela interação com diferentes linguagens artísticas, de sensibilização e reflexão sobre as lembranças pessoais e a memória coletiva, de fortalecimento dos vínculos afetivos... enfim, a experiência de um caminho metodológico de pesquisa e intervenção, que se propõe a desenvolver relações de confiança e processos educativos dialogados no ambiente escolar.

Lamentavelmente, alguns destes aspectos desejáveis para uma educação de qualidade e formação integral continuam ausentes nos ambientes escolares.

No trabalho apresentado, valorizamos a cultura como contexto de formação e enraizamento de mulheres participantes nas atividades musicais e corporais do Grupo de Roda da UATI-FESC, investigando um processo educativo de autorreconhecimento e valorização artística, bem como de autonomia e engajamento na dinâmica das Rodas.

No entanto, entendemos que esta pesquisa esteve relacionada à própria ação educacional da pesquisadora não apenas com a finalidade de resolver dificuldades do cotidiano, ou somente para

elaborar diagnósticos sobre a realidade do ambiente social, mas sim para desvendar compreensões que vão além do grupo específico de pesquisa: um projeto coletivo onde todas e todos são colaboradores na formulação de conceitos que estão presentes na sociedade como um todo.

Como educadora e pesquisadora estive envolvida nas Rodas até mesmo em sonhos, e este engajamento só me leva a ressaltar a importância e necessidade de se criar um diálogo entre as práticas sociais que vivenciamos cotidianamente e a prática escolar que propomos e atuamos. Compreendemos neste processo educativo por quê a elaboração dos conteúdos selecionados deve partir da própria experiência de mundo de educandas e educadora, o quanto devemos buscar ir além dos parâmetros estabelecidos nos *currículos*, e como fortalecer um processo coletivo de humanização e educação para a vida, não apenas dentro das instituições escolares mas nas próprias relações pessoais e cotidianas.

Vale ainda considerar que, neste processo de estudo e pesquisa científica, encontramos grande dificuldade em relacionar o *Tempo* das coisas acontecerem e das vivências se efetivarem em significados compartilhados, com as expectativas colocadas pelo *Tempo* mensurável, do relógio e dos prazos institucionais. A amplitude da reflexão não cabe numa breve seleção de palavras e imagens, mas se dá pela percepção cotidiana e pela atribuição de significados a cada diálogo, e não se encerra com a elaboração desta dissertação...

Sendo necessário finalizar estas reflexões, ainda que por um momento, não posso deixar de agradecer a todos e todas que de alguma forma contribuíram nesse processo de construção de conhecimentos, pela oportunidade de aprendizado pessoal, que foi-se conformando em minha visão de mundo durante estas reflexões: por lançar um *olhar* mais sensível para o próprio processo de e para a prática educacional, neste momento intenso de maturação de idéias e ideais, de experimentar um ritmo de vida bastante acelerado e de busca da própria humanização...

!Okolofé Olorum!



Referencias

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. “Educação popular, saúde, equidade e justiça social”. Artigo disponível em: **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 29, n. 79, p. 401-416, set./dez. 2009.
<http://www.cedes.unicamp.br>

ALGARVE, Valéria Aparecida. “A leitura da cultura negra possibilitando a construção e valorização de identidades”.
alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/.../sm03ss10_06.pdf (acesso em dez. 2011)

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice** – I. A realidade Incômoda. Paris, 1976. (versão traduzida; São Paulo – Rio de Janeiro: Difel, 1976).

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira, culturas brasileiras. In: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p.308-345.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. 2.ed. São Paulo(SP): Ateliê Editorial, 2003.

_____ - **Memória e sociedade – lembrança de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues - **A Educação como cultura**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2002.

_____ - **Diário de Campo** - a antropologia com alegoria. Ed. Brasiliense, 1982.

BRASIL. **Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento**. Presidência da República, Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Brasília, 2003.

BRASIL. **CULTURA VIVA – Programa Nacional de Arte, Educação, Cidadania e Economia Solidária**. 3.ed. Brasília (DF): Ministério da Cultura, 2005.

CAVALCANTE, Ruth. “Educação Biocêntrica: um portal de acesso à inteligência afetiva.” Em: Revista Pensamento Biocêntrico, n. 06, julho/dezembro 2006.

CHAUI, Marilena – **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo (SP): Brasiliense, 1986.

DUSSEL; Enrique D. La totalidad vigente. In: _____. **Introducción a la filosofía de la liberación**. Colombia: Ed. Nueva América, 1995. (capítulo 1)

_____. Sobre el concepto de ética y ciência crítica. In: _____. **Hacia uma filosofía política crítica**. Bilbao: Ed Desclée de Blouwer, 2001.

_____. **Transmodernidad e interculturalidad** - interpretación desde la filosofía de la liberación. México City: UAM, 2005.

FERRIGNO, José Carlos. “A identidade do jovem e a identidade do velho: questões contemporâneas”. Em: **Velhices: reflexões contemporâneas**. SESC – PUC, São Paulo, 2006. Vários colaboradores - Ed. Comemorativa dos 60 anos SESC e PUC São Paulo.

FIORI, Ernani Maria; Conscientização e educação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS. 11(1). jan./jul. 1986. p.3-10.

_____. Educação libertadora. In: _____. Textos escolhidos, v. II, **Educação e Política**. Porto Alegre: L&PM, 1991, p.83-95.

FREIRE, Paulo. “Considerações em torno do ato de estudar”. In: _____. **Ação cultural para a liberdade**. Petrópolis, RJ: Paz e Terra, 2007 (p.9-13)

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 16^a.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 49.ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Siva e Guacira Lopes Louro. DP&A Editora, 1^a edição em 1992 Rio de Janeiro, 11^a edição em 2006 (livro na íntegra – totalmente escaneado).

JOLY, Ilza Zenker Leme. **Formação de grupos musicais na comunidade: ampliando as perspectivas de processos educativos, culturais e sociais**.

JOLY, Maria Carolina L.; MONTRONE, Aida Victoria G.; JOLY, Ilza Z. L. Conversas nas caronas depois de ensaios concertos: as práticas sociais e processos educativos de um pequeno grupo de jovens músicos. **Revista de Educação Musical: Espaços e Contextos**. UFSCar – UAB, v.1. Junho, 2009.

KATER, Carlos. “O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social.” **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v.10, mar.2004.

KOELLREUTTER, H. J. – “O espírito criador e o ensino pré-figurativo”. Apresentação em aulas inaugurais da Escola de Música da UFMG e da Faculdade Santa Marcelina, 1984.
Em: Cadernos de Estudos – Educação Musical 06. Belo Horizonte, Ed. Atravez, 1997.

LAROSSA BONDIA , Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, 2002, p.20-28.

MINAYO, Maria Cecília de Souza - “*Visão antropológica do envelhecimento humano*”. Em: **Velhices: reflexões contemporâneas**. SESC – PUC, São Paulo, 2006. Vários colaboradores - Ed. Comemorativa dos 60 anos SESC e PUC São Paulo.

MORAGAS, Ricardo. **Gerontologia social – envelhecimento e qualidade de vida**.

MONTRONE, Aida Victoria G.; REYES, Cláudia R. **Educación, Formación, Diversidad y Ciudadanía en América Latina** (texto apresentado em vídeo conferencia do Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos e a Universidade Autónoma do Estado de Morelos – México, 2005).

MOREIRA, Antônio Flávio B.; CANDAU, Vera Maria – “*Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos*”. Em: **Revista Brasileira de Educação - ANPED**, n.23, p. 156-168, maio/jun./jul. 2003.
<http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm> (acesso em set./2009)

MOTTA, Flávia de Mattos. **Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

NERY, Anita; JORGE, Mariana D. – “*Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: subsídios ao planejamento curricular*.” Em: **Estudos de psicologia**, volume 23, n.2, abril/junho 2006. Centro de Ciências da Vida - Programa de Pós-graduação em Psicologia / Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SILVA, Petronilha B. G.; MONTRONE, Aida Victoria G.; GONÇALVES JÚNIOR, Luiz; JOLY, Ilza Z. L. **Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais**. 2009. in: [Http://www.anped.org.br/resumos/32ra/trabalho_gt_06.html](http://www.anped.org.br/resumos/32ra/trabalho_gt_06.html)

PACHECO, LÍlian – **Pedagogia Griô: a reinvenção da Roda da Vida**. Sistematização de vivências, invenções e pesquisas compartilhadas do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô. Lençóis (BA), 2006.

PAREJO, Enny – “*O corpo na educação musical*”. Em: **Coleção Corpo em Cena**, São Paulo, vol.1, p. 99-133, 2010.

RIBAS, Maria Guiomar de C. “*Práticas musicais na Educação de Jovens e Adultos: uma abordagem geracional*”. **Rev. ABEM**, Porto Alegre, vol. 21, p. 124-134, mar. 2009.

ROCHA, Tião. “*A educação por meio da filosofia do “copo cheio”* . Em: **Fórum – outro mundo em debate** (entrevista concedida a Sucena S. Resk), Ed. Publisher Brasil, n. 101 ano9, p.46-47, ago.2011.

SALLES, Álvaro Ângelo. “*O Idoso e a Saúde Mental: uma reflexão sob a perspectiva da afetividade*”. Em: **Saúde do Idoso: Processo de Envelhecimento sob múltiplos aspectos**. São Paulo: Labia, 2009. [org. José Vitor da Silva]

SANTOS, Luis Carlos Ferreira dos. “Filosofia de raiz africana como um pensamento da complementaridade.” Em: *Revista África e Africanidades*, ano 2, n. 8, fev. 2010. www.africaeaficanidades.com (acesso em fev. 2012)

SILVA, Douglas Verrangia Corrêa da. **A educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências: diálogos possíveis entre Brasil e Estados Unidos**. 2009. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

SILVA, Petronilha Beatriz G. “*Aprender, ensinar e relações étnico raciais no Brasil*.” Em: **Educação**. Porto Alegre / RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SOUZA, Manuela Cristina de. “*Espaço urbano e Construção da memória – um projeto de urbanização para Nova Simioni*”. **Trabalho de Graduação Integrado** desenvolvido para conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo, EESC-USP, 2001.

_____. “Roda de conversa no intervalo: *o convívio de mulheres em Grupos Artísticos de Música da UATI*”. **Relatório final** desenvolvido para conclusão da disciplina EDU-944 Práticas Sociais e Processos Educativos (PPGE-UFSCar). São Carlos, 2010. (Trabalho adaptado para elaboração do Estudo Preliminar - apresentado no Exame de Qualificação e reformulado para incorporar esta Dissertação de Mestrado.)

SOUZA, Mériti de – “*Fios e Furos: a trama da subjetividade e a educação*” . Trabalho apresentado no GT Psicologia da Educação, na 26^A Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas – MG, 2003. **Revista Brasileira de Educação - ANPED**, n. 26, 2004.
<http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm> (acesso em set./2009)



Álbum de fotos

Diferentes momentos de formação das Rodas nas escolas:

as primeiras e últimas cirandas nas festas, as rodas de conversa nas salas e a Grande Roda familiar.



a inserção nos estudos:

"Roda da Vida – (en)cantando a cultura popular brasileira"

As primeiras visitas das mulheres da UATI às escolas de educação infantil aconteceram em 2008, instigadas pela participação desta educadora no curso **"Música em Movimento"** (parceria UFSCar – SME – FESC), com referências metodológicas nas vivências de música e dança em roda da cultura popular e no contato com a Pedagogia Grô.



Em 2010, as parcerias institucionais se ampliaram, pelo envolvimento de bolsistas do projeto **"Música para todas as idades – memória e cultura na convivência entre gerações"** (PROEXT Cultura SP), com sua participação nos Grupos de Samba e de Roda da UATI e nas vivências musicais do CEMEI Cônego Manoel Tobias. Também ampliou-se a Equipe de Trabalho, com a atuação e formação de professoras da rede municipal.



a inserção nos estudos:

"Roda da Vida – (en)cantando a cultura popular brasileira"

O chapéu enfeitado surge como encantamento e transparência daqueles que tem algo a ensinar, e aos poucos vai se multiplicando e disseminando suas flores em diferentes ambientes escolares... ele pertence a todos que entrarem na Roda, e aquele que o usa se expressa em movimentos, da maneira que a pessoa é.



Os encontros intergeracionais envolvem apreciação e percepção musical, práticas de relaxamento e integração no grupo, bem como vivências artísticas de diferentes ritmos da cultura popular brasileira. Nas Rodas, as pessoas se conhecem e interagem pelo canto, pelo olhar e pelo gesto, e em celebração à vida despedem-se com cheiros e abraços.



Coleta e organização dos dados: *vivências intergeracionais de educação musical*

(chegada)
FLOR, MINHA FLOR,
FLOR VEM CÁ...
FLOR, MINHA FLOR,
LAIÁ LAIÁ LAIÁ...



(chamada para a roda)
PUXA O BOI, MANÉ PUXA O BOI...
SUBINDO A LADEIRA, MANÉ PUXA O BOI...
NO CAMINHO DA ROÇA TEM MARACUJÁ,
SÓ NÃO TEM MADURO PRA MEU BEM CHUPAR.
PASSARINHO AVOA EU TAMBÉM QUERO VOAR,
OS BIQUINHOS PELO CHÃO,
AS ASINHAS PELO AR.
D. MARIQUINHA RODEI, D. MARIQUINHA RODAR...
OS BEIJINHOS BEJEI, OS BEIJINHOS BEJAR...



Coleta e organização dos dados: *vivências intergeracionais de educação musical*

(ciranda de Lia de Itamaracá)
MINHA CIRANDA NÃO É MINHA SÓ
ELA É DE TODOS NÓS, ELA É DE TODOS NÓS...
A MELODIA PRINCIPAL QUEM GUIA,
É A PRIMEIRA VOZ, É A PRIMEIRA VOZ.
PRA SE DANÇAR CIRANDA
JUNTAMOS MÃOS COM MÃOS,
FORMAMOS UMA RODA
CANTANDO UMA CANÇÃO.



(expressão corporal)
REBOLA BOLA,
VOCÊ DIZ QUE DÁ, NÃO DÁ
VOCÊ DIZ QUE DÁ NA BOLA,
NA BOLA VOCÊ NÃO DÁ.
REBOLA PAI, REBOLA MÃE,
REBOLHA FILHA,
EU TAMBÉM SOU DA FAMÍLIA
TAMBÉM QUERO REBOLÁ!



Coleta e organização dos dados: *vivências intergeracionais de educação musical*

(samba de roda)
O PIÃO ENTRou NA RODA, PIÃO (2x)
RODA PIÃO, BAMBEIA PIÃO (2x)
SAPATEIA NO TIJOLO, PIÃO (2x)
RODA PIÃO, BAMBEIA PIÃO (2x)
A MENINA NÃO É CAPAZ
DE RODAR O PIÃO NO CHÃO (2x)
LÁ VAI, LÁ VAI, LÁ VAI,
LÁ VAI O PIÃO NO CHÃO...
RODOU RODOU RODOU,
RODOU O PIÃO NO CHÃO!



(despedida)
A MODA DA MARIQUINHA
É UMA MODA ESTRAMBELHADA
PÕE O JOELHO EM TERRA
PARA O POVO FICAR PASMADO
PALMA, PALMA, PALMA, PÉ, PÉ, PÉ,
RODA, RODA, RODA, CARANGUEJO PEIXE É!
CARANGUEJO NÃO É PEIXE,
CARANGUEJO PEIXE É,
CARANGUEJO FOSSE UM PEIXE
DAVA UM BOTE NO SEU PÉ! ...
... MARIQUINHA SACODE A SAIA,
MARIQUINHA LEVANTA OS BRAÇOS,
MARIQUINHA TEM DÓ DE MIM,
MARIQUINHA ME DÁ UM ABRAÇO!

